

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Evelin Maria de Carvalho

Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de
Florianópolis – SC de 2016 a 2022

Florianópolis

2023

Evelin Maria de Carvalho

Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis – SC de 2016 a 2022

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciada em História.

Orientadores: Prof. Ma. Azânia Mahin Romão Nogueira e Prof. Artur Favaretto Pereira

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carvalho, Evelin Maria de
Trajetórias em disputa : ocupação e resistência da
juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis - SC de
2016 a 2022 / Evelin Maria de Carvalho ; orientadora,
Azânia Mahin Romão Nogueira, orientador, Artur Favaretto
Pereira, 2023.
134 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Juventude negra. 3. Batalha das Mina. 4.
Fluxo do Madalena. 5. Samba da Antonieta. I. Nogueira,
Azânia Mahin Romão. II. Favaretto Pereira, Artur III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos seis dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e três, às dezenove horas, na sala trezentos e onze do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Azânia Mahin Romão Nogueira, Orientadora e Presidente, pelo Professor Artur Favaretto Pereira, Orientador, pelo Professor Paulo Pinheiro Machado, Titular da Banca, e pela Professora Cristina Scheibe Wolff, Suplente, designados pela Portaria nº 45 /2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Evelin Maria de Carvalho**, subordinado ao título: **“Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis - SC de 2016 a 2022”**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Azânia Mahin Romão Nogueira e do Professor Artur Favaretto Pereira a nota final 10, do Professor Paulo Pinheiro Machado a nota final 10 e da Professora Cristina Scheibe Wolff a nota final 10; sendo aprovada com a nota final 10. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia treze de março de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 6 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Azânia Mahin Romão Nogueira

Documento assinado digitalmente
AZANIA MAHIN ROMAO NOGUEIRA
Data: 12/03/2023 21:21:36-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Artur Favaretto Pereira

Prof. Paulo Pinheiro Machado

Prof.a Cristina Scheibe Wolff

Candidata Evelin Maria de Carvalho



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto, para os devidos fins, que a acadêmica **Evelin Maria de Carvalho**, matrícula nº 18200956, entregou a versão final de seu TCC, cujo título é **“Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis – SC de 2016 a 2022”**, tendo realizado as devidas alterações sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 12 de março de 2023.



Documento assinado digitalmente

ARTUR FAVARETTO PEREIRA

Data: 12/03/2023 21:47:41-0300

CPF: ***.802.999-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador

À juventude negra dessa cidade e desse país, que tanto resiste e ainda há de brilhar por todas as ruas com sua cultura e esperança, máximo respeito. O futuro nos pertence!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Evelin de 17 anos por ter tido coragem de deixar tudo para trilhar um novo caminho em um lugar diferente. Sair de casa tão nova foi um dos maiores desafios que enfrentei até hoje, e a saudade de quem eu amo permanece viva.

Porém, esse sonho só se realizou por todo o apoio da minha família. Agradeço, sobretudo, à minha avó, Margarida, que me deu todo o suporte para que eu conseguisse chegar nessa reta final. Aos meus pais, Elisângela e Vanderlei, mas em especial à minha mãe, que nunca mediu esforços para ver suas crianças bem. Ao meu avô Toninho, que veio comigo até Floripa e fez com que eu me sentisse melhor com a mudança. Aos meus avós Isaías e Neuza, por sempre me incentivarem. Às minhas tias, em especial à minha tia e madrinha Dirce. Vocês estão no meu coração. Se não fosse cada incentivo, cada ajuda, eu não teria chegado onde estou.

À pessoa mais amada dessa “tata”, quem eu amo mais que tudo e que sempre esteve comigo nessa vida. Eu sou muito feliz por ser sua irmã e ter em minha vida alguém como você, que sempre me ajudou, conversou comigo todos os dias e que, mesmo longe, sempre esteve tão perto. Você é absurdamente importante para mim e foi essencial nesse período.

Ao meu companheiro, Nicholas, obrigada por sempre me incentivar e acreditar em mim mesmo quando eu não acredito. Pode ter certeza que contigo essa reta final se tornou bem menos árdua, e espero que estejamos sempre assim, bem e juntos. Você é e foi muito importante nesse processo e nas coisas da vida.

Aos amigos que construí em Floripa, que se tornaram minha rede de apoio, foram e são muito importantes para a minha permanência na cidade. Aos colegas de turma de 2018.2, em especial ao Pedro, ao Barbi, ao Renan e ao Gabs pelas tardes no bosque do CFH, e a tantos outros que fizeram parte dessa trajetória.

À Thais Ceccato, que foi minha primeira amiga quando cheguei aqui, quem me acolheu, quem me ajudou, quem esteve comigo nas horas boas e ruins, agradeço pelas pizzas nas madrugadas e por tudo o que já vivemos; por toda a bagagem, mas também por sempre me chamar para trabalhar em concursos, salvando a grana do mês! Isso foi bem importante...

Ao Roberto e à Gabe, que foram importantes para que esses anos fossem suportáveis e sempre estiveram dispostos a ajudar, ouvir e acolher. Obrigada pelas conversas dos assuntos mais variados, pelas festas, pelos rolês; enfim, por serem amigos. Gabe, que por tanto tempo esteve comigo atuando no CALH, foi sempre amiga e camarada; Roberto, que esteve presente nos trabalhos e na vida: agradeço imensamente a vocês.

Ao Fava, que é meu maior amigo, obrigada por todos esses anos juntos, por toda a cumplicidade e apoio. É quem esteve comigo em todas as horas e para todas as coisas, quem foi alicerce, amigo e camarada – e agora orientador. É quem sempre esteve presente, na vida, nas disciplinas e na militância; quem me mostrou que é possível lutar contra as injustiças que nosso povo sofre, quem consegue me entender e sempre me ajudou. Muito obrigada.

Agradeço também às pessoas que conheci na trajetória de militância. Aos meus camaradas, por todo o aprendizado para entender a luta do nosso povo na busca por um mundo novo. Ao Movimento Estudantil da UFSC, em que pude perceber que não tem como se graduar sem defender a universidade pública, gratuita e de qualidade, onde nossos direitos foram fortemente atacados nesses cinco anos. Ao Centro Acadêmico Livre de História – CALH, que foi o pilar para que eu entendesse a importância em militar; aprendi muita coisa ali. À Federação do Movimento Estudantil de História – FEMEH, que construí por dois anos, graças ao incentivo do Cunha, pessoa mais apaixonada pela FEMEH que eu conheço; onde pude ser e ajudar a construir a federação na região sul. Fico feliz por ter conhecido pessoas incríveis do curso de História.

Agradeço aos professores da UFSC que fizeram parte dessa minha trajetória, a todo o departamento de História, em especial ao professor Fábio Morales, com quem pude aprender a questionar todas as coisas e de quem fui monitora durante um ano. Ao professor Sandor Bringmann, que esteve conosco durante um ano de estágio, sempre se preocupando com a turma e em defesa da educação. Aos colegas e às experiências vividas no PET. Ao professor Paulo Pinheiro Machado, meu primeiro contato com professor na graduação e com quem mais fiz matérias ao longo do curso, e que sempre foi muito importante.

Não poderia deixar de falar dos técnicos Milano e Cris, que sempre estiveram dispostos a ajudar em tudo o que precisei até hoje; que, além do trabalho, também dão apoio aos estudantes. Obrigada, Milano, pelos cafezinhos, pelo papo e incentivo.

Gostaria de agradecer à Azânia, que topou ser uma de minhas orientadoras e teve toda a compreensão possível, me ajudou a ter um olhar crítico sobre a cidade, ensinou e aprendeu junto comigo sobre o Centro-Leste. Te admiro para além de ser orientadora, também como pessoa e militante. Muito obrigada por essa experiência.

Por fim, agradeço também ao Paulo Pinheiro Machado e à Cristina Scheibe Wolff por aceitarem compor a banca avaliadora.

Juventude negra, levanta tua bandeira, contra o racismo e a burguesia inteira!

(FREJUNA)

RESUMO

O presente trabalho visa a contribuir para a discussão acerca da resistência e das disputas pela ocupação do Centro-Leste em Florianópolis – SC, partindo da experiência da juventude negra na Batalha das Mina, no Fluxo do Madalena e no Samba da Antonieta, sob o período que compreende do ano de 2016 ao de 2022. Diante disso, objetivamos analisar o movimento de ocupação e reivindicação do Centro-Leste como espaço de articulação e expressão cultural da juventude negra, a fim de explorar as iniciativas culturais e discutir os significados construídos aos olhos dessa juventude. A base de contextualização da pesquisa se deu por meio de revisão bibliográfica sobre o processo de formação sócio-histórica do Centro da cidade e construção da sua vida noturna, estudo que combinamos ao trabalho com a História Oral, também travando diálogos entre as entrevistas e arquivos digitais relacionados a essas alternativas culturais. Neste processo, evocando as narrativas da juventude negra inserida no meio cultural local em contraponto a toda a história de opressão que impera em nosso país, a toda a violência das classes dominantes, destacamos o Centro-Leste como um território que emana uma rica identidade própria. Anunciamos uma juventude que ali se lança sob uma identificação coletiva entre seus papéis culturais, impulsionando novas possibilidades de construção de relações afetivas, uma nova sociabilidade, principalmente pautada no acolhimento, na descoberta e no fortalecimento da cultura e da esperança do povo negro.

Palavras-chave: Juventude negra; Centro-Leste; Batalha das Mina; Fluxo do Madalena; Samba da Antonieta.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the discussion about the resistance and disputes for the occupation of the Center-East in Florianópolis – SC, starting from the experience of black youth in Battle of Mines (Batalha das Mina), in Magdalene's Flow (Fluxo do Madalena) and in Antoinette's Samba (Samba da Antonieta), under the period which ranges from 2016 to 2022. In view of this, we aim to analyze the occupation movement and claim of the Center-East as a space for articulation and cultural expression of black youth, in order to explore cultural initiatives and discuss the meanings constructed by that youth perspectives. The basis of contextualization of this research was through a bibliographic review on the process of socio-historical formation of the city center and construction of its nightlife, a study that we combined with the work with Oral History, also engaging in dialogues between interviews and digital archives related to these cultural alternatives. In this process, evoking the narratives of black youth inserted in the local culture in contrast to the entire history of oppression that prevails in our country, to all the violence of the ruling classes, we highlight the Center-East as a territory that emanates a rich identity of its own. We announce a youth that launches itself in that territory under a collective identification among its cultural roles, promoting new possibilities for building affective relationships, a new sociability, mainly based on welcoming, discovering and strengthening the culture and hope of the black people.

Keywords: Black youth; East Center; Battle of Mines; Magdalene's Flow; Antoinette's Samba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Setor Leste e principais referências.....	27
Figura 02 – Colagem de artes dos eventos da Batalha das Mina.....	36
Figura 03 – Mana Moa MC se apresentando na programação especial Convoca Resistência....	37
Figura 04 – Policiais na BM.....	39
Figura 05 – Arte de chamado para o Samba da Antonieta.....	47
Figura 06 – Samba da Antonieta.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA – Batalha da Alfândega

BM – Batalha das Mina

EC – Emenda Constitucional

FREJUNA – Frente da Juventude Negra Anticapitalista

G1 – Portal de notícias da Rede Globo

G.R.E.S. Consulado – Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado, agremiação do Carnaval de Florianópolis – SC

MC – Mestre de Cerimônia

NSC – “Nossa Santa Catarina”, emissora afiliada à Rede Globo de Televisão em Santa Catarina

PM – Polícia Militar

PT – Partido dos Trabalhadores

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. HISTÓRIAS EM DISPUTA: A OCUPAÇÃO DO CENTRO-LESTE.....	22
1.1. UM BREVE OLHAR PARA A FORMAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DESTE ESPAÇO.....	22
1.2. “CENTRO-LESTE”? SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES DO TERRITÓRIO.....	26
2. “A GENTE É MOVIDO À CULTURA, SÓ QUE TIRAM ISSO DA GENTE”	32
2.1. BATALHA DAS MINA.....	33
2.2. <i>FLUXO</i> DO MADALENA.....	41
2.3. SAMBA DA ANTONIETA.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
FONTES.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DAS ENTREVISTAS.....	60
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	61

INTRODUÇÃO

A realidade brasileira tem como pilar de sua evidente e profunda violência uma estruturação socio-histórica que assegura, dos tempos pretéritos aos dias de hoje, a particularidade de uma vida marginalizada ao povo negro. Superexplorada desde a época escravista colonial, esta parcela, que representa mais da metade de nossa população, sofre de forma cada vez mais brutal na dinâmica capitalista dependente¹ uma ordem de descaso diante do projeto genocida das classes sociais dominantes. O cotidiano de uma pessoa negra, desde a sua juventude, é de direitos básicos negados, futuros incertos e os piores índices, como indica o Censo Demográfico (BRASIL, 2010), em questões de acesso e garantia à saúde, à moradia, à cultura, à educação, ao lazer, ao emprego e a uma série de outros direitos básicos. Como entoado por Dandara Manoela em sua música “Meu canto”, vivemos em um país onde “a fome ocupa os mesmos pratos [...] e a bala ocupa os mesmos corpos” (SANTOS, 2019).

Diante desse cenário, esta pesquisa parte de um contexto socio-histórico e espacial específico, avançando nas discussões sobre direito à cidade, juventude negra e movimentos culturais no Centro-Leste² de Florianópolis – SC no período que compreende dos anos de 2016 a 2022. Destacamos essa janela temporal considerando não só as iniciativas populares e as políticas do governo municipal na cidade, mas também observando que este debate geral sobre cultura, racismo, repressão e organização popular sofreu significantes impactos sob as políticas orquestradas no desenrolar do movimento golpista que, em 2016, destituiu da presidência a petista Dilma Rousseff³. De acordo com Anita Leocádia Prestes (2019), com o impeachment da então presidenta, promoveu-se uma intensificação da ofensiva do capital financeiro internacionalizado, como consequência da crise que afetou a economia capitalista mundial a partir de 2008. Isto se combina à incapacidade do PT de combatê-la (seja cedendo aos interesses do capital, seja na defesa do nosso povo), como pano de fundo do que foi a abertura de flancos ao golpismo. De forma geral, teve-se então instaurada uma realidade de acirramento da

¹ Sobre capitalismo dependente “o que é essencial ter-se em mente’ é que, nas condições da América Latina, por causa de suas origens coloniais e das implicações da transição neocolonial, o ‘capitalismo moderno’ nasce, consolida-se e evolui repetindo o ‘típico’ de modo peculiar . e criando a sua própria conexão histórica ‘particular’”. (FERNANDES, 1972, p. 91)

² A caracterização como Centro-Leste é uma escolha política diante dos usos que são atribuídos àquela região e com os quais a juventude negra local mais se identifica, como veremos adiante.

³ Dilma Rousseff foi presidenta do Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em dois mandatos consecutivos, de 2011 a 2016, quando foi deposta em um processo golpista.

pauperização da vida do povo, sob condições degradantes e progressiva anulação de perspectivas de futuro digno.

É importante ressaltar que, apesar de chamarmos atenção ao aprofundamento dessas políticas desmanteladoras numa conjuntura recente, entendemos que toda a trajetória nacional é pautada em desigualdades sociais profundas, de modo que, mesmo no processo de redemocratização, as verdadeiras liberdades democráticas nunca foram asseguradas ao povo trabalhador. Ainda que sob um olhar histórico sucinto, é fácil constatar que os direitos previstos na Constituição Federal de 1988 não se fizeram valer para a periferia. Assegurando entulhos do período ditatorial civil-militar, a constituição vigente firma a tutela militar sob o Estado brasileiro, resguardando a orquestração do poder das Forças Armadas em nosso país, o que tomou uma característica ainda mais recrudescedora com a alçada da figura repugnante de Jair Bolsonaro⁴ à presidência. Em uma acentuada guinada fascizante⁵ do Estado e de sua intensa

⁴ Jair Messias Bolsonaro foi presidente do Brasil de 2019 a 2022, perpassando diferentes partidos e hoje sendo filiado ao Partido Liberal (PL).

⁵ “Partimos da compreensão apresentada nos materiais ‘O que é fascismo?’ e ‘O que é fascismo? (parte 2)’ produzidos pela militância da Juventude Comunista Avançando – JCA Florianópolis a partir de contribuições principalmente, dos intelectuais Georgi Dimitrov e Florestan Fernandes. Segundo esta organização política: o processo de fascistização acontece não só pela eleição ou ascensão de um governo fascista (ou de núcleo duro fascista), mas pela ação consciente do capital financeiro em garantir suas posições e direção na sociedade de maneira terrorista, chauvinista, policialesca, e isso acontece para além da institucionalidade do governo. Dessa maneira, o fascismo rompe com as próprias concessões e os acordos dentro do campo estabelecido pelas correlações de força na sociedade; que não quer disputar com a oposição, mas sim liquidá-la em defesa dos valores mais conservadores, reacionários, antipopulares e racistas. Este processo é visto com o atrelamento da estrutura sindical brasileira ao Estado – tratado como uma herança muito conservadora, retrógrada e antidemocrática, carregada desde os governos Vargas –; a perseguição, criminalização e tentativa crescente de extermínio dos movimentos sociais de trabalhadores, estudantes, camponeses, de pautas emancipatórias e que dizem respeito a um outro projeto de sociedade, como a luta contra o racismo e o patriarcado; ou a instituição de uma intolerância generalizada contra posições que mostrem contradições com o capitalismo. Há uma grande diferença entre a escalada fascista nos países de capitalismo central e nos de capitalismo dependente – que é o caso do Brasil, como comentado anteriormente. Nesta realidade dependente, a burguesia local nasce coordenada e submetida aos interesses do imperialismo, uma situação histórica muito diferente da formação social nos Estados Unidos e em boa parte da Europa, onde o desenvolvimento de uma burguesia nascida da luta e da vitória contra o antigo regime produziu uma sociedade muito diferente. Assim, enquanto a escalada fascista tem um conteúdo verdadeiramente nacional na Itália, na Alemanha e nos Estados Unidos, na medida em que controlam e organizam setores determinantes da burguesia internacional, a fração hegemônica que dirige esses países é a sua própria burguesia financeira nacional – então, quem ‘manda e desmanda’ é a burguesia do próprio país. No caso dos países dependentes, como o Brasil, entretanto, a dinâmica é outra: a fração hegemônica do capitalismo dependente brasileiro é o imperialismo. Então são as potências estrangeiras e o capital financeiro internacional que, em última instância, organizam a exploração da força de trabalho brasileira e articulam, junto com as elites brasileiras, o sistema político e o seu fascismo de uma maneira própria, vira-lata, entreguista e pseudopatriota. Em um período de fascistização do Estado se radicaliza a agressão das classes dominantes em todas as esferas da sociedade civil, como o que se vê no Brasil. Cada vez mais embutida nas vias institucionais – desde os elementos ditatoriais da constituição de 88, até traços comuns da cultura em geral –, a fascistização se acelerou com a eleição do Bolsonaro pra presidência, e os ataques à saúde, educação e ao povo mais pobre vem apenas como um começo do governo desastroso. O núcleo duro, mais próximo do presidente – este sim um fascista – almeja e planeja um autogolpe, uma virada para liquidar qualquer mediação da semidemocracia, muito limitada, que vivemos. Prova disso é que em menos de três anos como presidente, Bolsonaro e seu governo entreguista se aliaram ainda mais ao imperialismo norte-americano, reforçaram os privilégios dos militares e da burguesia nativa, acirrando ainda mais

militarização, do patrocínio à lógica policialesca e da instauração de verdadeiro terror ante nosso povo, a faceta nua e crua do racismo das elites incita o aprofundamento de um reacionarismo que foi ganhando corpo também no discurso público. Também no estado catarinense foi se fortalecendo a articulação da extrema-direita, dando uma guinada reacionária que aprofunda o histórico controle oligárquico repressivo e excludente ante o povo negro, por parte de uma elite enganosa, racista e exploradora. Em compasso, nessa guerra que extrapola as ideias e se consolida na materialidade da exclusão, da marginalização, do genocídio e da precarização da vida, o povo negro e pobre nas cidades (bem como o movimento popular em geral) encontra desafios ainda maiores na luta contra o extermínio de seus sonhos e suas ferramentas de luta⁶.

Nesse cenário, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o movimento de ocupação e reivindicação do Centro-leste de Florianópolis como espaço de articulação e expressão cultural da juventude negra, especialmente no período de 2016 a 2022. Para tanto, compreendemos ser necessário construir este estudo partindo também de alguns objetivos específicos, sendo eles: a) Contextualizar as disputas pela ocupação do Centro-Leste e sua relação com o povo negro; b) Explorar a realidade cultural vivenciada pela juventude negra em Florianópolis e suas iniciativas de destaque no território do Centro-Leste; c) Discutir os significados construídos na ocupação do Centro-Leste pela juventude negra a partir de sua visão. Dessa maneira, nas próximas páginas, tratamos dos diversos entendimentos sobre a importância e significados desse território para o povo negro, partindo da análise das iniciativas da Batalha das Mina, do *Fluxo* do Madalena e do Samba da Antonieta enquanto instrumentos de resistência e ocupação desse espaço.

Frente a isso, também, consideramos o Centro-Leste enquanto um território em disputa entre arte e cultura *versus* repressão, e situamos nossa análise sobre as questões ligadas ao lazer diante das lutas e da intensificação de políticas antipovo instauradas a partir do governo golpista

as contradições de classes e fazendo de tudo para sabotar e liquidar a organização do povo – com perseguição aos sindicatos, com a reforma sindical, agressão constante à UNE [União Nacional dos Estudantes] e às universidades e vários outros ataques, tudo isso junto de um forte obscurantismo ideológico –, não sendo também à toa que o posicionamento favorável do presidente a iniciativas como o ‘Escola Sem Partido’. Logo, o fascismo não precisa carregar as semelhanças estéticas da Alemanha e da Itália do século XX, afinal, a crise estrutural do capital, o entreguismo, as privatizações generalizadas e a autocracia do governo já demonstram esse processo acontecendo no Brasil e na América Latina como um todo, como já aconteceu antes” (JCA, 2020 apud FAVARETTO P., 2022).

⁶ Para mais elementos, pode-se conferir a edição especial do Jornal Avançando disponível em: https://issuu.com/jcabrasil/docs/ja_movnegro. Acesso em 23 jun. 2022.

de Temer⁷, a exemplo da Emenda Constitucional do Teto de Gastos⁸ (EC 95/2016), que influenciou o aumento desenfreado da pobreza – imensamente alavancado no governo Bolsonaro, com o país retornando ao Mapa da Fome (G1, 2022). Além da vontade e da orientação política, o acesso ao lazer depende de fatores infraestruturais – condições materiais, financeiras, de alimentação e moradia digna – que estão cada vez mais escassos ao povo, tomando por base os impactos dessas medidas asfixiantes dos governos.

Em meio a tudo isso, esta pesquisa também está relacionada a um combate ao epistemicídio⁹ e ao apagamento do povo negro na universidade, da produção de saber e troca desse saber, somando a importância de uma mulher negra ocupar esse posto de pesquisadora (que também é militante) e apresentar um contraponto ao projeto político que nos é imposto. Ressaltamos isso porque é possível analisar que,

apesar da presença crescente de mulheres na academia, a ciência, e conseqüentemente a universidade, ainda é um espaço de poder branco, masculino e heterossexual, pois 'não é nem nunca foi neutra do ponto de vista de gênero, classe, raça/etnia'. (SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 2 apud NOGUEIRA, 2018, p. 25)

Por essa razão, a forma como a instituição universitária foi construída e opera até hoje colabora com esse escanteamento. Ainda assim, faz-se suscetível à disputa e ao tensionamento para a reorganização dessa produção e a valorização da contribuição negra ao país.

É por esse motivo que esse trabalho é desenvolvido, com a intenção de contribuir ao debate sobre o direito à cidade, sobre a perpetuação do racismo (e sua interligação a outras opressões) e a falta de acesso ao lazer, para buscar entender como a juventude negra vem se articulando nesses territórios, assim como instigar essa juventude a se integrar ao debate de ocupação do Centro-Leste e a reconhecer a potencialidade para a articulação de luta nesse espaço de disputa.

Para possibilitar essa construção da pesquisa, o referencial para o debate teórico-metodológico é diverso. Partimos de uma revisão bibliográfica que busca combinar diferentes referências sobre a formação sócio-histórica do Centro de Florianópolis; o processo de ocupação do povo negro; a história da vida noturna na cidade; as iniciativas de lazer e os

⁷ Michel Temer era vice-presidente no segundo mandato de Dilma Rousseff e assumiu o posto máximo do Executivo de 2016 a 2018, atuando pelo partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

⁸ Sobre a Emenda Constitucional do Teto de Gastos, conferir: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351>. Acesso em: 13 de jul. 2022.

⁹ Entende-se por epistemicídio o genocídio de epistemologias, marcado pela desqualificação do pensamento da militância negra ante o discurso do branco, que é legitimado como fonte de autoridade sobre a pessoa negra (CARNEIRO, 2005)

movimentos culturais que são estudados.

Quanto ao trabalho com a História Oral, em Verena Alberti (2006) temos relevantes apontamentos sobre como é positiva a comparação de entrevistas com outros documentos de arquivo, pois isso dá ao pesquisador a possibilidade de observar como a memória sobre o passado se articula. Nessa perspectiva, combinamos a História Oral ao exercício de manejo de arquivos digitais, em complemento à revisão bibliográfica que abre as discussões e contextualizações da pesquisa.

Partimos da compreensão levantada por Verena Alberti (2006) de que, ao nos apropriarmos dos entendimentos de uma pessoa entrevistada, além da sua visão sobre os acontecimentos, estarão entrelaçadas também as suas vivências e as relações dos seus grupos, assim como sua forma de ver o mundo. Dessa forma, tomando diferentes narrativas sobre um mesmo tema, podemos também captar nas contribuições de Portelli pistas para um trabalho de diálogo entre as fontes: “as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são [...] exatamente iguais” (PORTELLI, 1997, p. 16). Em adendo, colocamo-nos à análise compreendendo que são necessários cuidados ao escrever sobre uma iniciativa que se configura no tempo presente e sobre a qual também influenciemos enquanto comentamos, devendo ter expressamente esclarecido nesse processo que “a objetividade científica não consiste em nos ausentarmos da cena do discurso e em simularmos uma neutralidade que é tão impossível quanto indesejável [, mas] [...], antes, em assumir a tarefa da interpretação, que cabe aos intelectuais” (PORTELLI, 1997, p. 26). Desse modo, não cabe ao pesquisador sequer se pretender neutro, de forma que, nas discussões acerca das entrevistas, demarca-se aqui um claro posicionamento solidário de compartilhamento de vivências, de buscar entender como essas vozes, sendo pessoas da cena local, condensam a expressão das vontades, indignações e esperanças dessa juventude – ainda que isso não signifique concordância plena nos apontamentos das pessoas entrevistadas, tampouco uma tomada como verdade de todas suas posições.

Ademais, as entrevistas serão utilizadas considerando que “o diálogo implica uma conversa entre dois sujeitos, não um discurso de sujeito e objeto. É um discurso humanizador, que confronta e resiste à dominação” (hooks, 1989, p. 131), no entendimento de alçar tais sujeitos como destaque na produção de conhecimento, tanto no sentido do que comunicam e entrelaçam na produção das fontes (com as entrevistas) quanto ao que é aqui analisado e elaborado pela pesquisadora. Para complementar, Collins (2019) articula a ideia de que, especialmente para mulheres negras, são raras novas reivindicações de conhecimento que sejam

elaboradas de forma isolada de outros indivíduos, sendo que, na maior parte das vezes, são desenvolvidos diálogos com outros membros da sociedade. Esta pesquisa caminha na contramão disso, visando a firmar o protagonismo negro no debate social e historiográfico, bem como considerando o que foi trazido por Paulo Meksenas (2011) acerca das ideias de Paulo Freire, que indica que ao fazer pesquisa com grupos populares também se educa – a si e ao outro, em conjunto.

Buscamos entrevistar cinco pessoas que estão inseridas nos movimentos culturais analisados. Dentre as possibilidades, conseguimos contatar Mana Moa MC, uma mulher negra, mãe, rapper e produtora cultural que fez parte da organização da Batalha das Mina, do coletivo Trama Feminina¹⁰ e da Dissemina Produções¹¹. Além desta, entrevistamos Giovani e Rômulo, conhecidos como Vani e Roma, que são irmãos gêmeos, graduandos em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), produtores culturais negros e idealizadores do Baile dos Gêmeos, que ocorre, em algumas edições, na região do Centro-Leste. Vani e Roma também participaram do processo de surgimento do *Fluxo* do Madalena. Para somar na pesquisa, entrevistamos também Luiza Fonseca, jovem negra vinculada à tradição do samba na cidade e frequentadora do Samba da Antonieta, e Luiza Góes, atriz, licenciada em teatro pela UDESC, porta-bandeira do Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado (G.R.E.S. Consulado) e frequentadora dos espaços locais de samba. Para isso, organizamos uma entrevista parcialmente estruturada, com a elaboração de um roteiro geral aberto a adaptações e aprimoramentos de acordo com o andamento das conversas.

Procuramos complementar a análise das entrevistas combinadas ao estudo de arquivos digitais, ao nos debruçarmos na análise de materiais como chamados para eventos, via postagens em redes sociais como Instagram e Facebook; ou ainda o uso de notícias e reportagens sobre acontecimentos da região do Centro-Leste. Também usamos de comentários em redes sociais, pronunciamentos de autoridades e outras discussões públicas para complementar as explicações ou ilustrar as questões que estamos levantando (desde os eventos até episódios de conflitos).

Partindo à organização geral do trabalho, no primeiro capítulo, intentamos compreender como foi o processo de formação do Centro de Florianópolis, com atenção à sua porção leste, a fim de historicizar o debate sobre o direito à cidade e os motivos por trás do

¹⁰ Coletivo de mulheres MCs independentes.

¹¹ Produtora musical idealizada pelas organizadoras da Batalha das Mina.

escanteamento do povo negro, entendendo que está alicerçado em toda uma carga de apagamento, silenciamento e extermínio. Entretanto, levantamos essa discussão sem pretensão de fazer uma profunda digressão para reconstituir a história de ocupação da cidade. Em adendo, identificamos como isso se deu fortificado em um projeto de gentrificação e marginalização dos sujeitos que ocupam esse espaço, expressando sua lógica transgressora à ordem tanto cultural e artisticamente quanto politicamente.

O segundo capítulo, por sua vez, explora a realidade de uma Florianópolis que não promove o acesso ao lazer para juventude e como historicamente a juventude negra é escanteada na cidade. E, partindo dessa constatação, evidencia as alternativas de lazer e resistência da juventude negra que se destacam frente a essa degladição com o poder público e as camadas dominantes, ressaltando os dilemas na construção desses espaços e como estes têm um caráter que reivindica toda uma luta histórica e diferentes formas de organização e alternativas de agremiação do povo negro. Pois, considerando o entremeio dessas alternativas ao sentido coletivo de luta e resistência do povo, perpassando disputas institucionais e, sobretudo, como trabalham sua expressão através da arte, dos bailes ao samba ou no movimento Hip Hop.

Com isto, portanto, este trabalho é apresentado como uma contribuição ao registro histórico da ocupação da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis e suas manifestações culturais, assim como uma tentativa de dar voz às narrativas do povo negro que vive organicamente aquele espaço, entendendo as dificuldades da construção de seus rolês¹² e suas lutas, de projeção no meio acadêmico e de reconhecimento pela tamanha contribuição à nossa nação.

¹² Gíria utilizada pelo público jovem local para se referir a festas. O termo será utilizado no trabalho como forma de identificação com esse linguajar.

1. HISTÓRIAS EM DISPUTA: A OCUPAÇÃO DO CENTRO-LESTE

Marcando disputas que se estendem de um passado longínquo às discussões atuais, as reflexões ao redor da ocupação do espaço público em Florianópolis, assim como em todo o país, resguardam questões peculiares quanto aos aspectos de raça, classe, gênero e outros marcadores sociais de diferenças – que são operadas para criar desigualdades. Como já introduzido neste trabalho, pretendemos aqui contribuir ao debate historiográfico sob um olhar disruptivo da construção histórica hegemônica – do silenciamento, apagamento, genocídio. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar uma breve reconstituição, por meio do trabalho de revisão bibliográfica e cruzamento de análise junto às fontes produzidas para esta pesquisa, das transformações que reverbera(ra)m e forma(ra)m o significado desse território para a juventude negra, especialmente nos dias de hoje, tal qual de como se vincula o discurso público e a ação estatal nesses processos de modificações e disputa em torno do território.

1.1. UM BREVE OLHAR PARA A FORMAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DESTES ESPAÇOS

Partir à discussão sobre a ocupação territorial e os componentes socio-históricos que marcam esse processo nos coloca a necessidade de, previamente, pincelar rápidas considerações sobre a ideia de cidade e do uso que os espaços têm nesta. Para uma perspectiva geral sobre isso, encontramos em escritos de Henri Lefebvre (1968) relevante contribuição, compreendendo na obra do filósofo que, a partir de uma formação moderna de cidade, intensificou-se a exploração de toda a sociedade, uma vez que a cidade organiza a exploração não só da classe operária, como também de outras camadas não dominantes que ali se inserem. Desse modo, o urbano intervém nos meios de produção e não ocupa um lugar passivo na produção.

Adentrando a especificidade da região leste do Centro de Florianópolis, observamos que esta porção tem passado por transformações físicas e sociais significativas, o que também levou a um avanço, ao longo das últimas décadas, em estudos e reflexões sobre a região em diversos campos de pesquisa, nos veículos midiáticos e no debate público – do povo em geral e de seus agrupamentos e coletivos. Com isso, é possível analisar diferentes pontos de vista sobre o assunto, explorando, também através da oralidade, as narrativas de pessoas que frequentam tal espaço. Essa análise da ocupação histórica e dos traços atuais desta, por sua vez,

apresenta outros elementos muito importantes ao debate político, cultural e racial que sustenta e permeia a construção dessa pesquisa.

De acordo com Azânia Nogueira, em sua dissertação “Territórios Negros em Florianópolis” (2018), a região central carrega uma alta concentração de pessoas negras em comparação ao restante do município¹³, e essa intensa presença faz parte da formação socio-histórica da cidade. Em função dessa carga histórica, até hoje existe uma presença significativa (para o contexto local) de pessoas negras no que hoje é apropriado sobre o nome de Centro-Leste.

Ao fazer uma retomada histórica sobre o processo de ocupação do povo nessa região, assim como a intensificação da pobreza e a precarização da vida urbana em Florianópolis, trazemos as contribuições de André Santos (2009), que ressalta que, durante o século XIX, a população crescia na cidade e começava a se deslocar para as áreas portuárias, que iam sendo tomadas pelo comércio; daí, então, começou-se a formar uma série de cortiços e casinhas por todo o lado, especialmente nas regiões próximas ao porto. A parcela da população que ocupava esses espaços eram composta por gente mais pobre, “mestiços” e negros livres, viúvas, soldados e lavadeiras. A partir disso, fica perceptível o papel das relações de gênero, raça e classe na organização do espaço em Florianópolis em diferentes momentos históricos, de modo que essa configuração determina onde as pessoas negras e pobres irão morar e, conseqüentemente, o acesso a espaços de lazer.

Sob as contribuições de Glaucia Costa (2004), podemos acessar o debate sobre a construção da vida noturna e como as alterações da cidade têm impacto sobre o desenvolvimento das alternativas de lazer ao longo dos anos. No século XIX, com a falta de iluminação noturna, era dificultada a possibilidade de as pessoas encontrarem meios de diversão. As duas alternativas públicas existentes eram controladas pela igreja ou pela municipalidade, e essas festas eram controladas pelas Posturas Municipais, que, além de proibirem o trânsito de pessoas depois das 22 horas da noite, criavam outras regras para fazer esse controle, normatizando os usos da noite e legalizando as sociabilidades (COSTA, 2004). Desse modo, essas Posturas influenciaram na dificuldade do surgimento de uma cultura noturna na cidade.

A autora ainda destaca que as Posturas, não por acaso, proibiam as atividades ligadas

¹³ Segundo a autora, este é o bairro com o segundo maior contingente populacional autodeclarado negro em Florianópolis.

ao samba e batucadas, além de todas as demais atreladas à cultura negra. Também marcando o controle e a segregação, era apenas durante a noite que as pessoas escravizadas e os prisioneiros tinham permissão para sair e jogar fora as águas sujas e as fezes que acumulavam ao longo do dia:

Eram nessas horas silenciosas, tristes e apagadas da cidade que desciam do Mato Grosso, da Tronqueira¹⁴, de mais longe ou de mais perto, de quase todas as casas, negros escravos com os vasilhames à cabeça, solenes com a sua coroa de trampa, gingando sobre o empedramento mal nivelado das ruas, pingando aqui, gotejando ali, o caldo nauseabundo, rumo à água do mar (CABRAL, 1979, p. 177 apud COSTA, 2004, p. 32)

Por sinal, a promoção desse preconceito e divisionismo não acontecia somente através de restrições: eram aplicadas multas aos vendeiros que permitissem permanecer dentro dos armazéns vadios e escravizados por mais tempo que o necessário para compra ou venda, assim como

consentir nas ditas casas de negócios e quitandas, ou às portas, ajuntamento deles, toques, danças ou quaisquer vozerias, [caso em que será multado] em 10\$000 pela primeira vez, em 20, pela segunda e em 30\$000 pela terceira, ou tantos dias de cadeia quantos forem os mil réis da multa pecuniária. (CABRAL, 1979, p. 388 apud COSTA, 2004, p. 32)

Glaucia Costa ainda ressalta em sua obra que, mesmo com as proibições, os sambas, as festas e as distrações noturnas seguiam acontecendo. Apesar dos riscos, já que a falta de iluminação dificultava uma fiscalização mais assídua, era na taverna que a população se reunia e os homens socializavam, os escravizados tocavam seus batuques e faziam suas danças e as prostitutas desfrutavam do convívio social. Desse modo, não é de hoje que o poder público, pelas leis e a força policial, coíbe o acesso ao lazer e à cultura a pessoas negras e marginalizadas.

As políticas higienistas se intensificam no século XX, de acordo com André Santos (2009). No início do século, a investida contra os casebres e cortiços e os pobres que viviam na região central foram incrementadas em seu caráter repressivo. A imagem atrelada era a da pobreza, que enfeiava a estética da cidade, devendo ser combatida e mascarada. Podemos analisar isso no trecho de descrição que apresenta uma parte do que hoje é conhecido como Centro-Leste:

O Beco Irmão Joaquim, com seus cortiços margeando o canal da Fonte da Bulha até a Pedreira, era um verdadeiro foco de miasmas e um conhecido foco de vadiagem. Não havia ali a menor noção de higiene. Os casebres não tinham instalação de esgotos.

¹⁴ Atual rua General Bittencourt.

As defecções eram feitas no canal [...]. Quilômetros assim, rumando o leito da Fonte da Bulha, a mesma prática dos moradores pobres, sem noção da limpeza e dos bons ensinamentos da higiene. (BPESC, 1920 apud SANTOS, 2009, p. 487)

Os antigos bairros da região central foram alvos de mudanças por meio de práticas sanitárias que estavam por trás de um forte caráter higienista, sob o objetivo de acabar com o “atraso, doenças, sujeira e a pobreza” (SANTOS, 2009, p. 487). Porém, intensificou-se o problema de moradia na cidade em resultado das demolições, do alto custo para construir casas sob as normas municipais e da canalização do Rio da Bulha ao ano de 1920. Houve também uma associação das atividades das lavadeiras como algo negativo, fazendo com que “essas trabalhadoras deixassem de ser figuras ‘onipresentes’ da cidade para subirem as encostas do Morro do Antão, hoje conhecido como Morro da Cruz” (NOGUEIRA, 2018, p. 63).

Com o setor cultural da cidade, não foi diferente. A pesquisadora Glauca Costa (2004) aponta que as políticas higienistas serviram também para uma mudança na vida noturna na cidade por estarem cada vez mais voltadas para a elite local e as pessoas que se enquadrassem nos padrões de conduta. Sendo assim, nas passagens da década de 1950 para 1960, os lazeres estavam bastante localizados no Centro da cidade. No Centro, também, que estavam localizados os “cafés, dos bares, das confeitarias, dos cinemas, e era lá também que estavam localizados os principais clubes sociais: o Doze de Agosto e o Lira Tênis Clube” (COSTA, 2004, p. 58) – principais, porém, ao lazer branco. Ao povo negro, a restrição de acesso se estendia a esses clubes, sendo o lazer institucionalizado altamente segregador. Assim, a opção era, então, a fundação dos próprios clubes negros, como os clubes 25 e o Novo Horizonte¹⁵.

Um novo jeito de vivenciar a vida noturna surge como alternativa “saudável” para as tabernas, sendo esses divertimentos destinados à elite local e noticiados nos jornais sob o intuito de firmar a imagem de que Florianópolis tinha meios de diversão, como uma forma de deixar a cidade moderna. Enquanto isso, os meios de lazer que as camadas populares utilizavam eram completamente ignorados pela imprensa. Tudo isso intensificou a segregação social, um meio de tirar do centro da cidade o povo pobre, suas moradas e práticas cotidianas, tal qual acentuar a clivagem entre as diversões consideradas adequadas e inadequadas (COSTA, 2004).

Desse modo, é possível perceber como essas proibições noturnas estão ligadas também

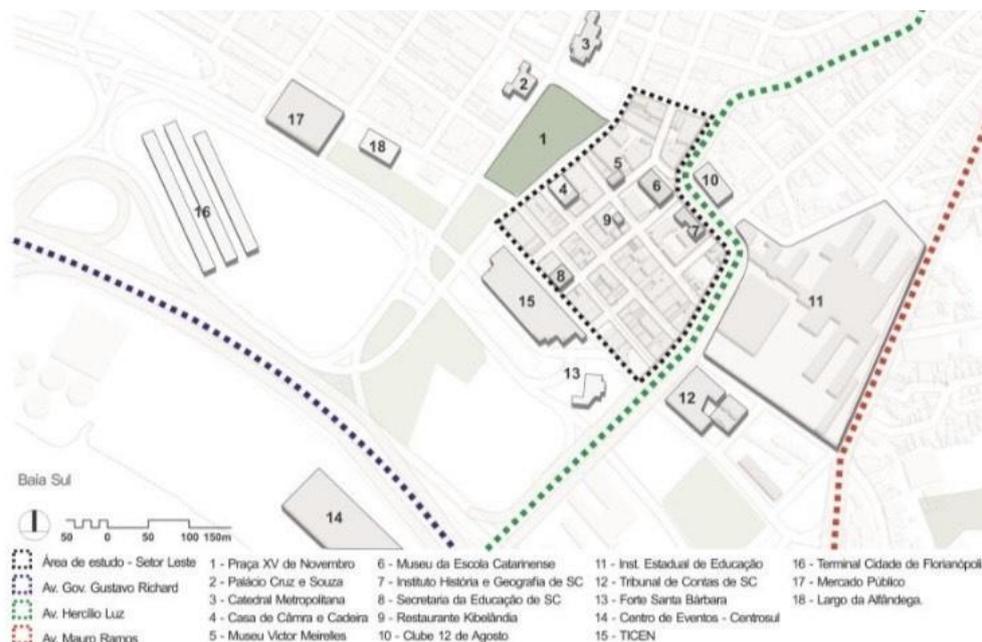
¹⁵ Acerca dos Clubes Negros em Florianópolis e Santa Catarina, encontramos uma crescente leva de produções locais significativas ao debate historiográfico. A exemplo, pode-se consultar as contribuições da professora Jeruse Romão (aqui, retomadas em FAVARETTO P., 2022), de Júlio César da Rosa (2018) e também de Maria das Graças Maria (*s.d.*).

a uma proibição de uma disseminação da cultura negra na cidade, uma vez que negros não poderiam usufruir do espaço urbano tal qual as pessoas brancas. Como é de se imaginar e de se constatar ao mero e rápido olhar às ruas e espaços de lazer da cidade, sejam eles de iniciativa privada ou mesmo os ambientes públicos, essa é uma tônica que perdura até os dias de hoje.

1.2. “CENTRO-LESTE”? SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES DO TERRITÓRIO

As políticas higienistas que fizeram parte da formação do Centro refletem no que é aquele espaço hoje. Glaucia Costa define que a partir desse processo houve uma guetificação cultural na região e entornos do Centro, com este se configurando com a elite da cidade, enquanto grande parcela da população negra e o povo pobre de Florianópolis “ficou ilhado pelos morros” (COSTA, 2004, p. 80). Entretanto, a autora ainda pontua que tal área não deixou de ser local de passagem de seus antigos moradores, nem de ser espaço de agregação de indivíduos e de práticas consideradas desajustadas, mal vistas pela alta sociedade e pelo poder público.

Nos últimos anos, o Centro tem tomado novas definições, que são resultado da política higienista que fez parte da formação dessa região. Considerando que tal área não é homogênea e que cada região possui suas características próprias, tomaremos como recorte o lugar que hoje é apropriado como Centro-Leste. André Chibiaqui (2018) conceitua a região que abrange a porção leste da praça XV de Novembro, com limite na avenida Mauro Ramos, como Setor Leste. Já o poder público tem se utilizado do termo Centro-Leste para se referir a esse mesmo território já há alguns anos, em acordo com o que crescentemente se ouve no debate público, também. Todavia, nem todo povo que ocupa essas ruas reconhece o espaço pelo nome de Centro-Leste.

Figura 01 – Setor Leste e principais referências¹⁶

Fonte: Geoprocessamento da prefeitura de Florianópolis (2017), adaptada por Chibiaqui (2018).

Ao caracterizar um lugar, deve-se levar em consideração que a construção da identidade é atravessada por sua história. A partir daí, pensamos: Centro-Leste? Baixo Centro? Centro Histórico? Centro Antigo? Ouvimos vários nomes quando se trata da área leste do Centro de Florianópolis, estando este espaço em constante disputa, seja pelo poder público, seja pelo privado. As mudanças no cenário da cidade são permeadas por esses conflitos e rearranjos, ligadas ao processo de gentrificação¹⁷ que busca transformar aquele espaço ao longo do tempo.

Neste trabalho, optamos por abordar a região como Centro-Leste considerando que não só o poder público e as grandes mídias, como também amplas parcelas da juventude local utilizam esse termo, mas não deixaremos de considerar as narrativas das pessoas que sempre viveram ali e como se entendem nesse espaço, dando evidência às diferenças que compõem o centro da cidade.

Sobre essas diferenças, André Chibiaqui (2018) evidencia como a descentralização dos serviços públicos do Centro, juntamente com o fortalecimento de outras “centralidades” paralelas pela cidade, contribuíram para que o Setor Leste vivenciasse um momento de degradação do espaço público e privado. Uma vez que as atividades e serviços não estão mais

¹⁶ Em relação à legenda da imagem, considerar o número 16 como TICEN e o número 15 como Terminal Cidade de Florianópolis.

¹⁷ Partimos da contribuição de Azânia Nogueira, que indica que “a gentrificação tem como ideia de valorização a requalificação de espaços públicos populares a partir da lógica consumista.” (2018, p. 62)

concentrados ou sendo desempenhados nesta parte do Centro, são o aumento de edificações desocupadas, pessoas em situação de rua e a sensação de insegurança que marcam as calçadas e ruas. Também diante disso, o Centro-Leste vem passando por um processo de reformas que intensificam o processo de gentrificação, tendo como exemplo a criação de projetos de iniciativa público-privada que vêm sendo promovidos pelo governo municipal, em que se evidencia o Projeto Viva Cidade¹⁸, lançado em 2013, e o Projeto Centro-Sapiens¹⁹, lançado em 2015.

Dessa maneira, o projeto Viva Cidade tem como objetivo “humanizar os espaços públicos, sua arquitetura e todo mobiliário urbano, transformando o local numa grande região de bem-estar, valorizando inclusive o comércio estabelecido” (CLD, 2013, p. 1), tudo isso através de uma Feira Semanal Permanente. Já o projeto Centro-Sapiens tem como objetivo “tornar a região leste do Centro Histórico de Florianópolis um distrito criativo” (CGEE, 2015, p. 1). É necessário dar atenção às palavras escolhidas, que são utilizadas para descrever que o projeto se desenvolverá através de um “processo de revitalização urbana e do fomento da economia criativa local” (CGEE, 2015, p. 1).

Ao trazer a caracterização de “revitalização”, dá-se a ideia de que é necessário reviver aquele espaço, como se num pretexto de necessária modernização. Entretanto, é preciso questionar: realmente não existe vida ali? Estão sendo consideradas as particularidades do povo que mora ou circula naquele lugar? Estão sendo vistas as iniciativas culturais já existentes ali? A partir disso, podemos contrabalancear a discussão diante do significado desse espaço principalmente atrelado ao setor cultural e às iniciativas populares ligadas a este. Para Rômulo, devemos considerar a questão social que envolve o espaço-tempo da região central da cidade, resgatando como o centro era uma “região abandonada” e agora está voltando a ser ocupado. Além disso, o produtor demarca a mudança de perfil dessas pessoas, atrelando à classe social, isto é, enfatizando que agora mais pessoas ricas estão presentes. Outro fator é sobre o crescimento da violência policial nos arredores da Avenida Hercílio Luz no período noturno, onde estão presentes bares e se faz festas, como o *Fluxo* do Madalena, Baile de Quebrada²⁰, entre outros, que apresentaremos mais adiante. Assim, para Roma, Centro-Leste é

¹⁸ CLD. Viva a cidade. 2013. Disponível em: <https://www.cdflorianopolis.org.br/conteudo/viva-a-cidade-127#.YtAkrnbMLIU>. Acesso em: 14 jul. 2022.

¹⁹ CGEE. Centro Sapiens. 2015. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/09SalomaoRibas.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

²⁰ Para mais informações, acessar: https://www.instagram.com/baile_dequebradaofc/. Acesso em: 22 fev. 2023.

um resgate histórico, cara. Desde sempre assim, aqui [o Centro-Leste] era uma área muito abandonada, né. Uma área que a galera não... Sempre teve a galera da rua aqui, só que antes a galera da rua apanhava sozinha, hoje apanha com a galera rica também. Quem nunca sofreu desacato, vem aqui. (ROMA, 2022)

Ainda que para Mana Moa MC seja desconhecido o termo Centro-Leste da forma como estamos utilizando neste trabalho, a MC, ao tratar da região, indica conhecer elementos da disputa do território:

É isso né, sempre teve essa segregação assim, o racismo se hoje existe antes era pior ainda todo mundo já sabe disso e **eles quiseram afastar a população negra do centro da cidade, a Hercílio Luz ali era meio que uma divisão da galera, elite com a galera trabalhadora, então os morros foram ocupados por essa galera que veio, essa mão de obra assim**, né. Em busca de serviço, em busca de oportunidade e hoje assim como eu posso ver a ocupação desse espaço eu não sei, né, porque tá muito comércio, os prédios ali tudo é bem branco assim, o bairro. (MANA MOA, 2023. Grifos nossos)

Em sua fala, Vani traz como a carga histórica da região influencia em sua ocupação até hoje. O produtor cita como aquele espaço era ocupado, principalmente depois da escravidão, pelas lavadeiras, e que muitas vezes não tinham recurso e ficavam sem ter para onde ir. Complementa que

querendo ou não, onde tem pessoas pretas são áreas marginalizadas, num certo ponto, e agora está se formando um encontro das várias classes sociais, mas ainda assim existe uma perseguição muito grande. A gente vê quando chega uma hora, uma e meia da manhã, a situação fica bem perigosa para algumas pessoas. E eu digo as pessoas, não as que já estão acostumadas e que vivenciam aqui, porque quem mora aqui é porque tem dinheiro. Fica perigoso para quem desce o morro. Fica bem perigoso. (VANI, 2022)

Sobre essa violência, Azânia Nogueira (2018) traz em uma citação de Souza (2016) como o uso da força policial em uma disputa entre o poder público e os jovens que ocupam determinado território mostra que existem contradições no Estado. Quando um bairro se torna referência, a cidade é reivindicada como um direito de todos, e não só para quem tem poder aquisitivo possa usufruir.

Luiza Góes, por sua vez, considera que “o Centro-Leste é onde a vida noturna de cultura popular acontece na cidade” (GÓES, 2023, p. 1), mas não só isso: “são os espaços que eu, Luiza, encontro pra me divertir na cidade mesmo assim, pra me sentir contemplada com o que acontece na cidade de movimento cultural” (GÓES, 2023). A artista traz que, mesmo existindo outras opções de lazer na cidade, através de bares e outros lugares, a maioria deles se encontram no âmbito privado; já no Centro-Leste existem opções abertas e gratuitas, como o *Fluxo* do Madalena, o Samba Antonieta e as batalhas de rap. Para além do lazer, porém, Góes

também pontua como o racismo sempre operou naquele espaço, dando ênfase para a expulsão do povo negro para os morros do entorno.

Em contrapartida, Luiza Fonseca é bastante crítica aos termos que são adotados para a região. Em resposta à pergunta “o que você entende como Centro-Leste?”, traz que

O que eu entendo por Centro-Leste hoje é basicamente o eixo daquela rua onde tem o Samba de Antonieta até o final do Madalena, apesar de que eu sei que é considerado todas aquela região das adjacentes, da centro-sul e tudo mais. (FONSECA, 2023)

Sua problematização, porém, não se encontra no aspecto de delimitação espacial do que seria tal território, mas sim na forma como é caracterizado, na história que carrega ou apaga ao remodelar suas alcunhas, seu fluxo de ocupação e sua imagem na cidade. Fonseca argumenta que as pessoas mais velhas que ocupam o centro não o caracterizam como Centro-Leste, e sim como o “centro dos arredores do Canto do Noel”, o “centro dos arredores da travessa [Ratcliff]”, o “centro dos arredores da [Avenida] Hercílio Luz, da [Rua] Tiradentes, do Tribunal de Contas ou do Instituto”. Essas são as referências que geralmente são usadas. Já a denominação de Centro-Leste, Fonseca caracteriza como algo mais recorrente entre os frequentadores dos eventos culturais ali realizados, e que isso tem impacto na descaracterização de quem tem protagonismo na região, uma vez que vai distanciando o sentido histórico e o pertencimento, a identificação dessa população negra mais velha com aquele local, ainda que, como indica a entrevistada, apesar da intensificação do fluxo jovem e da predominância de novos públicos na área, não se tenha excluído por completo a presença dessa velha-guarda. Logo, não é também uma oposição ferrenha, mas uma crítica à banalidade de como as identificações e caracterizações têm mudado repentina e aceleradamente com essas disputas em torno do território.

Assim, vemos que o Centro-Leste toma outra proporção quando falamos de juventude, como parte de uma apropriação e reconhecimento que a juventude negra tem hoje sobre esse território. Isso se insere no dilema de disputas e significação sobre aquela região, onde diferentes momentos históricos materializam diferentes configurações espaciais, ainda que as estratégias de organização do espaço estejam nas mãos do poder público e baseadas nas violências de gênero, raça e classe.

Desse modo, as diferentes gerações se apropriam de diferentes formas do espaço, e isso reflete nos muitos nomes e nas diferentes expressões culturais que predominam, fazendo-

se “Centro-Leste”, antes das mudanças da prefeitura, pela alma que a juventude deu àquele território.

2. “A GENTE É MOVIDO À CULTURA, SÓ QUE TIRAM ISSO DA GENTE”²¹

Neste capítulo, iremos apresentar a Batalha das Mina, o *Fluxo* do Madalena e o Samba da Antonieta, que são movimentos culturais que se configuram enquanto instrumentos de resistência na ocupação do povo negro no Centro-Leste de Florianópolis. A partir disso, refletiremos sobre quais os desafios e qual a importância dessas iniciativas estarem ocupando esse espaço. Para tanto, é preciso considerarmos alguns aspectos em relação ao direito à cidade e as relações com a funcionalidade do lazer às vistas das camadas dominantes, o peso da questão racial na definição das privações à cidade e ao lazer e, nesse sentido, o impacto desses elementos raciais nas definições (pejorativas) acerca de distintas expressões culturais e modos de vida.

Iniciando com as considerações sobre a cidade, temos em Henri Lefebvre (1968) que os conflitos sociais em torno das formas de uso e ocupação do espaço urbano expõem formas distintas de apropriação não alienada da cidade, onde outras temporalidades do espaço social se encontram subordinadas ao tempo do capital e de seus ritmos e promessas de desenvolvimento. Dessa forma, o espaço urbano “transformou-se em uma das principais mercadorias da sociedade capitalista, apontando para importantes contradições que se imprimem nesse espaço” (COTO, 2018, p. 121). Isto é importante para pensar a valorização dos espaços e como isso vai limitar o acesso a estes, o direito ao seu uso.

Ligado a isso, o debate em torno do lazer, de acordo com Mariana Souza (2012), coloca a este não apenas uma simples função, definida por sua conotação a partir da composição e complexidade das relações contemporâneas que são forjadas a partir do fetichismo, da alienação e da mercadoria. Pelo contrário, as atividades sociais e individuais de lazer constroem um “corpo significativo de mensagens não verbais, mas que, de forma geral, posicionam, transmitem e criam, valores e sentido para aqueles inseridos nessa realidade” (SOUZA, 2012, p. 111). Há, pois, uma amplitude de significância ao pensar o que se expressa ao buscar promover o lazer num espaço, atrelar isso ao uso da cidade e, sobretudo, a camadas específicas da população. A partir daí, é central questionarmos como as questões relacionadas ao lazer ou a privação dele estão ligadas às opressões de gênero, raça e classe, que estão conectadas as contradições do sistema capitalista, trazendo isso para a realidade de Florianópolis, em que o lazer é quase que restrito ao cotidiano das elites, enquanto o povo tem suas atividades culturais

²¹ Frase proferida por Roma (2022), em entrevista para esta pesquisa.

e integrativas criminalizadas.

Isso se expressa ao adentrarmos as reflexões sobre essas expressões, centralmente na análise da música e da cultura festiva da juventude negra. Segundo Heloisa Petry (2017), apesar do desgosto generalizado ao se tratar se gêneros musicais como o rap e funk tentar ser justificado por um despreço às características estéticas da atividade musical, não podemos deixar de considerar que a música é atribuída aos grupos sociais que a produz, e que se carrega, nesse processo, todo um conjunto de estereótipos e preconceitos. Ao pensar no rap e no funk, são arte e cultura negra, e, na contramão, “os que hoje defendem sua proibição são os herdeiros históricos daqueles que perseguiram os batuques nas senzalas, nos fazendo ver, de modo contraditório, as potencialidades rebeldes do ritmo que vem das favelas” (FACINA, 2009, p. 1).

Adriana Facina (2009) ainda aponta que o processo de criminalização da pobreza requer que se convença a sociedade que o pobre é ameaça, e isso tem base nos primórdios da organização do sistema capitalista, opressor. Isso envolve não somente a violência policial, que deixa corpos no chão das favelas, mas implica em criminalizar também seus modos de vida, seus valores, sua cultura. Desse modo, não só o funk, mas o movimento Hip Hop, o samba e as demais culturas que são de origem periférica estão no centro desse processo.

Nesse bojo, cabe alertar que as alternativas culturais no centro da cidade não se limitam aos três exemplos que trabalharemos aqui, mas trazem características que são sintetizadas nestes ao tratarmos de direito à cidade, acesso ao lazer e questão racial, nos ajudando a entender como funciona o processo de cerceamento da juventude negra, perseguição à sua cultura e violência policial.

2.1. BATALHA DAS MINA

De acordo com Gabriela Coto (2018), o movimento Hip Hop começou a ganhar força em Florianópolis nos anos de 1980, com festas acontecendo principalmente em bairros continentais como Monte Cristo, Jardim Atlântico e Chico Mendes; porém, somente no final do século XX começou a se disseminar para o restante da cidade. Os rappers enfatizavam as desigualdades existentes na “Ilha da magia” e o racismo, mostrando que a cidade é dividida e denunciando as injustiças e as violências, fazendo uma crítica ao que mostram na publicidade voltada ao turismo em uma ideia de cidade perfeita.

Já nos anos 2000, houve uma popularização do rap, que se difundiu além das periferias, sendo apropriado por jovens de classe média (muitos deles universitários) como forma de se posicionar contra as desigualdades presentes na cidade, repercutindo também na ampliação do repertório musical. Gabriela Coto (2018) explica que as temáticas envolviam problemas ambientais, direito à cidade, luta pelo passe livre e outras questões sociais. De acordo com o trecho de sua pesquisa que explora uma entrevista a Araújo (2018), temos que

o rap, mais que uma expressão artística, tornou-se porta voz das diferentes problemáticas sociais, criando novas representações que possibilitaram dar visibilidade a questões historicamente negligenciadas. (ARAÚJO, 2018 apud COTO, 2018, p. 184)

Hoje, as batalhas de rap²² ocupam espaço em Florianópolis e sua região metropolitana, sendo algumas a Batalha da Alfândega²³, a Batalha da Costeira²⁴, a Batalha Trindatime's²⁵, a Batalha Cria²⁶ e a Batalha de Preto²⁷. Esses espaços contribuem para a difusão do rap e da cultura Hip Hop pela cidade. O Hip Hop se configura enquanto “expressão cultural urbana negra, [e] permite perceber a cidade e as relações entre ela e seus protagonistas a partir dos elementos que o compõem, refletindo a vivência daqueles” (NOGUEIRA, 2018, p. 65).

Em meio à busca por ocupar seu espaço, surge, em janeiro de 2016, a Batalha das Mina (BM), a partir de um grupo de mulheres que frequentavam a Batalha da Alfândega (BA) e outras batalhas da cidade, mas enfrentavam dificuldade em rimar devido a situações de machismo. Elas “não conseguiam rimar; os cara reprimia, tirava uma onda” (MANA MOA, 2023). Diante disso, vale frisar que o objetivo deste trabalho não é fazer um julgamento dos casos que aconteciam na BA, mas apontar que isso faz parte das contradições do sistema capitalista, de forma que, mesmo em um movimento que se propõe a fazer rap e lutar contra o sistema, não se está isento de promover atitudes preconceituosas. Gabriela Coto (2018) salienta que mesmo o

²² Heloisa Petry (2018) explica que as batalhas são uma sequência de duelos de rimas improvisadas em um flow que pode ser à capella ou acompanhado de beat box. As batalhas podem ser de “conhecimento” ou de “sangue”.

²³ Batalha de rima que acontece no Largo da Alfândega toda quinta-feira às 19 horas. Para mais informações acessar: <https://www.instagram.com/batalhadaalfandega/>. Acesso em 17. fev. 2023.

²⁴ Batalha de rima que acontece no bairro da Costeira do Pirajubaé toda sexta-feira, às 19h. Para mais informações, acessar: <https://www.instagram.com/batalhadacosteira/>. Acesso em: 17. fev. 2023.

²⁵ Batalha de rima que acontece no bairro da Trindade toda quarta-feira, às 20 horas. Para mais informações, acessar: <https://www.instagram.com/batalhadatrinda/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

²⁶ Batalha de rima realizada por mulheres no bairro da Costeira do Pirajubaé, que inclui também iniciativas de recreação e promoção de arte e cultura junto a crianças da comunidade. Para mais informações, acessar: <https://www.instagram.com/batalhacriafloripa/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

²⁷ Batalha de rima que acontece no bairro da Trindade toda terça-feira, às 19 horas, protagonizada por pessoas negras. Para mais, informações acessar: <https://www.instagram.com/batalhadepreto/>. Acesso em 17. fev. 2023.

Hip Hop se propondo a romper com os padrões de alienação e opressão característicos da sociedade capitalista, acabou reforçando historicamente o ideal de fetichização da mulher construído por essa sociedade. De acordo com Heleieth Saffioti (1979), existe uma simbiose entre patriarcado-racismo-capitalismo, de forma que só é possível discutir as relações que abrangem gênero, raça e classe a partir da lente desse entrelaçamento por um nó que sustenta a ordem capitalista, num complexo de exploração-dominação que é marca desse sistema, ainda que a opressão não tenha se fundado neste. Contudo, desse modo, só é possível romper com essas amarras a partir da construção de uma nova sociedade.

Quanto à organização da batalha, as mina²⁸ se juntaram para esquematizar as minúcias do que seria, e ficou definido que aconteceria nos sábados, no antigo terminal de ônibus que fica no centro da cidade. Assim, de acordo com Heloisa Petry (2017), o espaço de surgimento da Batalha das Mina vem com o propósito de fortalecimento das lutas a partir do coletivo e suas práticas de rap, sem que essas mulheres se sintam coagidas ou inibidas. A predominância no público da batalha era de mulheres negras²⁹, mães e pessoas LGBTI+³⁰, ressaltando a perspectiva de construção desse ambiente como um espaço de lazer, compartilhamento de vivências e resistência. Outro aspecto interessante, relatado por Mana Moa MC (2023), é que o processo de surgimento da batalha envolveu muita organização coletiva, tanto que a compra dos materiais como a caixa de som, item essencial para a realização do evento, foi realizada através da arrecadação de dinheiro por meio de uma Festa das Mina.

Sobre a organização da BM, Heloisa Petry (2017) apresenta que eram realizadas apenas batalhas de conhecimento³¹, mas depois de um tempo as batalhas de sangue³² também começaram a ganhar espaço. Essas batalhas funcionam através do sorteio de um tema e as rimas são relacionadas a esse assunto, a partir daí se divide chaves de competição para as mina rimarem e assim disputarem as consecutivas fases até a final. As pessoas que estavam na roda da batalha tinham participação ativa na escolha das melhores rimas por meio de votação, e

²⁸ Ao longo do trabalho, utilizaremos “mina” ao tratar das mulheres que faziam parte da BM, em respeito ao modo como elas se apresentavam.

²⁹ Desse modo, consideramos a BM como parte do Movimento de Mulheres Negras, levando em conta também as suas pluralidades.

³⁰ Sigla utilizada para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais, pessoas intersexo e outras identificações de gênero ou sexualidade.

³¹ Batalha de rimas em que são utilizados temas que têm a ver com política, arte, educação e outros. Pode-se ver exemplo desse tipo de batalha em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYQQZpr8SWs>. Acesso em: 07 mar. 2023.

³² Batalha de rimas improvisadas, que têm o objetivo de “matar” o oponente com palavras. Pode-se ver exemplo desse tipo de batalha em: <https://youtube.com/shorts/YvKtOrHzhp8?feature=share>. Acesso em: 07 mar. 2023.

assim era tirada uma vencedora. Além disso, o evento era livre para que todos pudessem frequentar, mas apenas as mulheres podiam batalhar; já nas rodas de freestyle³³, homens poderiam rimar. Essa restrição servia como incentivo para que mais mulheres participassem das batalhas.

Inicialmente, a batalha “começou com cinco cabeça” (MANA MOA, 2023); porém, com o passar do tempo, começou a se popularizar. Com o aumento do público, os eventos cresceram em número e abordagem, agregando também rodas de conversa sobre assuntos relacionados a gênero, saúde e vivências, ou ainda pocket shows³⁴ e outros atrativos. Além disso, surgiram outras ramificações, como a produtora Dissemina Produções e também o grupo Trama Feminina, que eram coletivos para a organização dessas mulheres dentro do movimento Hip Hop.

Figura 02 – Colagem de artes dos eventos da Batalha das Mina



Fonte: produção própria. Acervo particular da pesquisadora.

A BM permaneceu durante três anos no terminal velho, alternando em alguns momentos com o Largo da Alfândega. De acordo com os eventos publicados na página de

³³ Estilo livre de rima.

³⁴ Apresentações de curta duração.

facebook da Batalha das Mina³⁵, em junho de 2019, o evento migrou para a Avenida Hercílio Luz, próximo ao bar La Kahlo. Mana Moa argumenta que a mudança aconteceu porque o número de pessoas que frequentava havia baixado consideravelmente, mas a região da Hercílio “era o que bombava” (MANA MOA, 2023). Desse modo, ocupar o Centro-Leste parecia mais proveitoso para dar maior alcance à batalha.

Em pesquisa na página de Facebook “Batalha das Mina-Florianópolis”, é possível encontrar publicações com os registros e fotos das edições. O primeiro chamado para a Batalha das Mina na Hercílio Luz foi “Batalha das Mina seletiva duelo nacional de MC 's”³⁶. Além da batalha, essa edição contou com pocket show da artista Negrasi, que aconteceu no dia 7 de junho de 2019. Durante o período que a BM permaneceu na Av. Hercílio Luz, passou a acontecer nas sextas, às 20 horas, e com o passar do tempo foi ganhando força e alcançando um público maior. Os eventos eram compostos por declamação de poemas, oficinas de dança, oficinas de rima e saraus, alternando de acordo com o dia.

Figura 03 – Mana Moa MC se apresentando na programação especial Convoca Resistência



Fonte: Página Batalha das Mina - Florianópolis; Facebook.

Estar em lugares de visibilidade na cidade é importante dentro dos movimentos de rua, ainda mais considerando que “ocupar um espaço marginalizado não é fácil, [principalmente o]

³⁵ Para mais informações, acessar: <https://www.facebook.com/batalhadasmnas>. Acesso em: 18. fev. 2023.

³⁶ Para acessar o evento: <https://facebook.com/events/s/batalha-das-mina-seletiva-naci/2806113749461132/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

que é o centro de Florianópolis, à noite, que é normalmente um período que normalmente a prefeitura tenta higienizar a cidade né” (ENTREVISTADA E1, 2018 apud COTO, 2018, p. 210). No trabalho de Gabriela Coto (2018), na entrevista E4, é mostrado como a elite que mora na região central se sente incomodada com essa presença, o que, segundo a entrevistada, serve como uma das motivações para ocuparem o “centrão” da cidade como forma de resistência.

Apesar do simbolismo, ocupar a rua é uma ação bastante difícil quando se fala de povo negro, de cultura subversiva. Junto dos problemas ante o poder público, Mana Moa ressalta que o meio é permeável a acasos negativos: “quando a gente tá fazendo coisas na rua a gente tem que ter consciência do espaço que estamos ocupando; na rua tem de tudo, a gente enfrentou várias energias pesadas pra poder fazer uma rima” (MANA MOA, 2023).

Em 2019, a BM foi alvo de violência policial. Através de uma publicação³⁷ na página de Facebook da Batalha, foi possível analisar a denúncia das mina à forma violenta com que a polícia agiu contra o movimento no dia 06 de dezembro, o que nos permite refletir sobre o uso do espaço público e a quem é permitido circular pelo centro. Afinal, quando mulheres negras ocupam o centro da cidade, ainda mais para fazerem sua arte, o poder público tenta escanteá-las sem mais nem menos.

A intimidação policial teve início por volta das 22:30h, tentamos um diálogo sobre a permissividade da nossa atividade, o argumento da PM foi de denúncias vindas do entorno por perturbação do sossego alheio, em virtude da altura da nossa caixa de som, a batalha aconteceu no centro de Florianópolis, na avenida Hercílio Luz, haviam outras caixas de som ligadas próximas a nossa roda, esse espaço do centro é rodeado de prédios comerciais e bares.

Toda semana nós enfrentamos o mesmo problema, sabemos que o incômodo não é pelo som em si mas sim pela ocupação do espaço público por um movimento cultural de origem afro-americana e periférica, com cunho antirracista e de questionamento das estruturas controladoras de poder.

Em momento algum houve resistência da organização ou platéia da batalha de forma ilegal, apenas não nos submetos à um ato inconstitucional e arbitrário, argumentamos que só permitiríamos que apreendessem nossa caixa mediante um termo circunstaciado atozado pelo jurídico, visto que a caixa pertence ao coletivo e foi comprada com o esforço e trabalho do movimento como um todo.

Quando o relógio marcava 23:00h e vendo que não conseguiram nos fazer entregar a caixa ou parar nossa manifestação, a PM fez uso de gás de pimenta, balas de borracha e cacetetes para dispersar a população que ali se aglomerava. (MINA, 2019)

³⁷ Para acessar a publicação completa, onde estão disponíveis mais vídeos e fotos, acessar: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0gXXss4pCkXAqJ1C3m6GB4w1vS4vAaq7daezHD6vE6sQfdnAQrcmissZ4uWmuRWXv1&id=1260595540636155&mibextid=tejx2t. Acesso em: 19 fev 2023.

Figura 04 – Policiais na BM



Fonte: Batalha das Mina - Florianópolis

Mana Moa MC conta que tiveram fases com mais presença da repressão policial, e que as reclamações giravam em torno de os frequentadores dos rolês colocarem a caixa de som tocando mais alto ou ocuparem certa parte da rua. Porém, essas investidas por parte da polícia se intensificaram com as eleições em 2018: “os caras estavam reprimindo bastante os movimentos sociais pra que a gente não tivesse força né?” (MANA MOA, 2023). Em meio à desvalorização da arte de rua, à violência policial e com o início da pandemia, a BM foi perdendo forças, e quando voltou do isolamento social as mina não quiseram mais realizar o evento. Entretanto, mesmo com o fim da BM, o legado do movimento serviu como pontapé para outras iniciativas protagonizadas por mulheres. Exemplo disso é a Batalha Cria³⁸, que surgiu no bairro da Costeira do Pirajubaé e se configura enquanto uma batalha de mulheres, predominantemente negras, mães, que se afirmam e constroem resistência e buscam seu espaço na cidade. Algumas MCs que faziam parte da BM hoje integram a Batalha Cria, como Mana Moa.

³⁸ Para conhecer mais, acessar: <https://www.instagram.com/batalhacriafioripa/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

Nessa resistência e busca por autonomia e liberdade, Mana Moa traz reflexões sobre as dificuldades em ser uma mulher negra que produz arte em Florianópolis, enfatizando a crítica de que “artistas periféricos ainda estão trabalhando pro sistema, trabalhando com qualquer outra coisa pra poder se manter vivo e poder achar um tempinho pra fazer arte” (MANA MOA, 2023) – debate também levantado na entrevista com os gêmeos Roma e Vani, que criticam o fato de artistas negros receberem menos na produção cultural da cidade, tanto financeiramente quanto em questão de oportunidades. Moa complementa:

Nós não vai mais ficar fazendo rolê sem grana sabe, ah não, agora o que a gente quer, quer estruturar nossos projetos para que tenha verbas pra que a gente consiga pagar os artistas ou então fica em casa mesmo, porque eles precisam do dinheiro, mano. Nem chama, saca? Porque pagar pra tramar é foda, não dá, Floripa é muito injusta e eu sei que tem DJ branco aí que ganha bem a hora, mas é sempre eles que vão estar na fita, é difícil as pessoas pretas conseguirem, mas estão chegando, tão chegando, mas olha passos lentos. (MANA MOA, 2023)

Apesar da violência policial e da dificuldade em compor o espaço central da cidade, de acordo com Mana Moa MC, a Batalha das Mina foi relevante para elevação da consciência de quem frequentava outras batalhas em Florianópolis, por meio das discussões que as mina começaram a fazer em compasso às mudanças sociais e a um novo olhar às questões de gênero, raça e classe dentro desses espaços, desde as mensagens verbais à estruturação da proposta das batalhas que iam se alastrando pelo município. A artista destaca em suas memórias:

Eu lembro de ver vários MC falando groselha³⁹ nas batalha e depois que teve a batalha das minas que começou a se disseminar as ideias e tal né do que que era o machismo do da importância do do respeito pá pá pá pá pá. Aí começou a mudar o discurso, mas ainda assim os bastidores ali as coisas até hoje continuam, hoje está um pouco melhor, eu colo na batalha e não ouço assim, a nova geração toma mais cuidado, pelo menos aqui em Floripa, não acompanho mais por fora, já não é engraçado fazer uma piada homofóbica, já não é engraçado fazer uma piada machista, racista. Como um todo o Hip Hop chegou em um nível de consciência, saca? Mas é muita coisa né amiga. (MANA MOA, 2023)

Com esse panorama, podemos afirmar que a BM surge como parte do Centro-Leste. Um movimento de cultura negra, produzido por mulheres, deu cara a uma nova construção do Hip Hop em Florianópolis, alterando a cena local de forma significativa. Mulheres que foram resistência ao ocupar as ruas, as mina mostraram arte, cultura e política em uma cidade que não mede esforços para reprimir e higienizar os espaços. Gabriela Coto (2018) ainda destaca que a BM possibilitou reflexões sobre opressões vivenciadas não só por mulheres, mas pela classe

³⁹ Gíria que significa “falar besteiras”.

trabalhadora em um geral, de modo a construir uma elevação de consciência capaz de apoiar o trabalho de transformação da sociedade.

2.2. FLUXO DO MADALENA

O *fluxo* do Madalena ou baile do Mada é um baile funk independente e gratuito que acontece na rua Victor Meirelles, em frente ao Madalena Bar⁴⁰, entre quintas-feiras e domingos. Como mais uma forma de produções simbólicas que caracterizam comportamentos e práticas cotidianas de jovens das periferias (PEDRO, 2017, p. 122), esse rolê reúne centenas de pessoas ao som de funk, no *fluxo* de rua, congregando um público bastante heterogêneo, mas predominantemente negro.

Ao fazer uma recapitulação sobre como esse movimento surgiu, Rômulo conta sua experiência ao vivenciar o *fluxo*:

O primeiro Madalena foi muito histórico, porque o primeiro Madalena o bicho era aqui do pé do morro aqui, tava eu, meu brother Luan que também tá na história, o bicho tava com uma caixa desse tamanho [gesticula com sinal de grande] gigante assim desse tamanho, tinha 50 pessoas, eu fiquei aqui até umas cinco horas da manhã, até o latão surgir, eu voltando pra casa cheguei no Giovani e falei “cara, o que aconteceu ontem, hoje tinha cem, só que amanhã vai ter 500, 800, 1000 eu não sei também, mas vai ter cara. O cara tranquilo com a caixa dele e começou véi, foi um “boom”, aí no outro dia mil, dois mil. (ROMA, 2022)

Roma coloca o surgimento do *fluxo* como algo espontâneo, que teve início por pessoas que moravam nos morros ao redor do Centro-Leste. Giovani, por sua vez, complementa que devido às operações policiais no Baile do Moca⁴¹, com a função de conter os rolês de funk, fez-se com que essas pessoas, na busca por um momento de lazer, descessem para o Baile do Madalena. “Isso fez com que o Madalena lotasse, fez com que o Madalena tivesse ainda mais proporção, mais corpo. Porque lá tava batendo, aqui já não tava” (VANI, 2022). Nesse sentido, vemos o papel da polícia enquanto aparato do Estado na organização espacial dos ambientes de lazer. Tomamos isso de acordo com Lélia Gonzalez (1984), que destaca que o povo negro sempre foi condicionado ao medo, à violência e à repressão policial, enquanto aos brancos sempre se teve a garantia dos direitos básicos como moradia, saneamento básico e proteção por parte das forças policiais, fazendo com que em espaços ocupados por pessoas negras se imprima um tratamento diferenciado em relação aos espaços ocupados por pessoas brancas.

⁴⁰ Para mais informações sobre o bar, acessar: <https://www.instagram.com/madalena.bar/>. Acesso em 20 fev. 2023.

⁴¹ Baile de favela que acontece no morro do Mocotó.

Para Vani (2022), o Centro-Leste é atrativo no que diz respeito às questões financeiras e também porque o público que ocupa o Leste não é o mesmo que ocupa a Beira-Mar⁴², justamente pelas questões de acessibilidade às camadas populares. Os gêmeos destacam que no *fluxo* não é preciso pagar entrada e ainda se pode aproveitar o rolê, é permitido levar sua bebida de casa, sem ter custos adicionais; é ali também “onde tu pode colocar a tua música mesmo, sem ninguém encher o teu saco, sabe? Pode estralar o funk ali que tu escuta lá em cima, que tu não pode escutar lá na beira-mar, não pode escutar em alguns outros picos, tu não pode” (ROMA, 2022). Essa consideração é importante para pensar que o Centro não é um lugar homogêneo, e parte daí a necessidade de caracterizações próprias de acordo com cada região.

A falta de liberdade para ouvir músicas de estilos como funk e rap em espaços públicos se relaciona diretamente ao processo de marginalização da periferia e da cultura negra. O “funk passou a incomodar os que preferiam que a realidade que seu canto divulgava permanecesse invisível, confinada nos guetos destinados aos pobres” (FACINA, 2009, p. 5). Elisa Lucinda, durante a posse de Margareth Menezes no Ministério da Cultura, em 2023, fez um discurso⁴³ em que aponta essa criminalização como uma “guerra contra os funkeiros, contra os rappers” (TV BRASIL, 2023). A atriz ainda clamou e denunciou:

Respeito! Respeita gente que sem biblioteca, sem teatro, sem boa escola, ganhou muito dinheiro pela palavra. [...] Ah, mas é que tem muita sacanagem naquelas músicas, mas o que acontece nas boates da zona Zul branca das zonas nobres? Então é isso, já entendemos tudo é necropolítica. (TV BRASIL, 2023)

Mana Moa (2023) faz coro à crítica, atribuindo a perseguição em relação ao uso do espaço público do centro da cidade ao racismo, já que em outras regiões da cidade a forma como o poder público intervém é distinta:

Tipo porque parece que quando é com a gente é mais explícito, né? Eu não sei. Não sei se é explícito ou se é só racismo mesmo que tipo que faz com que pareça algo agressivo. É, na verdade é isso. Parece algo agressivo, né? Porque os branco estão usando droga pra caralho. Os cara usam droga pra cara mano, parece que os caras só usam droga [risos] só que é isso né fica na posturinha ali e pá eles não se expressam muito, eles são a galera mais chatona assim né mano. Tipo, não ri não faz porra nenhuma fica ali conversando com sua Heineken na mão, todos drogados, mas não dá nada né porque tipo eles estão ali, é o quintal deles né mano, aí quando é nois assim tipo chega com alegria, com dança com expressão, atividade e calor humano [empolgação na voz] aí o bagulho se torna perigoso pra eles, pros moradores, eles não se sentem seguros em ver tantas pessoas pretas juntas. (MANA MOA, 2023)

⁴² De acordo com Azânia Nogueira (2018), é uma avenida que desde o século XIX tem sido ocupada pelas elites da cidade.

⁴³ Pode ser encontrado a partir do minuto 42:16, no vídeo disponível em: <https://youtu.be/yqCu-LBK-LM>. Acesso em: 21 fev. 2023.

Na contramão dessa tentativa de silenciamento, o baile foi tomando tanta proporção que extrapola a rua Victor Meirelles e chega na Av. Hercílio Luz, de forma que começou a incomodar mais o poder público e a vizinhança. De todo modo, Roma salienta que o movimento é sólido e sabe ser ordenado, apenas faltando o devido suporte governamental para as iniciativas de lazer da juventude. Nessa defesa, firma o *fluxo* e os bailes como uma resistência coletiva que querem disputar e garantir seu espaço cultural, de encontro, comunhão:

a galera nunca vai deixar [de frequentar esse espaço], a galera já tomou bala de borracha, já tomou tudo o que tinha que tomar, a galera ainda vai ficar, esse movimento sempre vai acontecer. O que tem que fazer? Tem que ter estrutura e o poder público não quer fazer, pô não quer botar um mictório, não quer botar um latão pra botar lixo ali, o poder público não quer fazer isso. Reclamam da sujeira, mas pô tu não tem um bagulho de.. um baú de lixo para o cara botar o lixo da pessoa ali, tá ligado? E eu sempre falo, as pessoas que estão ali, elas não querem estar ali. (ROMA, 2022)

Vani complementa o apontamento do irmão sobre a precariedade que é imposta ao se limitar as opções culturais da juventude na cidade, afinal, “ninguém quer pegar chuva para ficar ouvindo funk” (VANI, 2022). Entretanto, muitas vezes esse é o único meio de se aproveitar um rolê sob essa ordem de marginalização e repressão constante, de falta de estrutura apropriada e de insegurança generalizada.

Essas evidências evocadas nas entrevistas nos firmam o entendimento de como festas de ordem periférica são precarizadas de tal forma pela ação consciente do poder público, que, além de não legitimar os rolês que são marca da ocupação do território em questão, ainda empenha esforços para desmobilizar a concentração cultural que promovem. Assim, avança ferozmente sobre as alternativas populares de vida noturna. Luiza Góes (2023) salienta que pelo fato do *fluxo* ser um movimento independente e não estar atrelado aos bares, nessa negligência deliberada do Estado, acaba não apresentando nenhuma segurança para quem está frequentando o lugar. Em adendo, enfatiza que

o principal desafio, o principal problema, o principal conflito, o principal inimigo, vou usar a palavra inimigo, se você quiser tu bota, mas pra mim é o nosso principal inimigo nesse momento, é essa autoridade policial.

[...]

E aí dá meia-noite eles não varrem, mas eles começam a rondar com arma pra fora, saem do carro, sem que das duas da manhã varreu tudo, é cada um pra sua casa. Ah, não quer ir pra casa? É spray de pimenta, é bala, é bomba, é dane-se, entendeu? Tanto que eu não me lembro, não me recordo vez que eu estive no Centro-Leste que eu fiquei sabendo de rolo, de tipo assalto; não vou mentir, assalto rola, mas de rolo tipo ‘ah, teve briga feia, teve gente que saiu ferida, teve tiro, teve não sei o quê’ eu não me recordo de um momento assim que não seja atrelado com a polícia, que não fosse a polícia que desse o primeiro passo de atirar bomba, de enfim, de conflito mesmo.

Então eu acho que o principal conflito ali da região é a polícia, é essa opressão. (GÓES, 2023)

Complementando o que Luiza Góes traz, podemos ver exemplos dessa violência policial na notícia “Artistas e moradores reclamam de violência da PM em ação no Centro de Florianópolis”⁴⁴, produzida pelo portal NSC Total. A matéria traz que no dia 21 de janeiro de 2019, após o show da banda “Francisco, El Hombre”, cerca de 200 pessoas permaneceram na rua confraternizando, ficando boa parte dentro de um dos bares da rua Victor Meirelles. Por volta da meia-noite a polícia solicitou que o bar fosse fechado – o que, conforme relatos, foi feito. Todavia, a violência começou logo em seguida, no momento em que cerca de 20 policiais voltaram ao local para dispersar quem ainda permanecia na rua, usando de spray de pimenta, balas de borracha e cassetetes para reprimir o povo.

Sempre em disputa, as narrativas acerca do ocorrido nos levantam a queixa, por parte das pessoas que circulavam pelo rolê, de que não havia motivo aparente para uso da força. A polícia, por sua vez, afirma que “fez uso progressivo da força” diante da resistência por parte das pessoas em deixar o local. Para além de discursos, porém, não apenas não foram apresentadas as provas de confusão e resistência indicadas pela polícia (uma gravação da operação, que alegaram ter feito), como podemos somar a constância de episódios repressivos desde antes e para além deste momento, tal qual a intencionalidade posta no cerceamento e na marginalização de tais atividades e expressões culturais no Centro-Leste e arredores, para pesarem contra o que propagam as forças estatais.

Em relação à investida da polícia na região central da cidade, fica em evidência que o que se vê acontecendo é uma repetição da exclusão desses grupos e um território novamente em disputa (GUIMARÃES, 2019), em uma guerra forjada pelas classes dominantes e manejada sob muita violência e cerceamento do lazer em determinadas áreas.

E já foi mais, né? O Madalena ali já foi bem mais, né? Hoje em dia não, né? Hoje em dia está bem, é isso só vai acontecer a ocupação ali de se de fato não forem pessoas pretas, né? Tipo assim, porque se tiver pessoas pretas eles vão dar um jeito de tacar bomba, de dispersar, né? Eu estava no dia que tacaram bomba ali no no Madalena ali, na rua do Madalena. O bagulho foi louco, sem necessidade. Só porque o pessoal, porque as ruas estavam superlotadas de pessoas periféricas, tipo isso. (MANA MOA, 2023)

⁴⁴ Para acessar a notícia completa acessar: <https://www.nsc total.com.br/noticias/artistas-e-moradores-reclamam-de-violencia-da-pm-em-acao-no-centro-de-florianopolis>. Acesso em 21 fev. 2023.

Em 2019, em função da violência policial, o *Fluxo* do Madalena migrou para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Rômulo, em sua entrevista, atrela a permanência do movimento ao poder da cultura e problematiza a dificuldade em poder ter acesso ao lazer, sendo que

o baile do Madalena ir para UFSC é jogada política total porque porra a polícia não bate aqui, tá ligado? Só os brancos podem se divertir? Não, a gente também, vale para todo mundo, não vale? Se lá tá dizendo que não bate, então vamos para lá, e a polícia querendo entrar e não ia conseguir entrar, então é tudo isso, quer direito a lazer mesmo porque faz bem, ultimamente o povo tá muito “moído”, muita coisa acontecendo, muita merda acontecendo. Se fizer o recorte racial mesmo, muita desgraça. (ROMA, 2022)

Essa jogada política, porém, apesar de sua relevância para a sobrevivência do *fluxo* por um período, também tem suas limitações em relação ao distanciamento de realidade. Afinal, para além de um rolê, estamos tratando de pertencimento territorial, da identificação de uma juventude com um espaço em que possa circular e produzir sua arte, manifestar sua cultura, expressar a sua coletividade. A região do Centro-Leste conta com uma variedade de bares que atende diversos públicos, além do *fluxo* de rua. O próprio Madalena Bar promove eventos como o Baile dos Gêmeos, que toca funk e black music, e que inclusive os gêmeos batizaram de *fluxo* porque “é o fluxo, cara, onde tudo surge, onde tudo acontece” (ROMA, 2022), fazendo alusão ao evento de rua, fora do bar. Além disso, eles relatam que fizeram a diferença na mudança de perfil de pessoas que frequentam o espaço, atraindo mais o público negro, também porque tentam democratizar o acesso aos bailes promovendo um valor acessível de entrada quando em ambientes privados, por entender as dificuldades do povo em frequentar espaços de lazer.

Roma e Vani (2022) falam ainda sobre a desvalorização dos artistas negros na região do Centro-Leste e de Florianópolis como um todo, através do exemplo do Baile dos Pretin⁴⁵ e do Baile de Quebrada, que acontecem na região do Centro, mas que não estão tendo bom alcance de público. O Baile de Quebrada, mesmo sendo em estabelecimento privado, teve suas primeiras edições gratuitas; contudo, falta incentivo por parte de pessoas negras que ainda frequentam rolês que apenas seguem a mesma lógica do sistema, impulsionam os mesmos produtores brancos etc. Para os produtores, essa desvalorização é parte de um problema epistemológico. Também apontam que a pandemia gerou todo um desgaste no setor cultural, destacando a dificuldade em ser produtor independente e de buscar dar continuidade a essas alternativas que contraponham a forma de operar os rolês – da entrada às músicas, do público

⁴⁵ Para mais informações, acessar: https://www.instagram.com/baile_dos_pretin/. Acesso em: 22 fev. 2023.

ao sentido de ocupação daquele espaço, de comunhão e de aproveitamento do que é um baile, um *fluxo*, uma festa voltada à juventude, ao povo negro e à sua livre expressão cultural.

Existem outras iniciativas culturais localizadas no Centro-Leste que são fruto da iniciativa privada, como no espaço do Bro Cave Pub, localizado na rua João Pinto, com um público mais voltado ao Rock, ou do Rainbow Floripa, localizado na rua General Bittencourt, que é um bar ao ar livre, voltado ao público LGBTI+. Vani caracteriza como “uma mistura muito louca, não consigo dizer o que é aquilo, é bizarro” (2022) o surgimento de um novo movimento, em que as pessoas que sofrem repressão na Victor Meirelles migram para outras ruas que são mais tranquilas.

Esses são exemplos de lugares que atendem outro público, de outros rolês que, apesar de não serem o foco de discussão neste trabalho, possibilitam identificar que há uma pluralidade de pessoas que frequentam a região central, essa região leste; ou seja, ainda que majoritariamente seja ocupada por pessoas negras, quando falamos dos *fluxos*, é preciso considerar que outros públicos ocupam aquela área de formas distintas. Nesse processo de maior circulação pelo espaço, novas alternativas foram surgindo e também a juventude, o povo negro, foi se redirecionando para outras possibilidades de rolês. E, assim, fortalecendo a compreensão de que “se o bairro é uma referência, principalmente, a partir da formação das inúmeras coletividades, a cidade é reivindicada como um direito de todos e não só para os que possuem recurso financeiro para dela usufruir” (SOUZA, 2016, p. 183 apud NOGUEIRA, 2018, p. 66).

2.3. SAMBA DA ANTONIETA

O Samba da Antonieta⁴⁶ é um evento que acontece todos os sábados, a partir das 15h até às 19h30, no estabelecimento Bugio, no centro da cidade. Apesar da iniciativa do samba não ser protagonizada por pessoas negras, o espaço se faz como uma alternativa que abraça majoritariamente o povo negro, também reunindo diversas faixas etárias. Luiza Fonseca (2023) fala sobre o surgimento do samba como algo bastante mercadológico, em que, a partir de um projeto de incentivo à cultura, o Bugio recebeu verba para que o Samba se concretizasse, o evento passou a acontecer no final do isolamento social por volta de 2021. Desse modo, o Samba só acontece de forma gratuita porque é utilizado o dinheiro que foi estabelecido pelo

⁴⁶ Antonieta de Barros foi a primeira mulher negra eleita deputada estadual no Brasil, por Santa Catarina.

editais para fazer o pagamento de artistas, então surge como uma “alternativa deles conseguirem atrair as pessoas do centro” (FONSECA, 2023). Essa tentativa de atrair novos públicos para o bar não aconteceu apenas com a promoção do Samba: a equipe do Bugio também vem realizando eventos de Rock e outros gêneros musicais noutros dias da semana, fazendo com que o lugar alcance um público bastante heterogêneo ali circulante, que geralmente também foca seu consumo no estabelecimento. Considerando ainda o que Luiza Fonseca (2023) destaca sobre a incerteza da permanência do Samba da Antonieta, por dependerem dos recursos do edital (de forma que quando o financiamento acabar é possível que a iniciativa não continue sob tal proposta), esse é um movimento pertinente à busca por manutenção da valorização daquele estabelecimento ante as pessoas que procuram por rolês culturais.

Figura 05 – Arte de chamado para o Samba da Antonieta



Fonte: perfil do Instagram Samba da Antonieta⁴⁷.

⁴⁷ Para mais informações, acessar: <https://www.instagram.com/p/CdOptHZvrkv/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Figura 06 – Samba da Antonieta



Fonte: Perfil do Instagram Bugio Floripa⁴⁸.

Indo além nas reflexões sobre o Samba Antonieta e a ocupação pretérita da região pelo povo negro e apreciador do samba, Luiza Fonseca (2023) cita o exemplo da Kibelândia, bar histórico da região do Centro-Leste que funciona desde o século XX, como lugar que a cultura do samba já estava inserida. Era lá onde eram feitos os concursos de marchinhas de carnaval⁴⁹ que fechavam as ruas, montando um palco e promovendo serviço de bar. Nos concursos, qualquer pessoa poderia inscrever uma marchinha, mas o público participante era predominantemente oriundo das escolas de samba.

Essas alternativas serviram para movimentar a região, que era bastante abandonada tanto pelo poder público quanto pelo poder privado. De acordo com Fonseca (2023), é algo que também se aplicava à região da travessa Ratcliff, onde fica o Bar do Noel, um estabelecimento tradicional de encontro do povo do samba local. A entrevistada aponta elementos de

⁴⁸ Para mais informações, acessar: <https://www.instagram.com/p/Cc-bJfpra-M/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 23 fev. 2023.

⁴⁹ É um gênero de música popular que foi predominante no Carnaval Brasileiro dos anos 20 aos anos 60 do século XX.

semelhanças entre o Bar do Noel e o Samba da Antonieta, sendo que o primeiro, recentemente, voltou a trazer artistas que fazem parte das escolas de samba, fazendo com que o público de pessoas mais velhas que eram frequentadoras voltasse a frequentar tal ambiente, bem como atraindo mais jovens que passaram a conhecê-lo por esta iniciativa. Já no Samba da Antonieta

eles exploram um repertório que ele é muito focado nos sambas de partido alto, né? Os sambas mais clássicos, mais antigos assim contam histórias de trabalho, contam histórias do povo preto mesmo, então eu acho que ele é ele é bem importante principalmente nesse aspecto, né? Além do lazer, da questão do resgate assim da própria história mesmo, sabe? (FONSECA, 2023)

Em meio a essas considerações sobre as variações dos rolês de samba em Florianópolis, fica o destaque à importância na preservação da história do samba na cidade. Luiza Góes (2023) complementa dizendo que o que chama atenção no Samba Antonieta é o repertório, por estar atrelado ao samba que retrata a cidade, discute as questões sociais, o racismo. O espaço do Samba da Antonieta é “importante até para uma manutenção assim, sabe? Da memória, sabe? De preservação da memória cultural mesmo” (FONSECA, 2023). O público frequentador do Samba da Antonieta é predominantemente de pessoas dos movimentos sociais, universitários e pessoas jovens, sendo que boa parte desse público restringe sua participação apenas ao Bugio, não participando de outros eventos de samba da cidade.

A história do samba em Florianópolis carrega bastante apego emocional para as entrevistadas, fazendo com que espaços de samba na cidade se tornem ainda mais importantes para a manutenção da memória, afinal, o samba faz parte de suas histórias e atravessa gerações. Luiza Fonseca (2023) destaca que como tal apego vem de família, ensinado dentro de casa: “é minha vida assim, né? Porque a minha família é isso, é respira isso sim, meu vô e se não fosse o Carnaval ele já era uma pessoa morta, cara. Então eu tenho apego afetivo muito grande porque é a minha história assim, sabe?” (FONSECA, 2023). Luiza Góes também traz de uma percepção atravessada por seus afetos ao pensar a ligação dos movimentos de escola de samba aos movimentos de samba que compõem o Centro-Leste:

o Rio da Bulha ele segue até a passarela, então tipo se a gente for pegar um negócio mais figurativo, um pouco mais romântico da situação inteira, aquele movimento ali do Samba da Antonieta vai estar inteiramente ligado no movimento das escolas de samba também. (GÓES, 2023)

Noutro aspecto, a atriz ainda configura o espaço do Samba como “uma oportunidade da gente poder viver o samba um pouco mais do que a gente vive” (GÓES, 2023), e acrescenta um

questionamento bastante pertinente ao refletirmos sobre a integração das iniciativas culturais e sua valorização na cidade:

por que não chamar as escolas de samba pra fazer também um movimento ali dentro? Porque eu acho que só agregaria, porque a gente vê desde criança até idosos dentro desses espaços que com certeza iriam querer fazer parte desse outro movimento. (GÓES, 2023)

Luiza Fonseca (2023) adiciona que o público tem influência em como as agendas acontecem, inclusive o interesse que o poder público tem sobre esses lugares, destacando as dificuldades que as pessoas que são de escola de samba e vivem o carnaval enfrentaram para conseguir alvará para fazer os ensaios no centro de Florianópolis em 2021. Mesmo com a tentativa, não conseguiram, não havendo desfile. Também o carnaval de 2022 foi cancelado, e a prefeitura, em reportagem para o G1⁵⁰, afirmou que “tanto os blocos de rua quanto os desfiles das escolas de samba não vão ocorrer este ano” (G1 SC, 2022). Um dos empecilhos para a não realização do carnaval era pandemia de COVID-19; porém, o principal questionamento é que outros eventos privados não foram cancelados, como o show da Banda Eva, que aconteceu na Stage Music Park,⁵¹ além de outras festas privadas que não foram interrompidas, enquanto os bares do Centro-Leste, mesmo com alvará de funcionamento, eram fechados às 20h30, com toque de recolher por parte do poder público e com uso de violência policial.

Carla Ayres, atual vereadora de Florianópolis pelo Partido dos Trabalhadores (PT), fez importante crítica a Gean Loureiro⁵², através de uma publicação em seu Instagram⁵³, sobre a política de higienização da cidade e a prática de privar as pessoas de usarem o espaço público no carnaval de 2022. Ela aponta as contradições entre o pronunciamento do ex-prefeito na rede social Twitter, em que ele enfatiza que “as autorizações p/ mesas e cadeiras na Hercílio Luz não mudaram. Seguem como sempre foi. Da minha parte, jamais proibimos” (LOUREIRO, 2022)⁵⁴ e a “Nota do quarto batalhão da Polícia Militar – Carnaval 2022”, destacando que as ações da Polícia Militar não estavam desgradadas da Prefeitura Municipal de Florianópolis e que isso faz parte de um processo de perseguição ao Centro-Leste e à cultura ali promovida.

⁵⁰ Para mais informações, acessar: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/01/04/florianopolis-cancela-carnaval-de-2022.ghtml>. Acesso em: 23 fev. 2023.

⁵¹ A Stage Music Park é uma casa de shows situada em Jurerê, um bairro elitizado da cidade. As informações sobre o evento estão disponíveis em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/leo-coelho/banda-eva-faz-bate-e-volta-de-jato-para-dois-shows-em-floripa-e-um-no-bbb>. Acesso em: 23 fev. 2023.

⁵² Prefeito de Florianópolis de 2017 a 2022, perpassando diferentes siglas partidárias (MDB e DEM), atualmente filiado ao partido União Brasil.

⁵³ Para mais informações, acessar: <https://www.instagram.com/p/CadT2yTLfx1/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 23 fev. 2023.

⁵⁴ Disponível em: <https://twitter.com/GeanLoureiro/status/1497584993236918272>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Thais Colaço (1988) traz em sua dissertação “O carnaval no Desterro: século XIX” reflexões que nos mostram que o controle e a repressão por parte do poder público na cidade não vêm de hoje. Desde o século XIX, os festejos populares eram limitados pela lei, pela ação policial, pela regulamentação interna das sociedades carnavalescas e também pela imprensa (COLAÇO, 1988), como vemos perdurar até hoje. Esse controle do povo era feito através de denúncias nos jornais, e as leis municipais estabeleciam tratamento diferente entre pessoas livres e escravizadas, uma vez que, caso infringissem a lei, os escravizados cumpriam uma pena três vezes maior do que pessoas livres. Desse modo, as camadas defensoras da proibição do carnaval na cidade deixam claros seus nomes, cor e papel na história de perpetuação do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos pensar o Centro-Leste enquanto um lugar de encontro de muitos outros territórios; um “centro”, sim, que carrega sua própria identidade, mas também representa a identidade da cidade. Ao pensar a região central não só como espaço físico, mas como peça fundamental na articulação da juventude negra e para a possibilidade do acesso ao lazer, foi possível perceber que existem múltiplas trajetórias em disputa não só no sentido de colocar em conflito os caminhos geográficos que se percorre na cidade, as rotas de lazer, de encontro; mas também a trajetória de vida, as possibilidades construídas por uma juventude que almeja um futuro digno e toma em suas mãos seu destino de promover sua cultura, sua arte, batalhar como possível para ganhar o pão e viver a vida – juventude esta que também tem sua trajetória, sua sina, como sendo alvo de uma PM repressora, sempre violenta com uma mesma gente, uma mesma cor.

Ao pensar nos resultados desse trabalho, não podemos deixar de mobilizar qual a importância do Centro-Leste para a própria juventude negra que ocupa e vive naquele espaço, especialmente enquanto agente cultural. Afinal, junto e por vezes até além da relevância bibliográfica e da pesquisa diversa, principalmente ao se tratar do povo negro (como também dos povos indígenas), reside a potencialidade e a importância da oralidade, tendo por base que “a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos” (THOMPSON, 2002, p. 16).

É isso que acionamos nas entrevistas, entendendo, como trouxe Luiza Góes (2023), que é muito importante o Centro-Leste ser um espaço de produção de uma outra sociabilidade. Sendo assim, além de todo o peso da história negra na região, também se constrói como um lugar de integração, comunhão, que toma centralidade ao definir esse território e destacar a participação negra na sua conformação. Com isso, pois, apesar de toda essa variedade de alternativas de rolês e integrações sociais também poder mascarar algumas características próprias do espaço, pela multiplicidade de composições de públicos e intenções ali presentes, é importante ver esse território que é central para o povo negro sendo usado também por essas diversas camadas e crescentemente pela juventude negra, pois causa uma valorização e facilita uma melhor estruturação do espaço, ao passo que mantém a identificação dessa parcela com algo que marca sua história.

Poder estar ali, projetando e construindo coisas para pessoas negras, possibilita novas experimentações, um novo olhar, que é esse olhar da produção cultural do Movimento Negro, que alcança e abrilhanta muito além de pessoas negras. É nesse sentido que essas alternativas se tornam um espaço de acolhimento, extrapolando uma ideia física e constituindo nesse território uma identificação coletiva entre os rôles culturais e essa nova possibilidade de construção de relações afetivas.

Esse rolê local tanto se destaca para a juventude relacionada ao Hip Hop e à cultura negra que a Batalha das Mina é constantemente lembrada como importante no desenvolvimento e incentivo de artistas locais, a exemplo de Mana Moa (2023), que relata que a Batalha se configura enquanto um lugar que possibilitou a descoberta dela como artista. Se antes do espaço ela fazia apenas freestyle, a BM serviu de incentivo e encorajamento não só na vida dela, mas de outras mina, para se descobrirem no Hip Hop de forma mais ampla, a partir daquele espaço. Sendo assim, a BM vem como uma alternativa de dar voz às mulheres para que essas possam através da rima mostrar o que é ser mulher, negra e pobre em uma cidade como Florianópolis.

Mana Moa (2023) aponta a importância da batalha também como um espaço de acolhimento para essas mulheres. “Na roda de rima as pessoas estão ali pra te ouvir está ligado?” (MANA MOA, 2023);

é muito além do que quando uma mulher tá rimando ali, mesmo seja no freestyle, ela tá colocando pra fora suas dores, suas alegrias, seus desejos, e seus pensamentos, os conceitos e os seus conflitos, seus traumas. Então a Batalha das Mina foi um espaço de acolhimento também, foi um um espaço tipo de terapia mano, é o que eu estou falando é terapia, quem vai me ouvir? Quem se interessa? Teve uma época ali que a batalha, pô, a Batalha das Mina era tão acolhedora que a gente passava a semana desejando estar na batalha das mina no sábado, saca? Não tinha o rolê, mais daora do que a Batalha das Mina no sábado, saca? Não tinha coisa mais daora do que a Batalha das Mina porque de fato a gente fazia abraço coletivo, rolava um afeto entre as minas. Para se apoiarem e desejar o crescimento uma da outra e está ali agregando novas informações nos saberes que cada uma carregava. Então rolava oficina, rolava roda de conversa, não era só a batalha em si, rola todo um cuidado para que aquele espaço fosse o mais expansivo possível, saca? já que a gente tem esse espaço aqui a gente está criando que é gratuito, que é de livre acesso. O que que a gente pode trazer de fato para agregar e fazer sentido a nossa rima? E conscientizar quem está chegando. Porque não adianta ter uma batalha de rap sem que as pessoas entendam de fato o que é o hip hop, saca? Sem as pessoas entenderem o que que é o movimento de rua, o que que é o movimento urbano. Saca? Então, tinha oficina de dança, tinha oficina de grafite, pra roda de conversa, pra tratar os temas, os assuntos que eram pertinentes, sobre racismo, sacas, sobre transgeneridade, acho que é esse o nome. (MANA MOA, 2023)

Diante disso, a pesquisa que desenvolvemos mostra a necessidade da recuperação do espaço e das ações do povo negro, do fortalecimento de sua luta e movimento, das denúncias e das iniciativas que têm sido tratadas no Centro-Leste, a fim de reivindicar a história e a contribuição cultural negra, valorizar a cultura popular que pulsa nas ruas da cidade. Evidencia, então, a importância de ter um movimento organizado voltado às questões culturais, sincronizado entre a Academia e a militância de rua, entendendo tais ambientes como não podendo ser dissociados, não podendo ser negligentes a essas pautas.

Vale ressaltar, nesse sentido, que assumir o compromisso de desenvolver esse estudo dialoga também com a centralidade da preservação da memória de nossa gente e da escrita da História por quem de fato carrega esse país. Como pontuou Mana Moa “quantas histórias [são] perdidas? [...] Por não ter esse registro e por não darem atenção” (MOA, 2023, p. XX). Assim, a atenção disposta ao trabalho com a História Oral, destacando as narrativas do povo negro, usualmente apagadas, fortalece também a continuidade da cultura e da tradição negra do diálogo, da luta na disputa por seu espaço de afirmação na construção dessa história hoje – não só pelas narrativas, mas pela musicalidade, pelo rolê, pela comunhão que imprime mudanças no funcionamento desses espaços.

Da batalha ao *fluxo* e ao samba, enfim, aprendemos que se trata de muito mais do que ocupar; no processo de pesquisa, de registro e disputa sobre a História, é central transformar isso em presença ativa no dia a dia, mobilizar as instituições e a base de apoio popular para fazer avançar essas pautas, esse novo olhar. Desde as comissões de cultura na Câmara Municipal, dos fóruns de debate às expressões corriqueiras, atuar no incentivo aos diferentes artistas de cultura negra que têm tomado espaço na cidade e dado uma nova cara ao Centro-Leste, disputando e resguardando a trajetória negra na constituição desse território, dessa cultura e desses conhecimentos que aqui articulamos.

Cabe considerar, também, que se, nesse processo de trabalhar a ocupação do Centro-Leste, priorizamos as atividades mais perenes, aquilo que age na transformação desse território de forma mais contínua e centrada na cultura, também é importante citar que há outras iniciativas de maior peso reivindicatório em diferentes contextos, como protestos e marchas; que a disputa extrapola a cultura, se combina, porque se potencializa com o protesto, com a ação dos coletivos, do Movimento Negro em geral. Temos como exemplo as lutas pela preservação da Escola Antonieta de Barros e os conflitos com o poder público em torno do

espaço; o protagonismo da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) em puxar eventos como a Marcha da Consciência Negra, desde 2019, e o “Agita, Negritude!”, desde 2021 – fundamentais atividades de ocupação das ruas, anúncio das pautas e reivindicações do povo negro, celebração de suas vidas e organização de um enfrentamento à ordem de extermínio.

Nesse processo, a luta cultural vai se combinando à luta política mais geral, contestando o direito à ocupação do território pelo povo negro, disputando na contramão dessa dita revitalização e tomando, de diferentes formas, a atenção do poder público e da sociedade em geral. Dos rolês aos protestos, o povo negro ergue assim grandes manifestações – como vimos também ao 07 de junho de 2020, com o ato “Vidas Negras Importam!”, ou no ato de 13 de maio de 2021, em alusão à falsa abolição. De um jeito ou de outro, há firme mobilização e discussão da juventude por mudança, por mais penoso e exaustivo também que seja ter de lutar para garantir direitos básicos, para tentar alcançar alguma condição justa e digna de vida.

Nessa realidade em que “todo negro é descartável até morrer. Aí morreu, se tornou útil. Útil para quem?” (ROMA, 2022), há ainda muito a combater, nas mais variadas frentes. Contra a banalização da vida e da cultura; contra a apropriação indevida de uma arte e de um espaço que carregam a marca do povo negro e por este deveriam ser mobilizados, nas ruas e nos rolês, nos sambas e nas batalhas, é preciso estar em constante denúncia e mobilização. É bem verdade, porém, como dizia Roma em sua entrevista, que, tanto ele quanto toda a juventude negra,

queria tá falando sobre outras paradas, a não ser de racismo. Poder falar sobre outras paradas. Mas é difícil. Quanto mais, quanto menos pessoas terem acesso, mais a gente vai falar sobre, mais sobre a gente vai falar. Então, é isso. Se eu sou o único produtor preto dentro da cena da grande Florianópolis, eu e meu brother, mais eu vou falar de racismo, então não tem como não falar sobre, e tem alguma coisa errada aqui. (ROMA, 2022)

Nesse processo, vamos galgando novas disputas para transformar o futuro e honrar um passado e um presente de muita garra do povo negro brasileiro e florianopolitano. Seguimos em luta dentro e fora da Academia, por um horizonte de libertação das amarras opressivas que estrangulam nossos sonhos. Disputando e construindo, pois, uma outra trajetória possível a essa juventude negra.

FONTES

ACERVO PARTICULAR DA PESQUISADORA

FONSECA, Luiza. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 26/01/2023 (digital). Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2023. 14p.

GÓES, Luiza. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 27/01/2023 (digital) . Florianópolis, 2023. Acervo da pesquisadora. 10p.

MANA MOA. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 06/01/2023 (digital). Florianópolis, 2023. Acervo da pesquisadora. 13p.

ROMA; VANI. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 08/11/2022 (digital). Florianópolis, 2022. Acervo da pesquisadora. 38p.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais - Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2006, p. 155-202.
- BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br. Último acesso em: 26 fev. 2023.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Notícia. Vol. I. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CGEE. **Centro Sapiens**. 2015. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/09SalomaoRibas.pdf>. Último acesso em: 14 jul. 2022.
- CHIBIAQUI, André Michels. **Área central de Florianópolis: implicações das propostas de revitalização urbana no espaço e na paisagem do setor leste**. 2018. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, UFSC, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198273>. Último acesso em: 23 fev. 2023.
- CLD. **Viva a cidade**. 2013. Disponível em: <https://www.cdlflorianopolis.org.br/conteudo/viva-a-cidade-127#.YtAkrnbMLIU>. Último acesso em: 14 jul. 2022.
- COLAÇO, Thais Luzia. **Carnaval no Desterro: século XIX**. 1988. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1988. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75457>. Último acesso em: 23 fev. 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, Glaucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis: (décadas de 50, 60 e 70 do século xx)**. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Ilha de Santa Catarina, 2004. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86957>. Último acesso em: 13 fev. 2023.
- COTO, Gabriela Cordioli. **NEM RECATADAS E NEM “DO LAR”, MAS BELAS LUTADORAS: batalha das mina e a luta contra as opressões da vida cotidiana**. 2018. 293 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, CSE, UFSC, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/210526>. Último acesso em: 20 fev. 2023.
- FACINA, Adriana. **“Não me bate, doutor”**: funk e criminalização da pobreza. Salvador, Ba: Ufba, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19190.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- FAVARETTO P., Artur. **Movimento Negro em Florianópolis – SC: a experiência da Frente da Juventude Negra Anticapitalista (FREJUNA) de 2019 a 2021**. 2022. 303 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235094>. Último acesso em: 11 fev. 2023.
- FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

G1. Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml>. Acesso em: 26 fev. 2022.

G1 SC. Florianópolis cancela carnaval em 2022. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/01/04/florianopolis-cancela-carnaval-de-2022.ghtml>. Último acesso em: 24 fev. 2023.

GUIMARÃES, Paula. **Batalha das Mina há três anos na resistência à repressão em Florianópolis**. 2019. Portal Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/batalha-das-mina-ha-tres-anos-na-resistencia-a-repressao-em-florianopolis/>. Último acesso em: 21 fev. 2023.

HOOKS, bell. **Talking Back, Talking feminist, Thinking Black**. Boston South End, 1989.

JCA. **O que é fascismo?**. [S.l.], 2020. Vídeo postado pela autora na rede social Instagram em 26 set. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CFnVwLgAdrd/?utm_medium=copy_link. Último acesso em: 01 out. 2021.

JCA. **O que é fascismo? (parte 2)**. [S.l.], 2020. Vídeo postado pela autora na rede social Instagram em 04 out. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CF73rLRHCgt/?utm_medium=copy_link. Último acesso em: 01 out. 2021.

JCA. Jornal Avançando. **Vidas Negras Importam**, XXII edição, 2021. Disponível em: https://issuu.com/jcabrasil/docs/ja_movnegro. Acesso em 23 jun. 2022.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. 1a Edição. São Paulo. Editora Moraes, 1968.

LOUREIRO, Gean. **Perfil Twitter**. [S.l.]. Disponível em: <https://twitter.com/GeanLoureiro/status/1497584993236918272>. Último acesso em: 24 fev. 2022.

MARIA, Maria das Graças. **Clubes e Associações de Afrodescendentes na Florianópolis das décadas de 1930 e 1940**. [S.d.]. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545546/mod_resource/content/1/B12%20Clubes%20pdf.pdf. Último acesso em: 14 fev. 2023.

MEKSENAS, Paulo. **Aspectos Teóricos e Metodológicos da Pesquisa Empírica: a contribuição da obra de Paulo Freire**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://metodologiapeseducaopopular.blogspot.com.br/2011/04/texto-de-paulo-meksenas-falar-de-paulo.html>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MINA, Batalha das. **A Batalha das Mina vem tornando público os videos do acontecimento da última sexta-feira**. Florianópolis, 08 dez. 2019. Facebook. Batalha das Mina – Florianópolis. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0gV2PYHaC7SnMz71wuZ946saZHm6N6LBf1idci6A4Y2LNNkvoajYbh4rNpPbs6mDJl&id=1260595540636155&mibextid=tejx2t. Acesso em: 25 fev. 2023.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **Territórios negros em Florianópolis**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193680/PGCN0690-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Último acesso em: 09 fev. 2023.

PEDRO, Thomaz. É o fluxo: "baile de favela" e o funk em São Paulo. **Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, v. 2, n. 7, p. 115-135, 28 nov. 2017. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/proa/article/view/2829/2313>. Acesso em: 25 fev. 2023.

PETRY, Heloísa. **Batalha das mina**: o rap como território de lutas em Florianópolis. 2017. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187270>. Último acesso em: 20 fev. 2023.

PRESTES, Anita Leocadia. Três Regimes Autoritários na História do Brasil Republicano: o estado novo (1937-1945), a ditadura militar(1964-1985) e o regime atual (a partir do golpe jurídico-parlamentar de 2016). **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 108-129, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/27537>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ROSA, Julio César da. Clubes negros em Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX: histórias, memórias e trajetórias. **Revista Historiar**, Sobral, v. 10, n. 18, p.247-265, jan./jun. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: Mito e realidade. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1979.

SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro**: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. Tese de doutorado em geografia apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92552>. Último acesso em: 21 jan. 2023.

SANTOS, Dandara Manoela dos. **Meu Canto**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s71G18M9cOY>. Acesso em 23 fev. 2023.

SOUZA, M. de A. e. Marx e a produção do lazer na contemporaneidade. **CSOnline - Revista eletrônica de ciências sociais**, [S. l.], n. 13, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17233>. Último acesso em: 24 fev. 2023.

THOMÉ, Rafael. Artistas e moradores reclamam de violência da PM em ação no Centro de Florianópolis. **NSC Total**. Florianópolis, 21 jan. 2019. p. 1-0. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/artistas-e-moradores-reclamam-de-violencia-da-pm-em-acao-no-centro-de-florianopolis>. Último acesso em: 21 jan. 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. Tradução de. Lólio Lourenço de Oliveira. XEROX D.A. Curso los graduado. 2a. Edição, 1978.

TV BRASIL. **Transmissão de cargo no Ministério da Cultura**. YouTube. 02 jan. de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/yqCu-LBK-LM>. Último acesso em: 10 fev. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO GERAL DAS ENTREVISTAS

PERGUNTAS GERAIS

1. O que você compreende como centro-leste?
2. Quais outros nomes tiveram esse espaço?
3. Quais as alternativas culturais que abarcam esse espaço? Quais os desafios em ocupar?
4. Quais dessas alternativas você participa?

FLUXO DO MADALENA

1. Você sabe como foi o processo de surgimento do fluxo?
2. De onde vem a necessidade?
3. O que significa o Fluxo do Madalena pra juventude negra? O que esse espaço significa para você?
4. Desde quando você frequenta o fluxo?
5. Quais são as principais dificuldades em ocupar esse espaço?
6. Quais são as dificuldades enquanto produtor cultural aqui na ilha?

SAMBA ANTONIETA

1. Como foi o processo de surgimento do samba? e qual a necessidade?
2. Por que o nome Antonieta de Barros?
3. Qual a importância de um espaço como o samba para a juventude negra? O que significa pra você?
4. Desde quando você frequenta o samba?
5. Quais são as principais dificuldades em ocupar esse espaço?

BATALHA DAS MINA

1. Como foi o processo de surgimento da Batalha das Mina?
2. Como se organizava a batalha?
3. Você era uma participante ativa? se sim, o que a Batalha das Mina significou pra você?
4. Qual era a importância daquele espaço?
5. Qual a importância daquele espaço para a juventude negra?
6. Quais eram as principais dificuldades em ocupar esse espaço? Porque a batalha acabou?
7. Existe relação entre a Batalha das Mina e a Batalha Cria hoje?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA CONCEDIDA POR LUIZA GÓES À PESQUISADORA EVELIN MARIA DE CARVALHO, EM 27/01/2023

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistada: Luiza Góes

Entrevistadora: Evelin Maria de Carvalho

Transcrição realizada por: Evelin Maria de Carvalho

Local: Florianópolis, SC

Data: 27 de janeiro de 2023

Duração do arquivo: 26min55s

Páginas: 10

Pesquisa: “Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis – SC de 2016 a 2022”

Legenda

E.C.: Evelin Maria de Carvalho

L.G.: Luiza Góes

Referência

GÓES, Luiza. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 27/01/2023 (digital). Florianópolis, Santa Catarina, 2023. Acervo da pesquisadora. 10p.

Entrevista

E.C.: O meu TCC é sobre a articulação da juventude negra no Centro-Leste, aí eu quero utilizar os movimentos culturais pra analisar qual a importância daquele espaço pra juventude negra, aí eu queria conversar contigo sobre o Centro naquela região leste, né? Que fica a leste da Praça XV e também sobre o Samba Antonieta, mas vamos vamos deixando levar a conversa. Aí eu queria te perguntar sim o que é Centro-Leste, o que você compreende como o Centro-Leste?

L.G.: Então Centro-Leste, é louco isso porque sendo bem sincera esse nome Centro-Leste ele só apareceu pra mim nos últimos dois, três anos assim porque antes pra mim era só o Centro ali aquela região da Hercílio Luz, Praça XV e tal, mas pra mim o Centro-Leste é onde a vida noturna de cultura popular acontece na cidade. É lógico que existem outros lugares mas aí em lugares privados, geralmente lugar aberto que a gente vê um grande movimento pelo menos na

minha experiência é mais ali no Centro-Leste e da Lagoa da Conceição também. A diferença é que o público da Lagoa da Conceição é completamente diferente do público do Centro-Leste que é um público mais regional, né? Que já mora aqui, que não tá só turistando, é um público também do samba, ele tem vários barzinhos que tocam samba e tudo mais, coisa que você não vê na Lagoa que é ponto de referência dessa vida noturna mais pública, mas pra mim o Centro-Leste é o espaço, são os espaços que eu Luiza encontro pra me divertir na cidade mesmo assim pra pra me sentir contemplada com o que acontece na cidade de movimento cultural. É ali. Eu poderia dizer que até em boa parte do centro assim por ser do Carnaval, tem os ensaios ali ao redor da Praça XV, né? Mas também tem a passarela que é muito próxima, então eu diria que toda aquela região ali do Rio da Bulha, é pra mim o meu ponto seguro, que não é tão seguro que a gente sabe mas que é o meu ponto seguro assim pra me sentir bem nessa vida.

E.C.: Aham. E aí pensando nisso eu queria saber quais alternativas culturais que você considera que tem ali e quais seriam assim os desafios né que você falou não tão seguras para ocupar esse espaço.

L.G.: É, já estou despedindo desculpa pelo barulho de fora, sabe que realmente estou na garagem aí o barulho é muito.

E.C.: Aqui também eu estou em condomínio então hora ou outra vai ter um barulho diferente.

L.G.: Alternativas, né? Cara, tem muita coisa em dias diferentes, né? A gente vê batalha de rap, a gente vê ensaio de escola de samba, a gente vê samba de roda rolando publicamente, né? Publicamente lógico, mas tipo abertamente pelas pessoas que querem chegar e tem ali o canto do Noel, né? Que é uma empresa no espaço privado, mas que se estende na rua esqueço aquela rua que é a rua do Fala Marquinhos, não é a travessa, a travessa é a que está no travessão, então tem muita coisa, eu sempre vejo alternativa de música, então se você quer ir como eu falei você quer ir pra batalha de rap tem, se você quer ir pro samba tem, se você quer ir ouvir um funk estralado tem, porque as pessoas estão na rua e eu acho que independentemente de ser algo que é programado como, por exemplo, uma batalha que você organiza e aí você chama o público, pessoas que vão com suas caixas de som e bota o som na rua já se tornam um evento, já se torna uma alternativa eh eu pelo menos já vários dias fui pra lá independentemente de “ah, vou pro canto do Noel, vou pra um evento específico”. Não, eu vou porque eu sei que vai ter gente na rua, eu sei que vai ter som na rua pra além de tipo pessoas que optam pra ir ali na região da Hercílio Luz fazer seu show, tipo cantar, tocar e receber uns trocados. E eu acho que essas

mesmas pessoas também encontram naquele espaço pessoas em comum que vão apreciar, que vão saber respeitar também o que tá acontecendo e também esse espaço múltiplos de diversas manifestações, né? Então, como alternativa vejo o rap, vejo o samba, vejo funk, vejo eh cara, incontáveis, incontáveis.

E.C.: Sim. E dessas alternativas que você citou agora, quais você frequenta?

L.G.: O samba.

E.C.: Ah, o Samba Antonieta?

L.G.: O samba!

E.C.: Ah, então a gente pode falar o samba.

L.G.: Cara, o samba da Antonieta é uma iniciativa que é maravilhosa e que assim, lógico tem o Canto do Noel como eu falei, tem outros lugares que tocam samba também que são privados que se você quer ir, a diferença pro Samba de Antonieta é lógico além dos músicos serem incríveis, ali tem gente que pra mim são alguns dos melhores da cidade na questão de samba. O repertório é sensacional, porque eles não focam só no samba que a gente conhece, né? Um samba de raiz, mas mais *mainstreaming* porque é difícil pegar raiz e *mainstreaming*, né? Porque acho que dá pra entender, mais popular, eles pegam samba-enredo dos anos oitenta, anos noventa que não são aqueles samba também que estão na boca do pessoal. Então pra mim aquela iniciativa ali por ser samba já me atrai mas o que me fascinou muito foi o repertório, eu achei o repertório sensacional. E isso eu dou crédito total aos músicos. Então, pra mim Julia Maria, ah sei lá, têm vários.

E.C.: E você sabe qual foi o processo de surgimento daquele espaço? Você acompanhou desde sempre ou você só começou a frequentar depois?

LG: Eu acho que foi por via de um edital que daí o Bugio conseguiu captação, eu acho que posso estar falando besteira, mas passou por um edital e aí começou a fazer vários eventos, não só o Antonieta. Eu comecei a frequentar no ano passado. Eu não sei se mas acho que começou ano passado se eu não me engano.

E.C.: Acho que foi em 2020.

L.G.: 2020?

E.C.: Não, não, foi ano passado, confundi com outra coisa.

L.G.: Eu lembro que quando eu descobri que existia, alguém me falou que estava tendo samba todo sábado, e eu fiquei “como assim?”, aí entrei no instagram e eu acho que era abril, maio, ali que eles começaram e eu comecei frequentar em junho e virou meu programa do sábado, agora está na boca no carnaval assim, então fica difícil conseguir frequentar, até mesmo os próprios músicos estão muito em função nessa época, mas meu ano de 2022 foi todo sábado bater ponto no Samba de Antonieta.

E.C.: E aí qual seria a importância desse espaço de samba gratuito e tudo mais pra juventude negra.

L.G.: Então, eu atrelo muito o samba, pra mim é muito difícil desatrelar, mesmo que seja um samba de raiz, eu atrelo muito ao carnaval, então as coisas vão acabar se encontrando.

E.C.: Pode falar.

L.G.: O carnaval daqui, o movimento de samba daqui, ele passou nos últimos, a gente tá em 2023, nos últimos dez anos, 2013 foi cancelado, ele passou por um processo de apagamento, mas de desvalorização no seu máximo, tanto por parte da prefeitura, como por parte de patrocínio, isso não só no carnaval reflete, mas nesses movimentos que são em OFF, como o Samba de Antonieta e pô se há dez anos atrás você faz uma roda de samba que vai tocar só samba-enredo, é bem capaz do público de dez anos atrás ser o público de carnaval porque aquilo estava muito atrelado, estava muito vivo e com essa desvalorização que passou, passou a desatrelar, a surgir um novo público, se você ver tem sim as pessoas que moram aqui, que são mais velhas, mas tem muito um público jovem que o foco não é o samba, e aí digo o mesmo de mim e de você que são universitários que são mais da bolha acadêmica, o que é ótimo que a gente tenha várias pessoas que conquiste vários públicos, falando especificamente da juventude negra, essa foi a juventude que passou por esse processo de desvalorização de sua cultura, lógico que se a gente for entrar muito nisso, podemos falar do macro que sempre foi assim, mas digo especificamente do movimento do samba, por ser mais próximo da Major Costa, ser mais próximo do Mocotó, chama mais essas pessoas que também são de escola de samba que também são majoritariamente negras, então pra mim aquele espaço é um respiro, é uma coisa boa, é um respiro, é um uma oportunidade da gente poder viver o samba um pouco mais do que a gente vive, mas ainda assim eu creio e aí eu vou fazer uma crítica que eu já tinha feito pra outra menina que está sempre lá também que é o Samba de Antonieta ele tem chamado, aí é uma é

uma crítica junto com a pergunta ele tem chamado as escolas de samba pra fazer parte daquele momento? porque assim é incrível que aconteça é incrível o repertório, os músicos fazem parte das escolas de samba, mas eu também pego muito nisso assim, a partir de que momento essa celebração da nossa cultura, da cultura negra abrange de fato as comunidades, mesmo que seja perto, entendeu? Então tu tá usando músico de escola de samba? Massa, músico massa da ilha, mas por que não chamar as escolas de samba pra fazer também um movimento ali dentro, porque eu acho que só agregaria porque a gente vê que desde criança até idosos dentro desses espaços que com certeza iriam querer fazer parte desse outro movimento. Então eu esqueci a sua pergunta inicial que eu fiquei falando sem parar.

E.C.: Era sobre a importância do espaço para juventude negra, mas também como espaço de lazer pro povo que mora ali ao redor pro povo pobre.

L.G.: Eu acho que é um dos eu acho que é um dos únicos espaços que a gente pode ver que, não falando de espaço na verdade, é um dos únicos eventos que a gente consegue pegar hoje que acontece no centro da cidade que pode abranger né? Tanto Ilha quanto o Continente, todos os usuários da Ilha, um dos únicos espaços onde isso acontece de forma gratuita. Então eu acho que é a importância gigante e justamente pelo que eu falei da dessa desvalorização que vem sofrendo há pelo menos dez anos atrás. E desse resgate dessa cultura, resgate é uma palavra difícil porque o samba ele não se perdeu, né? Mas eu não estou encontrando outra palavra pra usar aqui. ãhn, empoderamento também não. Essa elevação do samba enredo que é de cultura negra, que é de cultura das comunidades e que acabou ficando em segundo, terceiro, quarto, plano conforme outros eventos foram aparecendo aí, eventos privados e que também são de Carnaval são de samba, mas aí marcaram com a é um evento de Carnaval, vai ter show da Anitta, vai ter show do Léo Santana, tá, mas e cadê a escola? Cadê o samba? Cadê os músicos, cadê as comunidades aqui dentro. Então eu acho que a importância é gigantesca e se eles me permitissem fazer parte disso pra também chamar público de escola de samba, olha daria bom.

E.C.: Sim. E tipo pra além dessa questão de não envolvimento direto com as escolas de samba. Existem outras dificuldades em ocupar aquele espaço e não só do samba. Você pode falar do samba, mas também ali que eu sei tipo, você falou que frequenta o fluxo e tudo mais, da Hercílio Luz e ali do centro nessa vida noturna como um todo?

L.G.: Qual foi o que?

E.C.: Quais são as dificuldades, quais são os desafios na realidade?

L.G.: Aí eu vou falar bem direta e reta, eu acho que tu já sabe até que eu vou falar. Olha, é complicadíssimo você tá vivendo a sua vida tranquilamente numa sexta, num sábado à noite, da meia-noite polícia está rondando com arma pra fora e você está ali, às vezes você está com os amigos, mas tem vezes que você está com a sua família você está com seu namorado com a sua namorada, você está tranquilo no ambiente até eu vou me misturar no meu assunto mas é dentro de um mesmo assunto, o meu pai quando eu saí de casa quando eu vou pra ali pro Centro-Leste que é o principal rolê que eu vou, o que ele me fala é cuidado com a polícia, ele não fala cuidado com o assaltante, ele não fala cuidado com o povo que tem. Tem assaltante, tem roubo. Ele me fala sobre o cuidado com a polícia, gente.

E.C.: Sim.

L.G.: Ele um cara negro retinto, o então assim ele sabe do que ele está falando. Ele sabe como é que funciona as coisas ali. E aí da meia-noite eles não varrem, mas eles começam a rondar com arma pra fora, saem do carro, sem que das duas da manhã varreu tudo, é cada um pra sua casa, ah não que ir pra casa? É spray de pimenta, é bala, é bomba, é dane-se, entendeu? Tanto que eu não me lembro, não me recordo vez que eu estive no Centro-Leste que eu fiquei sabendo de rolo, de tipo assalto, não vou mentir assalto rola, mas de rolo tipo ah teve briga feia, teve gente que saiu ferida, teve tiro, teve não sei o quê, eu não me recordo de um momento assim que não seja atrelado com a polícia que não fosse a polícia que desse primeiro passo de atirar bomba, de de fim de conflito mesmo. Então eu acho que o principal conflito ali da região é a polícia, é essa opressão é essa varredura que eles fazem, é literalmente uma varredura como se a gente fosse lixo, eles estão passando com a caçamba assim e vão pra casa e acabou. Então pra mim esse é o principal desafio, o principal problema, o principal conflito, o principal inimigo, vou usar a palavra inimigo, se você quiser tu bota, mas pra mim é o nosso principal inimigo nesse momento é essa autoridade policial.

E.C.: É. Eu ia te perguntar né? Porque você querendo ou não é mais pública, né? E se você vai querer usar o seu nome ou não porque você falou da polícia e tal aí a gente pode conversar na coisa que você sente ou não confortável pra isso, né.

L.G.: Mas aí conforme você vai, cê vai escrevendo, não sei se você tem um docs ou coisa assim, se você quiser só compartilhar essa parte do texto, daí cê me manda o texto, aí eu vejo elas também daqui um pouquinho excessiva. É, mas aí a gente vê.

E.C.: Aham fazer a transcrição da entrevista, posso te mandar. É só porque eu não perguntei e é sensível, né? A gente está numa cidade que é grande, mas não é grande e aí tem tudo isso.

L.G.: É, às vezes não, não tenho filtro pra essas coisas não. Sendo bem sincera. Mas vai que eu fui um pouco insensível.

E.C.: Não, não foi. É só por por cuidado meu mesmo. E é isso que você falou é muito real assim. Eu estava lá sexta e era tipo duas da manhã. Estava eu e meu namorado e aí a gente tipo começou a cercar de polícia na rua. A gente só estava assim e aí eu fiquei tipo cara somos duas pessoas pretas a gente vai passar no meio de quatro viaturas mesmo, você quer desviar? E aí tipo, sabe por que ter esse esse pensamento assim se a gente só estava comendo, sabe? Então tipo é muito complicado.

L.G.: E que bom que você está só comendo porque se vocês tivessem bebendo alguma coisa e imagina fumando um baseado, meu Deus do céu acabou pra vocês.

E.C.: Sim. Então mas mas é mais ou menos assim queria saber se você quer finalizar de alguma forma sobre tudo que a gente falou, se você tem mais alguma consideração.

L.G.: Hum, tem mais alguma coisa que você queira me perguntar?

E.C.: Ah, na realidade eu ia te perguntar sobre tipo carnaval ali naquele espaço assim eu não sei se é algo que tipo faz parte do que você conhece, eu sei que seu TCC foi sobre carnaval, mas eu não encontrei, depois se você quiser me mandar.

L.G.: Não tá publicado.

E.C.: Ah, não tá? Eu procurei no repositório da UDESC e não encontrei. Mas eu ia te perguntar sobre a questão do carnaval naquele espaço se tem relação hoje com aquele movimento que acontece de espaço de lazer, sei que passava os desfiles ali.

L.G.: Então ali atualmente passa muito bloco, a praça XV tem o volta a praça que aí tem mais escolas, mas aquela região ali é mais de bloco, tem os blocos mais tradicionais que passa ali sempre que é o Enterro da Tristeza, que daí a gente pode pegar esse tradicionalismo que vai quem é “macaco velho” do carnaval, mas pra galera que é de escola de samba tem que firmar, ah estou falando de carnaval estou falando de escola de samba, não estou falando de Bloco dos Sujos, estou falando de escola de samba, ali acontece além do Enterro outros blocos, tem o Bicharada, tem outros, eu particularmente não sou muito fã de bloco nesse estilo, tipo o Enterro

do eu vou por ser mais tradicional, agora esses novos que estão surgindo, eu compreendo que é uma galera jovem que quer fazer alguma coisa no carnaval, movimentar, fazer uma manifestação cultural que eu compreendo. Agora eu acho que é muito branco. É isso que eu queria falar. Eu acho que é muito branco e aí se perde o samba aí. Então assim é difícil. Você tem um conflito. É Samba da Antonieta, um negócio massa, um negócio legal, um negócio que põe, exalta mesmo o samba de raiz e os músicos aqui de Floripa, público do salão de Antonieta, muitas vezes acadêmicos, brancos, lotados de gente que não é do samba, legal por diversificar. Legal. No Carnaval acontece o movimento cultural, legal. Agora cadê o povo do morro ali naquele carnaval? Não tem, vai reclamar? Vai proibir? Não. Não vou nem reclamar, nem proibir, vou fazer uma crítica de tá que carnaval é isso que a gente está vivendo porque talvez seja mais um rolê na rua do que de fato uma manifestação cultural de Carnaval, de samba de enfim, cultura negra. Então eu frequento mas tenho minhas críticas sobre, tenho certeza que muitos eventos que acontecem no Centro simultaneamente com um ensaio com um desfile de escola de samba, só afasta as pessoas da escola de samba, só afastam as pessoas da cultura negra que é em si, né. Escola de samba pra mim é o maior símbolo de cultura negra, de cultura afro-brasileira que a gente pode ter por enquanto, sabe? Então tudo que eu consigo ver de questão de grupo, de coletivo, acho que esses blocos acabam atrapalhando, apesar de eu entender completamente que cada um tem seu direito de se manifestar como quer.

E.C.: É mais ou menos, quem esse carnaval está alcançando ali naquele espaço?

L.G.: O que que toca? Porque você faz um desfile, um cortejo ouvindo “tu vens, tu vens, eu já escuto teus sinais”, tá legal, adoro essa música também, mas cadê o samba? cadê cultura negra?

E.C.: Olha, eu acho que você conseguiu responder todas as coisas, só se você quiser fechar.

L.G.: Ah, eu queria falar que eu queria ter um pouco mais de base histórica pra poder falar sobre essa questão do Centro-Leste, o samba do Antonieta, o evento é o Samba da Antonieta, né. E a minha escola em dois mil e vinte fez sobre a Antonieta de Barros, e aí tanto quando você falou sobre o Samba da Antonieta, eu achei que era o samba, então fiquei ah sim posso falar sim, mas o que eu ia falar daí tipo quando a escola fez esse enredo sobre a Antonieta, eu acabei me aprofundando um pouco mais, né? Aí fiquei eu entendi um pouco mais sobre essa questão do Rio da Bulha, então dessa lavagem mesmo que fizeram dessa varredura que fizeram dos povos pretos e periféricos, né? Que foi nosso querido Hercílio Luz que leva o nome daquela avenida. Eu gostaria muito que as pessoas que frequentam esse lugar, frequentam o Centro-Leste

tivessem pelo menos o mínimo de noção do espaço que elas tão frequentando, do que que elas tão fazendo parte, porque eu tenho certeza que muitas não fazem. E eu compreendo também, porque às vezes você só quer ir lá, se divertir, tomar uma cerveja e que não quer pensar mais em nada, sabe? Principalmente depois do ano super pesado que a gente teve em dois mil e vinte e dois com a eleição e tal. Mas eu acho que quanto mais as pessoas entenderem a importância daquele espaço físico, o espaço físico ali da região e o espaço cultural melhor vai ser mais vai agregar, mais vai chamar a gente, mais as pessoas também vão se sentir mais contempladas porque a partir do momento que você tá dentro de um lugar e você entende o que é esse lugar, você entende porque cada pessoa tá ali se torna mais confortável, você tem vontade de voltar, você tem vontade de chamar mais pessoas, então eu acho que é isso.

E.C.: Aham. Inclusive eu aceito dicas de samba enredo que falem sobre aquela região. Porque eu estava pesquisando eu estava tipo indo um por um nas escolas de samba é essa leitura ali da coisa, né? Fica mais complicado tipo eu não sabia do deste sobre a sobre a Antonieta que talvez tenha algo que seja interessante porque eu justamente quero tipo colocar coisas sobre a oralidade, sobre a música citações mesmo, aí esse está sendo o meu plano ali pro pra explicar as coisas, aí se você tiver é mais fácil que seja uma indicação do que procurar um a um.

L.G.: Assim a principal escola de que assim, o consulado que é minha escola, já falou da Praça XV então é do entorno, teve sobre Antonieta de Barros, mas a Embaixada Copa Lorde que é ali da da Major Costa do Morro da Caixa tem mais samba sobre aquela região ali então eu posso te mandar, a Protegidos que é do mocotó eu tenho que dar uma pensada mas eu acho que tem alguma coisa sobre aquela região mas aí eu te mando tranquilamente.

E.C.: Massa.

L.G.: É, eu queria falar que o Rio da Bulha ele segue até a passarela, então tipo se a gente for pegar um negócio mais figurativo, um pouco mais romântica da situação inteira aquele movimento ali do Samba da Antonieta vai estar inteiramente ligado no movimento das escolas de samba também. Então só pra também eu conseguir argumentar que eu não estou tentando meter escola de samba onde não tem.

E.C.: Sim, acho muito bom.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR LUIZA FONSECA À PESQUISADORA EVELIN
MARIA DE CARVALHO, EM 26/01/2023

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistada: Luiza Fonseca

Entrevistadora: Evelin Maria de Carvalho

Transcrição realizada por: Evelin Maria de Carvalho

Local: Florianópolis, SC

Data: 26 de janeiro de 2023

Duração do arquivo: 38min01s

Páginas: 14

Pesquisa: “Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis – SC de 2016 a 2022”

Legenda

E.C: Evelin Maria de Carvalho

L.F: Luiza Fonseca

Referência

FONSECA, Luiza. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 26/01/2023 (digital). Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2023. 14p.

Entrevista

E.C.: Meu nome é Evelin, faço História na UFSC, eu estou fazendo trabalho de conclusão do curso, quero analisar a importância ali da região do Centro-Leste para articulação da juventude negra, levando em consideração as alternativas culturais que estão ali, né? Então o fluxo do Madalena, o Samba Antonieta, a antiga Batalha das Mina. E aí eu queria saber de você o que você entende como Centro-leste?

L.F.: Bom, o que eu entendo? Primeiro eu sou muito crítica a esse termo porque na verdade tudo bem franca pra mim o termo é algo que a primeira vez que eu escutei veio muito de pessoas que na verdade, eu sei que não são da cidade, né? E não querendo ser bairrista ou preciosista demais, mas na verdade é um tempo que eu vi que ele começou a aparecer junto com todas essas movimentações aqui culturais festivas naquela região. E eu meio que escutava em silêncio na verdade não fui parada pra pensar né, analisar sobre isso, mas teve um episódio

uma vez no *Twitter* até muito engraçado de uma pessoa que era da arquitetura que foi ela foi citar o termo Centro-Leste, eu acabei entrando na discussão desenrolou uma discussão calorosa assim de internet, ela veio com referência bibliográfica da arquitetura e uma historiográfica de alguém da FAED que pra mim teve um erro de interpretação porque na verdade o autor em si que eu não lembro agora qual que era, primeiramente eu sou formada em geografia, então já estudei geografia urbana, ele trata como a porção Leste do Centro e não como o Centro-Leste e até porque, né, se você for pensar em coordenada aí em termos de referência, né, é um pouco relativo às vezes assim, né, tipo o que você está analisando. Mas enfim, eu, o que eu entendo por Centro-Leste hoje é basicamente o eixo daquela rua onde tem o Samba de Antonieta até o final do Madalena, apesar de que eu sei que é considerado toda aquela região das adjacentes, da centro-sul e tudo mais. Porém é um termo assim, tu me perguntou o que eu entendo e eu entendo por ser essa região, o eixo ali dos bares. Concordo? Não concordo? Mas eu obviamente alguém me fala Centro-Leste

E.C.: Pronto, pode falar.

L.F.: Então eu entendo que é meio que essa porção da cidade assim. Mas pra mim assim eu vi né? Órgãos públicos adotarem o termo. A impressão que passa pra mim é que todo mundo meio que começou a adotar esse termo, inclusive o poder público, muito pelo fato de que as pessoas que frequentam aquele espaço e que frequentam os eventos acontecem ali e começam a usar esse termo. O meu questionamento e minha crítica vem a partir do momento que, por exemplo, a minha família que sempre foi muito envolvida em eventos de escola de samba, carnaval, tudo mais e que são pessoas que sempre frequentaram aqui uma legião ali especialmente, né a porção ali do Bar do Noel, porque meu vô quando era criança vendia doce ali tipo, eles nunca usaram esse termo e eu já fiz uma pesquisa até com familiares meus e eles não não entendem quando eu falo isso, ele ficam tá mas o que que é isso? Centro-Leste? da onde que é isso? A referência que a galera tem assim que eu tenho percebido, principalmente entre meus familiares nessa pequena pesquisa que eu fiz sozinha, ah não o centro dos arredores do Canto do Noel, o centro dos arredores da travessa, esses são os temas de referência que eu geralmente via a galera falar, o centro dos arredores da Hercílio Luz, da tiradentes, do Tribunal de Contas ou do Instituto, agora Centro-leste é uma coisa que eu realmente vejo muito nesse pessoal ais mais jovem assim galera que realmente frequenta os eventos culturais ali. É, então pra mim o entendimento é esse, mas eu comecei a ficar muito questionadora em relação ao tema porque pra outras pessoas não

existe esse entendimento, tá? E são pessoas que sempre se identificaram com o lugar, por isso também é um pouco do meu incômodo com o termo, tá?

E.C.: Sim. E aí você citou esses outros nomes, mas tem mais algum nome? porque eu já vi algumas pessoas utilizando baixo-centro e tudo mais. E aí a gente pode conversar sobre esses nomes e o que significam para aquela região.

L.F.: Eu já ouvi o Baixo-centro também, um pouco menos do que Centro-Leste e vindo muito do mesmo público que usa Centro-Leste também. Eu não sei se é alguma referência a esses termos de cidade alta e cidade baixa que é uma coisa que é muito comum em outras cidades, tipo Salvador que tem cidade alta e baixa, tem lá também. Em Florianópolis eu sinceramente eu não sei de onde é que tiram esses termos, sabe? Tipo pra onde é, está baseado em quê? Da onde que eles surgem? Eu não vejo problema em existirem novos termos para vocês referência a lugares. Isso daí é uma coisa que vai mudando. Tu que é historiadora deve saber Da mesma maneira que por exemplo os próprios avós que faziam referência a lugares um tempo atrás e hoje ele já falam de outra forma. Não vejo problema nisso. O que me incomoda é, por que as coisas são utilizadas desse jeito? Porque parece desde que você está construindo a marca também pro lugar sabe? Eu eu sou uma pessoa que eu vim da geografia, depois fui estudar design, trabalho com sistema de empresa a gente vê muito essa coisa também de fazer o *branding* da cidade e sabe criar a marca da cidade, a gente sabe quem geralmente que está envolvido nesse processo de criação de marca né, a gente sabe muito bem qual que é o interesse por trás disso às vezes, mas eu eu tanto o Baixo-Centro também é uma coisa que eu acho muito estranha porque Baixo-Centro do que sabe? Nem entrando no mérito de ser baixo, desapegar sei lá ai o baixo é ruim? não, mas é que eu acho que as coisas, elas se constroem a partir de uma história, sabe? Então, qual que é a história por trás disso, sabe? De você estar chamando de Baixo-Centro ou estar chamando de Centro-Leste? Então a gente tem o centro-oeste? tem o Centro-sul? além do edifício Centro-Su, né? E como também se expande pra outros lugares né? E isso daí é uma coisa que está sendo bem comum em vários bairros, né? Já ouvi falar também de tem o Campeche Oeste agora, a minha família faz parte da Coloninha, né? Meu pai estava falando esses dias que estavam querendo chamar de Novo Estreito, sabe? É o bairro Coloninha gente, a escola de samba agora vai ser Unidos Novo Estreito?

E.C.: Ah, então. Eu moro por aqui também.

L.F.: É louco isso né? Já tem gente botando esses nomes, tá? Então assim o questionamento é o mesmo assim, de onde vem isso, sabe? Por que cria isso? E como é que isso começa a se reforçar na cabeça das pessoas? Eu entendo tudo isso como uma grande maneira de você descaracterizar um pouco quem tem o protagonismo da região, do do espaço. Porque não é discutido e eu também acho que pode parecer que eu falo mas eu acho que também tem coisas que não tem que ser levado pra discussão. Acharia uma perda de tempo do poder público? Vai, vamos fazer uma discussão e uma audiência pública pra saber esse nome e agora vai ser Centro-Leste. Gente, pelo amor de Deus, a gente tem coisa mais importante pra falar. Vou te falar isso. Mas assim, eu acho que é o mínimo é você talvez revisitar a história, sabe? Tipo, e de fato dar a real importância, sabe o reconhecimento, né? Sobre as pessoas que foram os agentes, né? Que construíram e foram importantes pra que aquele lugar existisse e fosse o que ele é hoje, né? E esses incômodos eles acontecem comigo porque a gente vê vários movimentos ali que putz, agora foi supercrítica, vamos prestar atenção na retomada da Escola Antonieta de Barros, é e beleza, agora foi devolvida ao poder da prefeitura, bares como o próprio Bugio né? Fizeram ali alguma outra movimentação, voltar a olhar pra antiga FAED. Pô isso é muito legal, mas assim você está reivindicando isso mas ao mesmo tempo você está vindo aí com uma mudança de nome que pode parecer uma besteira mas é uma coisa que é muito importante na verdade né e isso não, isso não está sendo considerado, né? Você já conversou com as outras pessoas que foram pessoas que foram marginalizadas em quadras pra lá assim, sabe? De obtermos, né? O que elas acham disso? Então é que nem você chuta lá, começa a chamar o Mercado Público de Novo Mercado Público de qualquer coisa tipo sabe? Já aconteceu ali um empurrada de galera que frequentava o mercado diferente de como ele era antigamente né? Como tem fotos na minha casa que minha família revelava, de como é que era, que eu inclusive frequentei, que era um espaço que só ia galera pobre, galera que era de samba e hoje assim né grande parte de vários conhecidos nossos não consegue sentar lá pra tomar uma cerveja. No caso ali do espaço Mercado não se mudou o nome. Mas é um pouco feito também é um pouco do que tem acontecido na vida daquela região, sabe? A verdade é que era uma região que não era tão boêmia assim né? A parte do Madalena, especificamente né? Tem uma escola [palavra não identificada] Tiradentes, mas essas coisas assim eu tenho sempre um pé atrás assim, sabe? Começa mudando nome, começa mudando a referência e daí o que acontece depois, né?

E.C.: Sim.

L.F.: Não sei se eu te respondi

E.C.: Respondeu sim, eu achei bem achei bem interessante tipo outras visões assim porque até então as entrevistas que eu fiz eu não tive essa perspectiva do que é aquele espaço assim. Então é bem bacana mesmo. E aí eu queria saber você disse sobre alternativas culturais e aquele espaço antes assim eu queria que você falasse um pouco. E não só do agora né, mas como era e como você vê essa mudança ao longo do tempo, já que você frequenta o espaço a tanto tempo, até a parte de desfiles das escolas de samba, eu não sei se você tem esse conhecimento também. Isso aí por enquanto.

L.F.: Bom, eu frequento ali há muito tempo, morei minha vida toda ali praticamente, minha família inteira é da cidade, sabe aquela região que tem a Kibelândia, o Bugio até o Madalena ali, aquela rua toda ali, não lembro a rua, acho que é a Vitor Meireles.

E.C.: Isso.

L.F.: Ali o Kibelândia é um bar histórico, ele sempre existiu, ali era lugar que só tinha aquele bar, antes inclusive de ter o Taliesin que era um bar de Rock, o Taliesin ele não era ali, era em outro lugar. O Kibelândia era um bar que na época de carnaval reunia muito povo de carnaval porque os concursos de marchinhas de carnaval aconteciam lá, eles na verdade aconteciam no Mercado Público muito antigamente, na época que o Mercado não tinha nem passado pela reforma, quando o Mercado ficou fechado e começou a ser feita a reforma, ele saiu da região do Mercado Público e o Kibelândia adotou, então era muito legal, eles fechavam a rua, colocavam palco e daí o bar fazia o serviço do bar, mas as pessoas podiam acessar as cadeiras e tudo mais, esse concurso de marchinha.

E.C.: Só um minuto que meu despertador tinha trocado de novo porque eu tinha colocado pras sete e meia, sabe? Desculpa interromper.

L.F.: Imagina. Ah, mas enfim qualquer pessoa poderia se inscrever e receber uma marchinha no concurso, participar. Mas sim obviamente que a maioria das pessoas que acabavam participando eram pessoas das escolas de samba, né? Nos concursos, os compositores, né? A galera de enredo, de pesquisa e tudo mais. E o bar ele adotou isso, né? Dali pra trás ali, né? Tipo, daí a gente pega até o Madalena, cara. Não tinha nada, a gente tinha um restaurante árabe um tempo atrás, e tinha uma escola Alferes Tiradentes muito tempo atrás e realmente era uma região bem abandonada, tanto pelo poder público e também pelo poder privado, porque também as empresas nunca tiveram interesse de fazer nada lá, nenhum comerciante queria fazer coisa lá, aquela mesma região que é a região da Travessa que tem o Bar do Noel, ela estava

começando a ganhar mais atenção da galera mais nova assim, o que é bem engraçado porque eu ia lá muito com meu avô e meus avós e meus tios eles sempre frequentavam lá e daí começou a vir a dar o boom da galera universitária pra ir lá, no comecinho ele ficou muito feliz, tipo ai que legal minha neta vai e não sei o que, o pessoal está colando, só que aos poucos eu acho que nem eles tavam mais indo assim, eu acho que meu avô não vai mais lá com frequência, sabe? Mais lá por causa da mudança do perfil de pessoas que começou a frequentar lá sabe? Começou a vim, normal né, você não vai onde vai sua galera, basicamente é isso. E aí apesar deles serem velhos acontecem também o mesmo movimento. Agora eu tenho sentido que ele e os amigos eles têm voltado a frequentar lá muito por causa das atrações que o Bar do Noel começou a chamar, então eles estão chamando sambistas que são mais conhecidos pelas comunidades de escola de samba. Aí o pessoal parou de colar ali lá por 2015 e agora estão voltando porque os sambistas que eles estão chamando pra tocar no Bar do Noel eles já são mais conhecidos pelo povo do samba. Ah, é algo que o Bugio também tem feito, né? Eles começaram a fazer ali o Samba de Antonieta, ali com a Jandira, com a Júlia, com o pessoal ali que era do do grupo do Bom Partido e isso puxou muita gente que era de comunidade de samba, de comunidade de Carnaval pra ir por conta da atração, em si, né? Mas você vê que a participação dele sim também a presença dessa galera nesse espaço ela se restringe a esse dia. Eles não frequentam outro dia porque não existem as pessoas que eles se identificam digamos assim né? Com o restante da agenda. Assim como você também não vê os frequentadores do Samba do Bugio que não são de comunidade de samba nos eventos de samba que estão fora daquele rolê, fora daquele circuito.

E.C.:Sim.

L.F.: Eu vou nos ensaios das escolas de samba e não vejo essa galera lá por exemplo, sabe? Que são regiões próximas, que é a Copa Lorde na saída pra Beira-Mar, a da Protegidos da Princesa na Passarela Nego Quirido, então o que eu vejo muito assim do que já passou, né? De antes pra hoje é que esse lugar é muito suscetível ao público que frequenta. Porque não vou ser hipócrita também, né? Existem iniciativas que estão trazendo eventos. Que são voltados pro samba, que são, enfim, voltados pra coisas que realmente aquele já era conhecido. Só que o público dita muito como vai ser essa agenda, quando vão acontecer as coisas e inclusive o interesse que o próprio poder público tem sobre esses lugares assim. Isso é muito claro, muito nítido quando, por exemplo, ano passado, apesar de quem estava dando aquela volta ainda de coisa de pandemia e tudo mais. Né? Não estava tão assim estava tudo meio vamos dizer a passos de

formiga, as escolas também tiveram puta de um trabalho de conseguir os alvarás para conseguir fazer os ensaios no centro de Floripa, não conseguiram inclusive, não conseguiram, não teve desfile. Mas é nesses mesmos estabelecimentos que estão ocupando o espaço ali nessas ruas, eles conseguiram todos os alvarás e conseguiram fazer todos os tipos de eventos, eles fizeram ano passado no ano que não teve carnaval, e a gente tá falando do mesmo espaço no mesmo lugar sabe? Qual é a diferença, velho? Né? Por que um conseguiu e o outro não? No mesmo lugar, cara.

[voz indignada]

L.F.: Então assim eu vejo que o lugar é muito suscetível às pessoas que frequentam ele, você ia falar, pode falar.

E.C.: Eu ia perguntar que ainda assim, conseguindo o alvará ali na região dos bares e tudo mais, eu vi uma notícia de que fechou oito e meia da noite assim que teve toque de recolher e tudo mais. Então mesmo assim ainda foi cedo.

L.F.: Sim, mesmo assim não foi do jeito que todo mundo esperava, né? Eu frequentei eventos ali, não foi, fechou cedo, teve essa essa coisa de pisar de ovos aí, não deixar fazer as coisas, às vezes eu pensando o que acontece naquela região, não sei quais os planos são reservados pra aquela área. Eu só sei que é um espaço assim de muito significado pra muita gente, sabe? Então o rumo que ele for tomar e que a gente sabe que o poder público é muito responsável pelo pra definir o rumo que ele vai tomar eu não me eu não confio cem por cento nos lugares que tem poder de decisão pra decidir o que vai acontecer, porque não dá pra você deixar só na mão e quem está lá botando “ai que legal” “Ah, mas agora tem um bar ali e os caras estão fazendo um negócio muito massa”, e vocês estão reclamando? Era muito pior que eu não tinha nada. Gente, o lugar só existe porque as pessoas frequentam, sabe? Não dá pra você chegar e botar qualquer birosca ali e achar que o cara é o salvador da pátria porque ele botou um bar ali e revitalizou a área, não é nem obrigação do estabelecimento fazer uma revitalização, sabe? Então essa coisa aí que você falou que teve o incentivo, mas fechou cedo, cara quem que decidiu isso? Foi poder público, sabe? O que os caras querem? E ao mesmo tempo, o que eles querem? Eles vão botar na mesa pra definir quem? Que caras que eles vão botar pra sentar na mesa pra tomar decisão sobre o que vai acontecer. Isso que é a coisa que me deixa muito muito curiosa pra saber. O que se pensa sobre isso.

E.C.: Mas aí pensando em tudo isso que você falou, essa visão bastante crítica, quais alternativas culturais que você vê que abarcam aquele espaço além das que você disse você considera o fluxo uma alternativa interessante ali pra pra essa ocupação da juventude negra, antigamente tinha a Batalha das Mina, então e quais mais assim tem outra opção?

L.F.: Eu considero uma opção bem interessante mesmo, vamos pegar do fluxo especificamente ali que vai o pessoal mais jovem. Eu não vejo eles integrados aos bares, por exemplo, eu vejo um movimento muito independente, o que é muito legal, só que não dá respaldo nenhum, não dá segurança nenhuma pra quem está frequentando aquele lugar e eu vi outros movimentos, a Batalha da Mina também por exemplo, eu vejo como algo muito independente, mas que não é abraçado pelo estabelecimento que estão lá dentro, sabe? E que nesse mesmo estabelecimento que muita gente chama de salvadores da pátria.

E.C.: E nem pelo poder público.

L.F.: E nem pelo poder público, sabe? Então assim, ó, é os caras eles quiserem com o negocinho ali do fluxo, né? Ou enfim, eu não sei se a batalha está rolando ainda porque também eu estou no movimento.

E.C.: não está mais rolando.

L.F.: Mas e foi por conta de a prefeitura não estar deixando?

E.C.: Não necessariamente. Acabou enfraquecendo depois da pandemia e teve os episódios de repressão policial também.

L.F.: Acabou enfraquecendo porque que então as pessoas que tem que tem ali um escudo né? Pra poder ser baleado pela pelo poder público não não tomam isso né? Não como os não pra ser donos obviamente, mas pra pra dar segurança realmente pra que esse evento aconteça, porque que nem um bar assim, vai lá e fala “não a gente vai assumir a bronca”, então e a gente vai viabilizar e garantir ali um espaço pra que aconteça a batalha porque eles indiretamente sempre foram beneficiados por esses eventos que aconteciam ali sabe? É a venda de uma bebida, é uma entrada que você acaba

L.F.: Mas enfim cara é eu o que eu vivo contando aqui como solução é basicamente um diálogo assim sabe? Entre a galera que que mobiliza esses envolvimento aí desses eventos com espaços que tipo tem o respaldo jurídico, tem a segurança ali, né? Um órgão público pra que as coisas

possam acontecer e que seja e que seja feito um comum acordo, né? Não acho legal algo do tipo assim, ah agora é uma Madalena que vai fazer a Batalha, não, porque a Batalha não é do Madalena. Mas o Madalena claro que daí você espera muito que fica ali de quem toma a iniciativa seja o estabelecimento, mas enfim acaba não tendo muito o que fazer, tô usando o Madalena de exemplo, mas ele acolha esse movimento e dê autonomia pras pessoas tocarem nesse movimento e que compõe na sua agenda, sabe? A Bugio está com uma agenda gigantesca de diversos eventos que eles estão querendo incorporar. Por que que esse não é um evento que está sendo, por exemplo, interessante pra eles incorporarem? Bem, porque que daí quando é pra tocar, por exemplo, algo que é mais voltado pro rap, eles criam um evento fechado que você tem que pagar dez reais dentro da casa? E por que que daí esse evento fechado que você paga dez reais a casa não é das pessoas que estão na batalha de rap das minas. Sabe por que que você não está dando palco pras gurias que são da batalha e que tipo era o evento esvaziado? Você estava tipo colocando dinheiro na mão de quem já era muito conhecido sempre. Então a minha crítica é muito essa, sabe? Tipo é um pouco de falta de sensibilidade dos estabelecimentos, acho que a galera que é dos movimentos assim, já fazem coisa pra caralho, sabe? Não tem que ainda pegar e se ajoelhar e falar meu Deus do céu por favor olhem para a gente, mas é o que eu vejo assim é quase como o público que frequenta eu por exemplo sou uma pessoa que assim eu sou muito convicta do que eu acredito e eu tenho parado realmente de ir em coisas ali por conta disso, sabe? Porque me entristece às vezes da maneira como poxa eu várias vezes eu vi sei lá vou dar o exemplo de forma de Antonieta a Júlia Maria saindo de lá correndo ou então a Jandira pra no Borogodó e daí a entrada quinze reais gente está e a galera ficava sem after depois do Samba de Antonieta, mas não queria pagar os quinze reais e tocar no Borogodó, mas também os caras lá por causa da Bugio nunca fizeram uma noite com ela lá dentro cobrado, né? Por que cara? Seu público já não gosta de samba? Ele não estão nem aí velho, vai lá eu joga elas pra dentro da casa, manda os cara pagar os dez reais e dá os dez reais pras mina porra, aí vai e dá os dez reais pra, eu vou falar nome mesmo, pros Los Destero, todo mundo já tá vendo essa banda que tá tocando direto, então acho que rola um pouco de falta de noção das casas, em valorizar e reconhecer esse movimento todos aí que que são muito criados dessa região. As batalhas, o samba, o Fluxo e assim por diante.

E.C.: Você já falou um pouco aí sobre sobre o samba Antonieta, mas eu queria saber um pouco mais sobre esse processo de surgimento do samba mesmo.

L.F.: Cara, o que você acha do samba de Antonieta, ele surge, vive de uma maneira bem mercadológica, vamos dizer assim, eu falo porque eu conheço, sou amiga pessoal dos donos ali da casa. E ele é um projeto que foi a Bugio, né? Como a empresa ganhou um edital de incentivo a cultura, né? E com esse esse edital incentivo à cultura eles receberam uma verba, né? Um dinheiro que é o dinheiro que eles usam pra pagar os artistas. Então ele é de graça porque na verdade os artistas que estão participando do samba eles já recebem uma parte de dinheiro que é o dinheiro que foi estabelecido por esse edital. A caixinha que passa lá pra arrecadar dinheiro da galera dos músicos é um extra digamos assim, mas enfim, por exemplo a hora que acabar o dinheiro do edital acabou o Samba, só se eles conseguirem um novo edital. Então esse projeto aí da última vez que eu falei com o Carioca, era uma coisa de doze meses assim, acho que já até passou, não sei como é que eles estão fazendo agora, mas é uma coisa que foi pensada tipo assim de forma intencional pra eles e daí também outras coisa que falo ouvindo deles porque eu já fui até perguntar como uma alternativa deles conseguirem atrair as pessoas do centro. As pessoas do Centro Leste, as pessoas mais antigas que frequentavam o Bar do Noel que escutavam o samba. Também tem outros públicos que eles queriam aproximar que era agora do rock eles estão fazendo agora outros eventos durante a semana que eram inclusive eventos iguais aos que tinham no Taliesin, mas o Samba de Antonieta ele surge assim como por exemplo gente que está vindo da Lagoa da Conceição, do Sul da ilha com todo um público universitário do Sul da Ilha que tinham preconceito gigantesco com o centro da cidade que era a Babilônia, a gente precisa ter um gatilho pra trazer essas pessoas pro Centro e ser atrativo, daí percebeu que às vezes o sábado à tarde no Bar do Noel estavam muito legais, estava toda essa galera colando então o Samba de Antonieta ele foi uma ideia que eu acho muito legal, mas ele vem ele vem justamente crescendo nessa ideia, a gente precisa fomentar o público do bar. A gente quer aproveitar é o público que a gente sabe que deu certo na iniciativa do Noel, então vai ser certo, trazer pra cá também. Basicamente eles surgem por conta disso. Deu certo? Deu certo pra caramba porque só pensar em público frequentador assim eles conseguiram fidelizar uma galera. Até quando? Não sei. Então basicamente é isso.

E.C.: Sim, e quando foi que surgiu e o porquê do nome Antonieta? Tem a ver com a escola ali?

L.F.: Cara, quando eu acho que foi meio que logo que começou, eu não sei te dizer em datas assim, mas eu acho que foi logo quando começou a aliviar ali a pandemia na verdade já né? Pro ano passado, o nome eu sinceramente não sei porque tu falou agora que pode ser por conta da

escola? Acredito que talvez possa ser mesmo por conta disso, mas eu não consigo te dizer com certeza não.

E.C.: Voltando pra parte da importância de um espaço como o samba, ser uma alternativa pra pra juventude negra, você acha que se tem essa importância também? De lazer, de ser gratuito e afins?

L.F.: Eu acho que é muito importante, principalmente a importância em preservar um pouco da história assim, sabe? Porque até porque no Samba de Antonieta, eles exploram um repertório que ele é muito focado nos sambas de partido alto, né? Os sambas mais clássicos, mais antigos assim que contam histórias de trabalho contam histórias do povo preto mesmo, então eu acho que ele é ele é bem importante principalmente nesse aspecto, né? Além do lazer, da questão do resgate assim da própria história mesmo, sabe? Tipo da cultura assim, dos primórdios digamos, eu acho que não é a única não é a melhor solução é única pra lazer porque a gente sabe que o Lazer não se restringe só a isso, entendeu? Eu gosto RAP pra caralho, por exemplo, eu gosto de vários tipos de som que eu gostaria de ver lá e não vejo, mas a proposta dele é eu acho bem interessante nesse aspecto assim sabe? Eu fico enjoado às vezes porque não é sempre que eu quero ouvir aquele tipo de samba, eu quero ouvir algo mais pra cima às vezes, só que eu entendo ali a ideia, a proposta que tem por trás, eu acho muito válido, isso é importante até para uma manutenção assim, sabe? Da memória, sabe? De preservação da memória cultural mesmo.

E.C.: Massa. E qual a importância, cê já falou um pouquinho agora, mas qual a importância do do samba pra você assim? Considerando que você viu essas duas gerações, né?

L.F.: Sim. Cara, tudo é minha vida assim, né? Porque a minha família é isso, é respira isso sim, meu vô e se não fosse o Carnaval ele já era uma pessoa morta, cara. Então eu tenho apego afetivo muito grande porque é a minha história assim, sabe? É a minha vida, sabe? É do nível que os meus avós, que são dois velhinhos, escutam um samba e começam a chorar juntos. Então, pra mim é muito importante, sabe? É uma coisa que eu faço questão de frequentar, eu sou muito assim, tipo, pô, defensora mesmo, na verdade, como o mundo das coisas se tomam, porque é uma coisa assim alguém na minha vida e sabe? A vida da minha família ali. Então de acabar assim, nossa eu nunca esqueço ficou no Mercado Público pegou fogo meu vô chorou cara e chorou ele quase infartou ele falou que ele ia morrer porque era o lugar que acontecia a roda de samba, né? Então eu vi aquilo quando eu era criança quando eu tinha nove anos de idade e eu fiquei caraca isso é muito importante, eu lembro que foi a minha memória de começar a

valorizar muito isso assim, então também quando por exemplo não pôde ter os ensaios das escolas de Samba no carnaval do ano passado, eu eu vi ele sofrendo e foi muito triste pra mim também porque era onde a galera se encontrava das escolas, aonde o pessoal discute o próximo samba-enredo, a gente aprende a tocar instrumento, a gente começa a ter interesse, eu acho muito legal tocar uma bateria, tu vê meninas que começam a querer aprender a sambar, querer ser porta-bandeira, a querer aprender coreografia, acho eu sou muito legal, eu sou muito preciosista com a permanência assim de pelo menos uma agenda cultural voltada pro samba porque a história do samba em Florianópolis ela é tão importante e grande quanto a história do Rio de Janeiro sabe? Existia um intercâmbio muito forte entre o as duas as duas capitais, poucas pessoas sabem disso, mas o nosso carnaval e a nossa história do samba ela é nível Rio assim porque foi galera de lá que veio pra cá e de cá que foi pra lá, meu próprio avô é memória viva disso ali, então eu acho que é importante pra galera saber disso, Tem muita gente que acha que as nossas equipes copiam, não né cópia, a parada aqui tem a escola de samba mais vezes campeã do Brasil, sabe? Então vê como na Portela, por exemplo, então é realmente eu acho que pra mim é tudo assim, sabe? É a história da minha vida assim ela tá girando em tudo isso aqui.

E.C.: E quais são as dificuldades em ocupar aquele espaço do Samba Antonieta, do Centro ali como um todo, daquela região, daquela região do da Victor Meirelles e todo esse espaço que a gente já conversou até agora.

L.F.: Dificuldade de permanecer ali, ocupar ali? Cara, eu acho que há um tempo atrás eu via muito como, por exemplo, apesar de ser uma região pouco residencial existe certo olha existe aquilo tipo, né? Pessoas que moram ali e isso é um pouco eu via como um problema porque muita gente reclama e ainda reclama porque fica muita gente passando e tudo mais. Os meus avós moram ali na rua da câmara dos vereadores. A minha vó é muito boa. Ela falou nossa perfeito porque há uns anos atrás eu andava sozinha aqui de noite, tinha medo. E eu prefiro ter um milhão de pessoas tomando cerveja na rua com um monte de bar aberto porque eu me sinto mais segura na verdade, né? Do que está vazio as praças como estava um tempo atrás, então eu acho que ao mesmo tempo tem gente que reclama porque é uma região que também mora um número relativamente alto de pessoas bem conservadoras sim. Então ali na Hercílio teve anos de bloco de carnaval passando que jogaram ovo, jogaram comida, sabe? E acho que existe alguma essência sabe um pouco das das dos moradores da região e da falta de entendimento e esclarecimento deles e esclarecimentos dele sobre a importância daquele lugar, pô vocês não sabem onde vocês moram embora, pelo amor de Deus, vocês moram no centro histórico da

cidade e também a questão da polícia, né cara? Eu acho que pra mim a questão da segurança ela é primordial porque é uma região que reúne tudo cara tem ali cultural, ela tem a história da cidade, ela tem também os problemas de desigualdade social com todas as pessoas e pessoas em situação de rua tudo convive junto e parece que o poder público não sabe muito bem como lidar com isso, né? Porque não é você também esculachando e tipo ali queimando vivo morador de rua, mas também não é vocês saírem expulsando galera que está usando aquele espaço como um espaço de lazer porque você vai afetar na cadeia de economias porque a gente vai parar de ir lá. Porque a gente sabe que acaba não sendo seguro, aí acaba gerando a revolta da população e daí fechar cedo não é solução porque agora vai procurar outro lugar pra ir, vai ficar até mais tarde esse outro lugar. Então eu acho que agora tem uma pequena bomba na mão aí cara, não sabe muito bem o que fazer, tá? Não sabe como garantir um espaço público pra lazer, para juventude, não sabe como garantir a segurança de quem frequenta e também de quem mora, né? Quem mora oficialmente, e também não oficialmente, pessoas que moram na rua, a gente sabe disso, estão na rua e não sabe como garantir a segurança dos próprios bares. Os bares não sabem muito bem também até que ponto eles podem negociar com o poder e com a segurança, então pra mim na verdade de todo mundo né? De todos esses agentes eu acho que os que mais estão suscetíveis a meio que ser uma uma barreira assim para que as coisas aconteçam de forma legal é muito da polícia mesmo, sabe? E de alguns moradores da região, sabe? Alguns moradores que acabam meio que internalizando esse discurso de que é muita bagunça, já tem muita gente na rua, daí a juventude sempre tem alguém bebendo. Daí a polícia vem lá atrás tipo ajudar essa galera que não frequenta, que não gera dinheiro, que não gera economia pra região, mas só reclama.

E.C.: Sim. Então o que eu tinha de geral assim pra perguntar é isso aí eu queria saber se você quer finalizar de alguma forma?

L.F.: Cara, eu estou curiosa também pra ler esse trabalho um dia, se eu puder porque eu acho que esse tema muito interessante, parece muito legal, acho bem necessário estar discutindo sobre essa coisa assim, essa ponte aí do do que que foi o lugar do tempo e como é que ele passa hoje, principalmente dentro da história então assim acho bem massa, então se quiser manter contato comigo nos dias se der pra ler ou até mesmo ver apresentar, vou ficar muito feliz. Mas eu acho que era mais isso mesmo Evelin, qualquer coisa se tu também tiver alguma dúvida tu pode vim de novo.

E.C.: Foi muito bom assim porque como eu disse é outra perspectiva sim e aí isso me fez assim um bum sabe? Agora eu estou aqui pensativa com o que tenho, o que eu vou fazer tenho que parar pra analisar.

L.F.: É eu não sei o que que tu já ouviu da galera aí, mas enfim, [esse] tipo de papo estava até conversando com a Azânia a gente ficou trocando uns três dias de áudio assim, *podcasts*.

E.C.: Uhum.

L.F.: É o que eu disse porque nossa tem muita coisa acontecendo naquele lugar e eu acho que o pessoal não está sabendo lidar não. É um lugar muito visado, né cara? Então é esse processo de revitalização da cidade que está pra acontecer agora. Será que vocês vão querer virar aí um novo *open shopping*, uma coisa meio Jurerê assim, sabe? Será que vai ser uma coisa que vão integrar com o que já tem na cidade? Que que vai ser, né? Essa região está bem nesse miolo, né cara? É só você ter uma noção assim de imóveis, os imóveis ali, eles valorizaram demais, sabe? Um apartamento que custava quinhentos, mil, está custando mil e setecentos. O aluguel que pagava mil está custando mil e oitocentos, então ele já está aquecendo ali. E o meu medo é esse o que que vai vim pra lá, porque eles não podem impedir as pessoas “ah, não pode comprar o apartamento aqui porque cadê sua carteirinha de local?” Não tem como fazer isso. Mas assim como assim, isso vai respingar pra rua né? Isso é por questão desse acostamento que eu fico pensando bastante assim né? Tipo o que entra nesse processo de revitalização,? Como é que ele vai estar incorporando? Qual é o projeto na prática desse tipo de manifestação nessa região, né? Eu não vi nada assim, e olha que eu sou pesquisadora, na prefeitura olhando que novidade na marinha, que seja novidade em processo de revitalização, eu não vi nada sendo escrito assim, citando projeto que fomenta lazer aos eventos naquela região ali, então me preocupa bastante, acho que é uma coisa que temos que ficar de olho.

E.C.: É um questionamento até pra mim. Minha defesa está marcada pro dia seis de março. Aí eu posso avisar sim, por isso eu estava tão desesperada pela entrevista.

L.F.: Ah, mas vai dar certo. Vai ser legal.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR MANA MOA MC À PESQUISADORA EVELIN
MARIA DE CARVALHO, EM 06/01/2023

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistada: Mana Moa MC

Entrevistadora: Evelin Maria de Carvalho

Transcrição realizada por: Evelin Maria de Carvalho

Local: Florianópolis, SC

Data: 06 de janeiro de 2023

Duração do arquivo: 46min04s

Páginas: 13

Pesquisa: “Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis – SC de 2016 a 2022”

Legenda

E.C.: Evelin Maria de Carvalho

M.M.: Mana Moa

Referência

MANA MOA. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 06/01/2023 (digital). Florianópolis, 2023. Acervo da pesquisadora. 13p.

Entrevista

E.C.: O meu trabalho né, ele é o meu trabalho de conclusão de curso, é sobre a reivindicação da importância do Centro-Leste ali de de Floripa como o espaço de articulação da juventude negra e aí nisso eu quero analisar os movimentos culturais. A partir daí eu queria perguntar tipo pra ti o que que você compreende assim como centro-leste, se você conhece, vive aquele espaço?

M.M.: Como assim Centro-leste? [risos] Não dá pra ver que não, eu não manjo nada.

E.C.: Então o Centro-Leste é a parte que fica a leste da praça XV, então a parte da direita ali da Praça XV que pega a Avenida Hercílio Luz, Vitor Meirelles e assim vai até o limite da Mauro Ramos, também conhecido como Baixo Centro. Então tipo ali na direita da praça XV. Mas então eu posso te fazer perguntas em relação a Batalha das Minas especificamente, se você preferir.

M.M.: Não, mas legal que você falou isso porque tipo assim eu não tinha entendido esse termo Centro-Leste, mas agora você explicando aí me fez sentido, entendeu?

E.C.: Aham. É que o termo não está sendo usado há muito tempo assim. Mas está se desenhando enquanto Centro-leste, aquele espaço. Por ser também um espaço mais característico, né? Ali no processo de fundação da cidade, onde ficavam as lavadeiras e tudo mais e como tipo eu quero analisar como a juventude negra ainda ocupa aquele espaço assim.

M.M.: Sim. É, Aí eu preciso te falar a minha visão sobre a parada é isso?

E.C.: É.

M.M.: Olha do pouco que eu sei né? Eu sei que inclusive aqui no morro que eu moro que é no Montserrat, né. Houve três períodos de ocupação, né? De povo preto também aqui no morro tal e em um um desses períodos foi o período em que houve a higienização ali no centro né?

E.C.: Aham.

M.M.: Porque eles estavam modernizando o centro e tal, então expulsaram a galera que morava ali no no centro [pausa] espera só um pouquinho amiga?

E.C.: No seu tempo.

M.M.: O foda é que eu estou sem pc, aí tudo é no celular e aí essas merdas essas notificação chega e o cara não consegue pensar outra coisa pera aí deixa eu só mandar um bagulho aqui. É isso né, sempre teve essa segregação assim, o racismo se hoje existe antes era pior ainda todo mundo já sabe disso e eles quiseram afastar a população negra do centro da cidade, a Hercílio Luz ali era meio que uma divisão da galera, elite com a galera trabalhadora, então os morros foram ocupados por essa galera que veio, essa mão de obra assim, né. Em busca de serviço, em busca de oportunidade e hoje assim como eu posso ver a ocupação desse espaço eu não sei, né, porque tá muito comércio, os prédios ali tudo é bem branco assim, o bairro.

E.C.: Mas justamente esse dia muito branco, talvez falando sobre o que eu quero trabalhar fique mais fácil, eu quero usar a Batalha das Minas, o Fluxo do Madalena e o Samba Antonieta enquanto lugares que a população negra ocupa e aí você trouxe um elemento importante, que durante o dia essas pessoas não necessariamente estão ocupando esse espaço e aí a partir desses movimentos culturais, desses rolês que acontecem ali, aí desce pessoas pretas. E aí é mais ou menos nessa linha assim.

M.M.: É já foi mais, né? O Madalena ali já foi bem mais, né? Hoje em dia não, né? Hoje em dia está bem, é isso só vai acontecer a ocupação ali de se de fato não forem pessoas pretas, né?

Tipo assim, porque se tiver pessoas pretas eles vão não dar um jeito de tacar bomba, de dispersar, né? Eu estava no dia que tacaram bomba ali no no Madalena ali, na rua do Madalena. O bagulho foi louco, sem necessidade. Só porque o pessoal, porque as ruas estavam superlotadas de pessoas periféricas, tipo isso.

E.C.: Exatamente.

M.M.: Ouvindo *funk*, é lógico que várias coisas se acarretam assim também, tipo bagulho fica louco assim, né mano? Tipo porque parece que quando é mais explícito, né? Eu não sei. Não sei se é explícito ou se é só racismo mesmo que tipo que faz com que pareça algo agressivo. É, na verdade é isso. Parece algo agressivo, né? Porque os branco estão usando droga pra caralho. Os cara usam droga pra cara mano, parece que os caras só usam droga [risos] só que é isso né fica na posturinha ali e pá eles não se expressam muito, eles são a galera mais chatona assim né mano tipo, não ri não faz porra nenhuma fica ali conversando com sua Heineken na mão, todos drogados, mas não dá nada né porque tipo eles estão ali, é o quintal deles né mano, aí quando é nois assim tipo chega com alegria, com dança com expressão, atividade e calor humano [empolgação na voz] aí o bagulho se torna perigoso pra eles, pros moradores, eles não se sentem seguros em ver tantas pessoas pretas juntas.

E.C.: Incomoda, né?

M.M.: Porque existe todo um estigma, um estereótipo, é culpa no cartório porque eles sabem que se nois quiser tomar o bagulho não vai ter pra ninguém e é nosso, é foda, é muito triste ver isso. Eu tô num nível que tem coisas que eu já nem sei o que pensar, eu observo uns bagulhos que é foda.

[barulho]

E.C.: Travou, eu não escutei essa última frase.

M.M.: Eu não acho que Floripa é tão ocupado por pessoas pretas, tem muita gente branca, onde você vai tem pessoas brancas, só branco, os pretos não estão indo pra praia, não estão fazendo os bagulhos. Tão tramando, não saem do morro, eu que morro no morro vejo aqui a galera circulando na quebrada, mas não vê eles de bandinha na pista, agora o Bugio alí é um espaço que tem colado mais pessoas assim que são do Movimento Social, tem várias pessoas pretas, mas ainda assim tem muito branco, é ocupado pela maioria branca, mas Florianópolis tem mais branco mesmo, fica difícil. Estão trabalhando, as mães solteiras estão cuidando das suas filhas,

não tem com quem deixar pra dar um rolê, então onde tão essas pessoas, onde tão essas mulheres, então não é fácil, tirar um lazer é um privilégio, tá ligado?

E.C.: É verdade, é bem isso que eu tô tentando entender assim, cadê as pessoas pretas e como esse lazer é privado dessas pessoas, né.

M.M.: É porque é acesso, né. Vamos supor se eu trabalhasse fixo, tá eu fico pensando assim sobre esse acesso as coisas mesmo, né? Tipo, uma pessoa que ganha um salário mínimo ali mil, sei lá vai que sei lá ganha um salário de mil e trezentos conto mais ou menos paga setecentos conto no aluguel, como faz sei lá, mal paga as contas, vai sair pra onde? Né? Eu mesma eu só vou em vários rolês porque tipo de um ano pra cá, dois anos, sei lá. Começou de um ano, um ano pra cá começou ter as listas, né? Teve que ser falado isso, né? Porque senão ia acordar pra vida. Que tipo várias pessoas que tão na cultura inclusive, eu sou artista, Mana Moa legal e tal, pau no cu está ligado? Porque tipo eu não tenho reconhecimento nenhum. Não é, não tenho não tenho eu estou aqui ó tipo é isso tem que sei lá mano criar a força não sei da onde pra tipo, vou me entregar pro sistema assinar uma carteira ser infeliz o resto da minha vida ou eu vou tipo tentar ser independente achando que eu estou chegando em algum lugar, sendo que estou chegando em porra nenhuma eu estou aqui na favela ainda tipo mandando está ligado? Em condições precárias tenho duas filhas não tenho dinheiro pra porra nenhuma os cara deve pensão que são dois fudidos também e também irresponsável, está ligado? Então eu estou faço um corre do caralho, já tive que fazer vários corres que eu nunca quis na minha vida. Só pra ter dinheiro, está ligado? E é isso aí, mano. E eu sigo fazendo arte eu não sei nem como porque é a única coisa que ainda preenche e ainda assim tem hora que enche o saco, mano. Tem hora que enche o saco é vazio, tem hora que é que é foda, parece que não tem sentido, está ligado? Eu já estou na terapia aqui [risos] então eu estou na sessão de terapia aqui o bagulho. Mas tipo assim, passar o papo reto pra ela não ficar aqui enfeitando porque a arte blá blá blá, realidade mano realidade aqui artistas periféricos ainda estão trabalhando pro sistema, trabalhando com qualquer outra coisa pra poder se manter vivo e poder achar um tempinho pra fazer arte. Eu falei, eu abdiquei, eu falei, não vou tramar pros outros. Eu vou dar o jeito, vou confiar em Deus, em Jhá, universo, sei lá que porra está ligado? Mas eu vou fazer a minha, ser artista, tá ligado?. Mas eu não tenho reconhecimento, eu não estou no hype, eu não estou tipo ganhando o cachê que eu acho que eu mereço pelo corre que eu faço, pelo corre que eu tenho que é o mais de uma década de arte, de hip hop, tá ligado? Tipo eu não acho que eu ganho e quando eu me posiciono querendo um

cachê que seja justo não me contrata porque não acham que eu mereço aquele cachê, está ligado? Porque sei lá porque hoje em dia tudo é Instagram, rede social, tudo é número?

E.C.: Sim.

M.M.: Tudo é número, então foda-se seu corre, foda-se você está mais de dez ano fazendo um hip hop. Quem é você na caminhada?

E.C.: Toda bagagem né?

M.M.: Toda porra nenhuma. Ah foda-se, mas eu peguei chuva, carreguei caixa, eu sacrifiquei as minha filha pra poder fazer hip hop. Foda-se. Te deu visualização? Te deu seguidor no Spotify? Te dê um seguidor no Instagram? Como que você prova isso? Como que se prova? A sua trajetória. Está ligado? Aí também vamos entrar na questão ali de preservação da memória, sobre o quão importante é ter registro, quão importante é ter foto, ter vídeo, ter data, tá ligado? Pra registrar história, né? Porque se não fosse esses registros a gente também não estudaria a história, né? Mas quantas histórias perdidas nos foram também, está ligado? Por não ter esse registro e por não darem atenção. Aí isso se não for dessa forma, está ligado? Tipo, sei lá! Vai pra lá! Ela não vale nada, está ligado?

E.C.: Sim! Isso que você falou é bem importante. Porque é muito complicado, é muito complicado tipo fazer arte há tanto tempo e não ser reconhecida, é ser mulher, negra, mãe e tipo nada parece estar tipo indo assim, né? Então ocupar esses espaços que são predominantemente brancos ou com homens é muito difícil.

M.M.: Sim. A gente sente que está carregando uma parada nas costas assim. Saca. E tipo é só eu que estou me preocupando com isso? Só eu estou me preocupando em tipo fazer a diferença aqui e ali, em fazer ali, aqui, ali, ali. Porque tipo, não que só eu, ai, meu Deus. Não estou falando eu, Moa. Mas tipo nós mulheres assim, às vezes a gente fica assistindo sozinhas, né, porque as pessoas elas escolhem a família. Elas escolhem a vida delas, tipo o material, está ligado todo mundo que vai parar vai deixar o material de lado pra poder construir uma nação diferente, construir uma sociedade, não mano eu quero é comer bem, eu quero é morar bem, eu quero é levar meus filhos pra passear no final da semana, saca? Eu quero ter dinheiro pra fazer meu cabelo, minha unha, meus negócio porque querendo ou não é a aparência que chega primeiro, saca? Então tipo assim maioria das pessoas elas vão focar nisso mesmo tipo outra coisa vai focar, tipo entre o horário que eu vou estar no salão me arrumando e uma reunião do conselho

comunitário eu vou pro salão me arrumar, está ligado? Não tem mais o que fazer, enfim, esse é o meu pensamento, sabe? É muito triste a gente chegar nesse nível de consciência assim tipo por organização coletiva porque você às vezes parece que não não vai pra frente isso está ligado? Mas sabe assim que tipo é uma ideia muito parece que não é palpável pra muitas pessoas, sabe? Porque tipo, você não está vendo um retorno. Então, você vai ficar ali mesmo, eu mesma já fui de movimento social, já fui de movimento partidário e pá pá pá. Hoje eu não tenho mais saco. Na moral não tenho mais saco. Está ligado? O quanto que eu me dediquei, o quanto que eu me doe pra fazer acontecer o movimento pá pá pá pá. Que que eu ganhei? Está ligado? Não adianta mano fazer revolução com fome. Depois que vieram minhas filhas mesmo, menos ainda, está ligado? Tipo, faço hip hop, faço, faço, faço de outras formas. Né? Sim, outras formas. Pela cultura, tal. Mas tem uma hora que é chato também, mano. Tem uma hora que é saco também. Eu não quero mais ficar fazendo evento de graça na comunidade. Eu não quero. Na moral, eu não quero legal. Várias pessoas só podem se beneficiar ali, às vezes a própria galera da cultura não cola. Não cola, está ligado? Aí tu tira tempo, dinheiro do seu bolso pra pagar um bagulho, quando é pras crianças ainda é satisfatório, mas adulto ele sai falando mal, ah sei lá tipo é um bagulho que eu não sei mano, não sei mais é o qual é o caminho está ligado? Além da espiritualidade assim olha que tipo mano não sei se eu estou meio desesperançosa também sei lá mas é que cansa está ligado? Cansa. Nós não vai mais ficar fazendo rolê sem grana, sabe, ah não, agora o que a gente quer, quer estruturar nossos projetos para que tenha verbas pra que a gente consiga pagar os artistas ou então fica em casa mesmo, porque eles precisam do dinheiro, mano. Nem chama, saca? Porque pagar pra tramar é foda, não dá, Floripa é muito injusta e eu sei que tem DJ branco aí que ganha bem a hora, mas é sempre eles que vão estar na fita, é difícil as pessoas pretas conseguirem, mas estão chegando, tão chegando, mas olha passos lentos.

[pausa devido a conexão]

M.M.: Entrou uma ligação aqui, desculpa.

E.C.: Ah, não, não tem problema. E eu queria também bater um papo sobre como foi o processo, a gente tipo de surgimento da Batalha das Minas eu sei que você participava e tudo mais e aí eu queria saber um pouco mais sobre essa parte assim.

M.M.: Mana, a Batalha das Minas tinha algumas meninas que colavam na Batalha da Alfândega e entre outras batalhas também, não conseguiam rimar, os cara reprimia, tirava uma

onda, tá ligado? Impedia de rimar, e aí não fluía o corre das mina, tá ligado? Aí as mina começaram a se juntar, troca ideia, aí as mina viram que tinha várias paradas em comum, que um dia fui rimar e aconteceu isso, o mano me tirou, tipo, ah, fui botar meu nome na chave, não deixaram, ou sei lá, fui mandar rima, riram da minha cara, coisas assim, né? Esses relatos de opressão assim, e aí as meninas se juntaram pra criar a Batalha das Minas. E aí foi indo pô, começou com cinco cabeça. Tipo, eu não estava na primeira edição. É. Mas eu lembro que eu encontrei as minas um dia antes na Lagoa que elas iam fazer no Terminal Velho e tal. Mas eu tava com as crianças, então não fui na primeira edição. Mas eu sei que deu tipo pouquinha gente porque é isso né. Poucas pessoas acreditam assim né. Depois que o bagulho está funcionando que aí é mais fácil né. Sim. Mas aí foi crescendo mano, foi se espalhando, as meninas foram se organizando, fizeram cartaz, colocaram os ponto de ônibus, divulgaram, fizeram página. Foi colando, foi colando, mina, mina, mina, mina, mina, mina, mina, mina até chegar um ponto de alguns meses rolando a batalha das Minas porque aí era uma novidade também, né? Que vocês pensam. Não tinham tantas batalhas igual hoje, mas a que tinham era sempre dos mano e aí botaram as mina, batalharam as meninas aqui e ficou aquela aquela fofoca né? Tipo vamos se dizer assim né? Aquela fofoca ai agora tem a Batalha das Mina e aí todo mundo começou a colar pra saber qual que era da Batalha das Minas porque tinha muita propaganda orgânica da Batalha das Minas, chegou num ponto que véi a Batalha das Mina tinha mais gente, mais público mais MC do que a batalha da Alfândega tá?

E.C.: Boto fé.

M.M.: Então foi todo um processo assim de tipo organização coletiva e a caixa da Batalha das Mina foi comprada com o dinheiro que a gente levantou fazendo uma festa das mina. O primeiro rolê das mina que a gente monta uma produtora chamada Dissemina produções montamos o grupo Trama Feminina porque tinha demanda cara, é tipo a gente não tinha nem nome e tipo já estavam querendo nós assim pra pra se apresentar, saca? Tipo o rap feminino estava numa fase assim nacionalmente em ascensão bastante assim o movimento de mulheres, né? Então meio que pegou essa onda assim tá?

E.C.: E o que seria essa trama feminina? Eu não entendi.

M.M.: Um grupo que tinha treze minas. Tem vídeo no YouTube e tudo depois dá uma olhada. Tem a página. Vocês ainda tem página no Insta mas acho que no Face.

E.C.: é eu vi no Facebook que eu encontrei mais assim.

M.M.: É então. Então é um coletivo né? No coletivo, a mas deu várias tretas também. Ah é isso porque a forma o bagulho é foda mano. Tem coisas que é além das teorias saca? vai ter vai ter uma parte mano que um vai ser um um ponto assim que é pra além das teoria, é tipo sei lá, é vida tá? O universo é um mistério que a gente ainda não ainda não sabe sabe explicar. É vida assim, vários vários conflitos, muitos conflitos. Na teoria é fácil né? Mas na prática é bem difícil. Enfim. Mas é isso mana, a batalha movimentou bastante trouxe bastante mina pra cena, eu inclusive né? Eu não eu não era, eu só era *freestyle* assim, eu só rimava. Mas eu não tinha sonho de ser MC, não sabia nem que era possível gravação tipo achava que era tudo muito caro, muito. E na verdade é né? Na verdade não estava errada, é caro pra caralho, está ligado? Mas tipo assim, achava que era muito mais caro. E na verdade é porque se fazer um bagulho num estúdio foda, muito foda assim, vai ser caro. Porém, hoje em dia, né? Como tem os home studios e tal, então a galera acaba aprendendo fazer e faz então tipo assim tem produtores que são de *home studio* mas que tem um nível muito bom assim de qualidade né, então ainda está se democratizando assim né, vamos se dizer assim ó sim a música, mas ainda é um corre ainda é um corre, pra nós que é fodido aí pagar trezentos, quatrocentos conto numa faixa musical, mano, pra tu saca ter um trampo de qualidade assim, ainda é caro, porque não é só isso, né? Tem a faixa musical, tem que pagar o clipe, o clipe bom é caro. Sim. Ah aí tem a divulgação porque senão não adianta nada ter um trampo foda e não ser divulgado, aí tem assessoria de imprensa tem os falando do corre profissional, é um corre caro está ligado? Mas como a gente é *underground* a gente faz tudo louco, dá um jeito, né? Aí a gente consegue abrir algumas portas e fazer acontecer do mesmo jeito, mas ainda é um corre, ainda não tem que querer muito, porque senão é fácil desistir, está ligado? Tem que querer muito mesmo assim ó, tem que querer muito. E depois que você o bagulho você vê que também tipo você não vai ficar rico só que você lançou um clipe, é mas é isso mano foi bem importante tipo assim mudou sabe a mente dos MC mudou bastante, eu lembro de ver vários MC falando groselha nas batalha e depois que teve a batalha das minas que começou a se disseminar as ideias e tal né do que que era o machismo do da importância do do respeito pá pá pá pá pá aí começou a mudar o discurso, mas ainda assim os bastidores ali as coisas até hoje continuam, hoje está um pouco melhor, eu colo na batalha e não ouço assim, a nova geração toma mais cuidado, pelo menos aqui em Floripa, não acompanho mais por fora, já não é engraçado fazer uma piada homofóbica, já não é engraçado fazer uma piada machista, racista. Como um todo o hip hop chegou em um nível de consciência, saca? Mas é muita coisa né amiga. É muita coisa pra melhorar, não vai mudar da noite pro dia, mas já vi avanços sim.

E.C.: Falando nisso, falando na organização da batalha e tudo mais, tiveram as dificuldades quando ela foi crescendo, quer dizer as dificuldades desde sempre, mas em relação a violência como era essa parte?

M.M.: Mana, sempre é muita energia porque a rua quando a gente tá fazendo coisas na rua a gente tem que ter consciência do espaço que estamos ocupando, na rua tem de tudo, a gente enfrentou várias energias pesadas pra poder fazer uma rima no terminal, era treta, tem morador que colava, galera usuária de crack que colava, causava, colava uns manos locão, não deixava as minas rimarem, muita energia mostra, então era foda de rimar, aí questão de violência policial não tinha muita não viu, não tinha muita não, a gente sempre na maioria das vezes a gente fez tranquilo, teve umas fases teve mais repressão policial porque estava, tipo botava uma caixa mais alta ou tipo ocupava a rua ali colava mais gente então teve alguma fase que teve assim da polícia chegar pedir pra abaixar a caixa de som. Sim e teve uma que foi no ano da eleição era em dois mil e dezoito como os caras estavam reprimindo bastante os movimentos sociais pra que a gente não tivesse força né?

E.C.: Uhum.

M.M.: E assim eles dominassem né? A política novamente, então teve uma repressão policial ali quando a Batalha das Minas estava lá na Hercílio Luz, aí tacaram bomba, quebraram a caixa da batalha, mas foi só essa vez, em algumas minas tacaram bala de borracha, mas não foi sempre reprimido o bagulho não.

E.C.: E por quanto tempo ficou no Hercílio?

M.M.: Ai mana. Olha a Batalha das Mina já teve tanto vai e vem cara. Elas eram no terminal velho, depois foi pra Alfândega, aí quando reformaram a Alfândega voltou pro terminal velho aí estava fraquíssima não estava colando ninguém. Aí o que bombava era a Hercílio Luz aí a galera transferiu pra lá. Aí foi pra Hercílio Luz, depois tentaram voltar pro terminal velho, mas aí deu pandemia. Eu acho que ficou um, dois anos, né?

E.C.: E você acha tipo esse esse espaço da batalha das minas ele foi importante pra essas minas pretas, pro povo preto que ocupava aqueles espaços que tipo você falou que teve foi ali que você também tipo viu que era possível algumas coisas né, aí você acha que também teve importância pra outras pessoas?

M.M.: Olha cara, teve importância, mas hoje, assim, eu não vejo muitas minas que continuaram, sabe? Importância sempre tem, porque tipo a cultura é nossa, é importante pra nós, sabe? Mas não, não, não, Olha, pensando assim, é difícil resistir, né? Pode ser? Ainda mais Floripa resistir com a arte assim. Mas é importante pra caralho, foi importante. É, pra se expressar, né mano? O povo é muito carente né? Nós somos muito carentes né? Então a gente precisa de voz né? Então tipo quem vai te ouvir está ligado? Na roda de rima as pessoas estão ali pra te ouvir está ligado? Então nesse sentido foi importante sim, está ligado? Pra caralho.

E.C.: E por que a a batalha acabou? Que foi um momento que estava ali na pandemia então eu não consegui acompanhar.

M.M.: É. Acabou mas na verdade acho que a galera ficou sem caixa, eu não estava mais na organização dessa época. Eu tinha saído da organização fazia um tempinho já. Saí em dois mil e dezoito, foi em dois mil e dezoito da organização. É que é puxado né mano? É puxado. Bagulho é um corre fudido mas acabou não vou por causa foi mais por causa da pandemia mesmo, aí quando voltou assim as coisas funcionar as mina não quiseram puxar de novo está ligado? Porque é mó B.O. na real.

E.C.: Eu imagino.

M.M.: Aham, toda semana fazer um evento né? Um evento né mano? Sim, é um evento está ligado? É um bagulho louco, tem que gostar muito, tem que estar no gás, mas muito mesmo porque você vai abdicar sua vida uma vez por semana ali pra você fazer uma pros outro aí botar a cara uma parada que é vários DJ, sabe enfim é muita é muita treta, é muita treta.

E.C.: E você acha que tipo existe relação da batalha das minas com a batalha cria que também enfim é uma batalha de mulheres, mães e afins?

M.M.: É tem a relação de que tipo as mina precisava de espaço pra rimar e não estava conseguindo onde tinha, né? Onde tinham espaço pra ir embora não tava conseguindo então elas começaram a se organizar. E aí foi nessa mesma pegada, a mesma pegada da Batalha das Mina foi a batalha que cria só que dá a região da costeira, né? Na pista da costeira ali. Que as mana estava puxando a batalha. Entre elas assim sem muita perfeição mas pra fazer acontecer entre as mina pá no local. Porque elas não estava conseguindo rimar na Batalha da Costeira. E aí foi crescendo né? Foi crescendo o movimento.

E.C.: então é isso? Você tem mais alguma coisa pra falar em relação a Batalha das Mina, o que significou? Qual a importância daquele espaço, se você quiser fechar.

M.M.: Mano a importância é que são espaços que a gente trata é muito além, é muito além da superfície, é muito além do que quando uma mulher tá rimando ali, mesmo seja no freestyle, ela tá colocando pra fora suas dores, suas alegrias, seus desejos, e seus pensamentos, os conceitos e os seus conflitos, seus traumas, então a Batalha das Mina foi um espaço de acolhimento também, foi um um espaço tipo de terapia mano, é o que eu estou falando é terapia, quem vai me ouvir? Quem se interessa? Teve uma época ali que a batalha pô a Batalha das Mina era tão acolhedora que a gente passava a semana desejando estar na batalha das mina no sábado, saca? Não tinha o rolê, mas da hora do que a Batalha das Mina no sábado, saca? Não tinha coisa mais daora do que a Batalha das Mina porque de fato a gente fazia abraço coletivo, rolava um afeto entre as minas. Para se apoiarem e desejar o crescimento uma da outra e está ali agregando novas informações nos saberes que cada uma carregava. Então rolava oficina, rolava roda de conversa, não era só a batalha em si, rola todo um cuidado para que aquele espaço fosse o mais expansivo possível, saca? já que a gente tem esse espaço aqui a gente está criando que é gratuito, que é de livre acesso. O que que a gente pode trazer de fato para agregar e fazer sentido a nossa rima? E conscientizar quem está chegando. Porque não adianta ter uma uma batalha de rap sem que as pessoas entendam de fato o que é o hip hop, saca? Sem as pessoas entenderem o que que é o movimento de rua, o que que é o movimento urbano. Saca? Então, tinha oficina de dança, tinha oficina de grafite, pra roda de conversa, pra tratar os temas, os assuntos que eram pertinentes, sobre racismo, sacas, sobre transgeneridade, acho que é esse o nome. Essa questão, né? De gênero, ah sei lá mano, era bem cara, era bem massa tipo passou por vários processos, né? Mas era massa assim, a intenção era boa, está ligado?

E.C.: Sim. [risos]

M.M.: Aí tem só, foi boa e ajudou bastante, tipo, porra, mano, culturalmente, assim, nossa, teve uma época que era a Batalha das Mina era exemplo, está ligado? Era tipo modelo, outras batalhas elas se inspiraram assim tipo começaram fazer outras coisas também, pocket show pra dar espaço pras mina que nunca tinham pegado se apresentado saca e tinha bater essa experiência era meio que um um primeiro degrau assim saca? Tipo uma vitrine um um laboratório pras meninas poderem se conhecer também como artistas porque ninguém está pronto né meu? Ninguém nasceu pronto a gente está sempre se aprimorando e se conhecendo e

crescendo e aprendendo então tipo ninguém sabe tudo então cada uma somava sua parte ali, saca? Tipo assim, tinha vezes que uma mana não rimava, mas ela podia fazer outra missão que era contar o tempo por exemplo. Está ligado? Tipo apresentar a batalha. Então tipo ela ela era uma batalha muito inclusiva nesse sentido de tipo assim todo mundo é importante não tinha esse bagulho de ai porque só o MC ou só não sei o que e que então todo mundo era importante está ligado? A gente deixava tipo a galera confortável pra estar ali e não era um espaço que segregava não é porque é batalha das minas que os mano não pode colar pra aprender e somar, mas também não batalhava não batalhava está ligado? tem várias batalha pros cara batalhar, vai querer batalhar na batalha das mina mano aí é foda está ligado? Mas tipo assim porque é um espaço pra essas mulheres se desenvolverem, os mano colava pra assistir e aprender também e eu estou tendo certeza que hoje assim tem vários nomes que falam e tratam de certos assuntos porque teve a batalha da Júlia ali pra botar a semente e pra cutucar a ferida está ligado? Pra botar o dedo na ferida e falar que aquilo está acontecendo e não só paradas dos livros tipo teorias mas nas coisas que aconteciam com a gente. Nos bastidores da cena cultural da cidade, está ligado? Então se colocava em pauta. É lógico, vai gerar conflito, né? Porque vai mexer na merda vai feder, pra que haja períodos muitos muito bons assim sabe? Teve períodos mais difíceis, entende? Estar ali construindo, sozinho ninguém faz nada, precisa da força coletiva. Foi isso foi outro processo importante eu ter pra batalhar, já pensei voltar já pensei em voltar com o movimento, só que é um BO. Tipo assim eu é um B.O vou falar B.O. não sentido negativo. Mas é uma responsabilidade meu.

E.C.: Sim.

M.M.: É uma grande responsabilidade, mano. Estar ali construindo sozinho ninguém faz nada. Então eu já pensei em voltar a fazer mas poxa agora eu estou com outros planos assim que precisam ser concluídos, mas quem sabe né? Quem sabe... Mas era importante fazer, tipo uma edição especial da batalha das minas assim. Aí tipo aconteceria uma vez por mês e tal.

E.C.: Mas então eu acho que é isso?

M.M.: É isso. Falei demais.

E.C.: Em relação a tudo isso, né? Bem importante que você falou da questão da oralidade e tudo mais. E é por isso também que eu tive tipo a vontade de pesquisar né? De colocar tipo no papel o que está sendo construído por mulheres negras, por pessoas negras aqui em Floripa porque a gente sabe que se não for a gente pra estudar ninguém vai estudar isso e a academia é um lugar

muito injusto, muito complicado e tipo é complicado levar um projeto assim sabe é complicado escrever um TCC assim só que saiu daí tipo minha vontade de fazer isso de tipo, a cultura preta e tudo mais ela tem que ser tem que ser levada pra esses espaços também.

ENTREVISTA CONCEDIDA POR VANI E ROMA À PESQUISADORA EVELIN MARIA
DE CARVALHO, EM 08/11/2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: temática

Entrevistados: Giovani e Rômulo (Vani e Roma)

Entrevistadora: Evelin Maria de Carvalho

Transcrição realizada por: Evelin Maria de Carvalho

Local: Florianópolis, SC

Data: 08 de novembro de 2022

Duração do arquivo: 2h09min10s

Páginas: 38

Pesquisa: “Trajetórias em disputa: ocupação e resistência da juventude negra no Centro-Leste de Florianópolis – SC de 2016 a 2022”

Legenda

E.C.: Evelin Maria de Carvalho

V.: Vani

R.: Rômulo

Referência

ROMA; VANI. Entrevista concedida a Evelin Maria de Carvalho em 08/11/2022 (digital). Florianópolis, 2022. Acervo da pesquisadora. 38p.

Entrevista

E.C.: Tudo bem? Tá gravando, né? Então, meu nome é Evelin, sou estudante de História na UFSC, essa entrevista é pro meu trabalho de conclusão de curso. E aí eu queria que vocês fizessem uma apresentação. Na realidade, a gente não combinou a dinâmica de como vai funcionar sobre quem vai querer começar.

V.: Ah tá, olha ele pode começar porque geralmente ele faz assim.

R.: Meu nome é Romulo, sou irmão gêmeo do Geovani, somos produtores aqui na cidade a mais de, desde 2019, então a pandemia tirou um pouco dessa atividade, agora retornamos, e é isso. Acho que é mais isso por enquanto, para gente abordar o grande tema aí que a gente vai abordar nessa caminhada.

V.: Meu nome é Geovani, sou irmão gêmeo obviamente do Rômulo, estudante de História também junto com meu irmão, eu sou veterano dele no curso e sou produtor cultural. Trabalho desde 2018, final de 2018 que a gente já produzia, na realidade a gente conta final de 2019, a gente conta 3 anos, mas tirando a pandemia 2 [anos] e é isso agora a gente tá com o baile aí, estamos na décima nona vez que a gente tá fazendo o baile, não é 1, 2, 3, 4, 5 é bastante baile, são 19 bailes, rumo ao último baile do ano que é dezembro é isso aí. O que eu tenho para dizer um pouco da minha apresentação é isso.

E.C.: Três futuros historiadores então (risos). Bem simbólico a gente estar aqui na avenida Hercílio Luz, no local de estudo aqui e aproveitando eu queria perguntar para vocês o que compreender como centro-leste?

V.: Pô, é pergunta hein, analisou agora o negócio. Caraca.

R.: Eu acredito muito que o centro-leste é um resgate histórico cara, desde sempre assim, aqui era uma área muito abandonada, né. Uma área que a galera não... Sempre teve a galera da rua aqui, só que antes a galera da rua apanhava sozinha, hoje apanha com a galera rica também. Quem nunca sofreu desacato, vem aqui. (risos)

V.: Eu acho que é como o Roma falou, um resgate histórico, com toda a questão histórica já levada com o antigo Rio da Bulha que tinha aqui, ainda tem na real, que é onde ficavam as lavadeiras, principalmente depois da escravidão, às vezes não tinha recurso, não tinha para onde ir, então elas ficavam aqui lavando as roupas dos marinheiros. E aí acabou que essa parte, porque querendo ou não onde têm pessoas pretas, são áreas marginalizadas num certo ponto e agora está se formando um encontro das várias classes sociais, mas que ainda assim existe uma perseguição muito grande. A gente vê quando chega uma hora, uma e meia da manhã a situação fica bem perigosa para algumas pessoas e eu digo as pessoas, não as que já estão acostumadas e que vivenciam aqui porque quem mora aqui é porque tem dinheiro, fica perigoso para quem desce o morro. Fica bem perigoso. Tanto é que as pessoas costumam vir aqui até 1h da manhã quem desce do morro e lá pelas duas voltam pro morro e curtem o baile que tem, geralmente o baile do Moca, alguma coisa. Mas é porque tem essa questão, por mais que seja acessível você chegar até aqui a segurança não é tanta, só para quem mora aqui é seguro, para quem não mora não é.

R.: É, para quem não mora aqui não é seguro não.

V.: É, para quem mora é, mas quem mora aqui tem dinheiro.

R.: Acho que aqui é um conflito muito grande, né. Porque antes aqui só ficava a galera na rua, aí hoje começou a fazer uma higienização, aí começa a galera da rua com a galera que tem dinheiro, aí começa a abrir um bar aqui, do nada um bar conceito, sei lá perde o bagulho ali, até dois anos atrás era a tiazinha que ficava aqui e não tinha dinheiro para pagar o imposto da casa, aí derrubou e criou um bar. O próprio Rios virou um bar conceito.

V.: Virou um conceito, cara.

R.: É uma explosão muito grande assim, olha. E eu acho assim que aqui tem a margem entre conflitos imobiliários com a galera que já mora aqui e aí enfim essa higienização é o ponto mais forte é aqui.

V.: Quem mora aqui é ok. Quem não mora aqui, um abraço... Não é fácil não.

R.: É complicado.

R.: Mas é isso, eu vejo esse contraste grande aqui.

E.C.: Bastante! E pensando em tudo isso, vocês já citaram alguns exemplos, o Rios e afins, mas quais alternativas culturais que vocês conhecem que estão nesse espaço?

R.: Olha, boa pergunta. Eu vejo na verdade, eu sou muito crítico a muitas coisas.

V.: Eu também! A gente é muito crítico.

R.: Inclusive, tem uma galera que não gosta da gente, que é uma galera branca, assim finge que gosta, mas não gosta, a gente sabe que não gosta, porque assim do nada eles chegam aqui e querem se tornar o dono do movimento social, tipo mano, conhece aqui? Conhece “memo” aqui? Sabe a realidade do morro ali? Não sabe cara. O que quer ficar na frente do movimento aqui? Do Movimento cultural. Tá, mas o movimento cultural integra a galera do morro? Não? Então tão falando errado.

V.: Eu acho que de movimento aqui tá falando pela área leste ou o centro como um todo?

E.C.: Do Centro-Leste mesmo.

V.: Ah, do centro-leste! Pô bem difícil mesmo.

R.: Bem difícil.

V.: Assim, olha, tem vários que parecem ser, mas não são. Sendo bem realista não são. Olha, não é por querer ser coisa não, mas eu acho que na minha opinião é o Mada e não é porque eu produzo lá não, é porque desde a primeira vez que a gente pisou, a gente foi muito bem recebido. E não só eu, todas as pessoas que vieram acompanhadas comigo ou não só comigo também, mas pessoas que foram frequentar lá, foram muito bem recebidas. Ao ponto de muita gente falar por que eu nunca vim aqui? Aí claro, tu olha pro bar ali, aparenta ser um bar que a pessoa não apresenta uma condição financeira para ficar ali, né. Ficar tals, ver aquelas pessoas bem-vestidas e tal, um poder um pouco maior de aquisição, mas eles são verdadeiros, tu conversa com a dona é verdadeira, tu conversa com funcionários totalmente verdadeiros, as gurias lá não tem nem o que dizer, eu sempre fui muito bem tratado, diferente de outras partes que eu andava por aqui. E não sou assim por mais que a gente tenha um baile, é bem aquele negócio bem maquiagem, não sei dizer, não é aquela coisa legal, é puro e livre toquismo, não é algo para tipo assim vou te dar a mão porque acho que tu merece fazer um tipo de movimento, acho que a cidade precisa disso. Uma das coisas que a gente mais escutou aqui foi isso. Ah vocês fazem baile, mas acho que aqui no Leste, aqui no centro seria legal se vocês produzissem coisas. A primeira que estendeu a mão e até hoje faz coisa é o próprio Madalena e eu nunca pensei que o Madalena fosse ser algo assim para mim.

R.: É porque eu olhava lá e passava ali e só que aquela coisa aquele flerte, e aí foi rolando. Cara, a gente já falou com todos os produtores da ilha, assim cansado. Sem falar que hoje a gente pode tocar a música que a gente quer. Não tem uma certa limpeza. Já cansei de pessoas brancas pegarem foto da Marielle Franco, sabe? E aí, que porra é essa? Ela não morreu porque tal, ela morreu porque era negra. Ela era uma figura descartável, entendeu?

V.: Enfrentando o batalhão da morte.

R.: Todo negro é descartável até morrer, aí morreu, se tornou útil, útil para quem? Porque para gente eu não vejo utilidade, não vejo uma parada efetiva para gente. É um aviso falando “Olha, daqui vocês não passam”.

V.: Por isso eu falo, qual política afirmativa de produção cultural que teve com a Marielle Franco aqui? Mas a gente vê que foi usado bastante o nome dela, é bastante imagem em qualquer evento cultural. Mas no que foi revertido? Teve por exemplo algum espaço que falou agora tô querendo chamar pessoas negras para produzir aqui, teve alguém que fez isso? Não teve.

R.: Virou até nome de rua, rua Marielle Franco.

V.: Então são muitas coisas para se pensar, entendeu? Teve alguma ação afirmativa? Teve porra nenhuma. Essa é uma realidade, então a gente tem que parar para pensar nisso.

A gente é bastante crítico nisso.

R.: Bastante! [entonação na voz]

V.: Tem a questão da gente educar nosso próprio povo, tem as questões próprias que eu acho que é muito importante a gente querer conversar sobre isso e tem a questão das pessoas poderem usar, eles conseguem visualizar isso e usar ao proveito deles.

R.: A cada 4 anos eles aparecem. (risos) Apareceu em 2018.

V.: Eu particularmente li o acontecimento com a Marielle Franco como uma grande lutadora contra o batalhão da morte, os caras simplesmente faziam máquina de moer.

R.: Preto aí, matar geral.

V.: Aí ela foi lá e botou a cara, e quem tava lá do lado dela?

R.: Aqui vira nome de rua, o que mais me incomoda são os eventos, evento fazer isso, não é só o caso da Marielle, estamos no mês da consciência negra, tu vai ver um monte de coisa e ainda tem, não fizeram porra nenhuma durante o ano inteiro. E querem fazer agora. Da Marielle foi um caso muito assim, porque não foi um mês, foi um ano inteiro, foi meses e a gente produtor e produzindo, a gente que já tava crescendo na cidade já via que não tinha muita abertura. Tinha muita gente que queria produzir junto e já morreu na praia no começo.

V.: Foi nadar e viu que tinha tubarão demais, voltou para praia.

R.: Em 2019 tinha muito coletivo, não era só o baile dos gêmeos que nasceu em 2019, ah vocês são os únicos, então na avenida sozinhos, a gente largou com muita gente. Cara, a gente largou com muita gente.

V.: E quem sobreviveu, sobreviveu porque daqui para frente vai haver mais uma limpa.

E.C.: Como assim vocês falam?

V.: Pode ser que não tenha mais o baile de quebrada, pode ser que não tenha mais esses tipos de movimento, a BATUK mesmo era muito bom, absurdamente bom, eu era muito parceiro do

Hudson e via que algumas coisas estavam muito complicadas, de se lançar mesmo e ter o evento como era antes. Muito por essa questão de educação do nosso próprio povo mesmo, a gente não é unido e acabou. Mas também há daquelas pessoas e outros tipos de povos, principalmente as pessoas brancas que olham para isso, visualizam isso e conseguem usar ao seu favor.

R.: Porque eu vejo isso como necessidade de ascensão, a gente é ensinado que só um preto passa, só um preto pode passar, então na verdade não, a gente fazer o mercado, educar o mercado a gente consegue.

V.: Mas assim, assim, mesmo sendo produtor do baile dos gêmeos, ainda é difícil. Não é fácil. É semana atrás de semana. não digo que seja cansaço da pessoa ter que pegar coisas, operação, cara isso faz parte, é o roteiro, se tu quer investir, quer fazer um evento legal, tem que ir atrás mesmo, tem que ir atrás de material, insumos. Mas a parte de educar o pessoal, chegar e falar “vão no baile”, “colem no baile”, “vocês vão se sentir bem”, isso é chato, isso é uma coisa que a pessoa sempre tem que provar e eu, particularmente, principalmente vendo esses últimos eventos eu acho que só acontece por a gente ser uma produtora preta.

R.: Sim, para caramba!

V.: E isso é uma coisa que me incomoda bastante, eu tava falando isso ontem com meus pais, isso me incomodou muito, demais, porque eu faço 19 vezes, eu chamo a Tasha e Tracie para cá, na minha opinião não é porque eu tô trazendo elas, real para mim é o melhor expoente do hip hop que tem, na minha opinião, se a pessoa quer achar o Orochi tô nem aí, pode achar o que quiser, eu vou respeitar, mas na minha opinião elas são as melhores, elas entregam um conteúdo absurdo e mesmo assim tem toda essa aprovação de ter feito um baile e a gente ainda sempre tem que estar fazendo alguma coisa pro pessoal assim... Cara...

E.C.: se reafirmar sempre, né?

V.: Se reafirmar sempre e isso me incomoda, me desgasta. ao ponto de pessoas que são de fora visualizam que a gente é muito bom para estar aqui, a gente deveria estar fora, deveria estar em São Paulo, estar no Rio e onde o pessoal daqui fala que lá a concorrência é maior, mas o pessoal que é de lá fala que a gente tem que ir para lá. Então é essa educação que a gente... porra... fica no pé.

R.: É muito sistemático.

V.: É muito sistemático porque tem várias pessoas que ainda passam pano para algumas produtoras porque elas tem dinheiro e aí a situação fica totalmente diferente e o que me incomoda é justamente ver pessoas que usam pautas super importantes que são ligadas e tem a consciência que aquilo é importante pro nosso povo, mas mesmo assim estão lá.

R.: Eu acho que o setor cultural a gente tem que entrar...

V.: Tem que ser sincero.

R.: A gente pega muita pauta importante, a gente pega tudo, pega Marielle Franco. A gente pega, sei lá...

V.: A gente pega Marielle Franco, a gente pega trans *free*, a gente pega tudo que é questão social, tudo, o que for social a gente vai lá e pega, tá ligado?

R.: Aí tipo assim, beleza, eu acho engraçado, porque você vai em um evento com uma pessoa branca que tem trans free, que tem tudo, sempre acontece um caso de transfobia, sempre tem, tá ligado? No meu rolê não. É real necessário, sempre falo mano se acontecer alguma coisa a música para tudo para e acabou, tudo para vocês querem que o baile continue? Aconteceu alguma coisa a música para, vai embora e pronto. Quando aquela pessoa ficar bem, a música volta. Então é esse cuidado coletivo que a gente tem.

V.: Em 19 vezes que a gente faz o baile nunca teve esse tipo de ocorrência, nenhuma, nem de assédio, graças aos deuses, mas é porque a gente tem essa afirmativa de chegar ali e falar “olha gente, a brincadeira vai parar”. E a gente fica muito feliz de sempre ter esse respeito.

R.: Algo muito bom que no nosso baile, nosso público é esmagadoramente feminino, isso dá uma resposta que o baile é seguro, a gente sempre fica de olho. Sempre.

V.: E mesmo assim parece que a gente tem que provar, então acho isso sei lá.

R.: Se fosse um branco fazendo o que a gente faz...

V.: É eu acho que seria muito mais

R.: Três vezes, uma só na real, acabou.

V.: Mas isso parte de todo mundo, não só de grandes produtoras, a gente nem quer que grandes produtoras olhem, eu tô nem aí, eu tô literalmente nem aí, eu quero que o grande público, o pessoal que vem pro centro-leste já escapando dessas questões e outras coisas, até questões

financeiras, quem vem pro Leste não vai para beira-mar, quem vem pro Leste vai pro Leste justamente para que? para economizar, para tomar um litrão no Rios, sabe? para economizar mano, quem vem pro Leste vem para isso. Mas tem pessoas que aqui no Leste ainda assim, algumas não digo que são todas, que não pago para ver para estar em outro tipo de situação que seja desfavorável.

R.: Eu cansei de... Eu nunca fui assim desse discurso de aí tem que entrar na mesa deles. Não, eu faço minha mesa e a galera que tá comigo. Não preciso de provação, por mais que a gente tá aí, temos 23 anos então muita gente que tem nossa idade teria uma cabeça completamente diferente.

V.: Ah, muito!

R.: A situação que a gente tem, as paradas que a gente tem, ia estar se achando rei. Eu olho e penso “por que eu tô me incomodando com isso, sabe? Poderia estar dando um grande foda-se para isso tudo, mas não tem como, a raça chama, as paradas chamam, sabe então tipo não tem como. A gente luta, a gente é minoria aqui dentro do Estado, na capital, a gente é minoria.

V.: Neste mês a gente vai ver de novo Marielle Franco e aí algum evento vai usar e vai falar, aí lá vão. Então acho que é coisa para gente se pensar. E outra coisa, só branco. Aí tá lá a placa dela, rua Marielle Franco.

E.C.: Boto fé, é essa ressignificação, né? E aí vocês trouxeram de novo aí a parte do Centro-Leste, né e aí em relação ao Mada, tem o bar Madalena e tem o fluxo ali na frente, né? E aí eu queria saber se vocês acompanharam e tudo mais esse processo de surgimento aí.

R.: Eu tava, pô. Eu tava lá no primeiro Madalena.

E.C.: E quando foi?

R.: O primeiro Madalena foi muito histórico, porque o primeiro Madalena o bicho era aqui do pé do morro aqui, tava eu, meu brother Luan que também tá na história, o bicho tava com uma caixa desse tamanho (gesticula com sinal de grande) gigante assim desse tamanho, tinha 50 pessoas, eu fiquei aqui até umas cinco horas da manhã, até o latão surgir, eu voltando para casa cheguei no Geovani e falei “cara, o que aconteceu ontem, hoje tinha cem, só que amanhã vai ter 500, 800, 1000 eu não sei também, mas vai ter cara. O cara tranquilo com a caixa dele e começou véi, foi um “boom”, aí no outro dia mil, dois mil.

V.: Quinta-feira mil cabeça.

R.: Quarta-feira dava bom o baile, pô. Era clima de sexta isso aqui. Mas muito poder público, muita coisa.

V.: Eu fico vendo, os stories antigos, quinta-feira o Mada dava volta assim, cercava essa rua aqui da Hercílio.

R.: Aí eu falo, tá tamo aqui, a galera nunca vai deixar, a galera já tomou bala de borracha, já tomou tudo o que tinha que tomar, a galera ainda vai ficar, esse movimento sempre vai acontecer, o que tem que fazer? tem que ter estrutura e o poder público não quer fazer, pô não quer botar um mictório, não quer botar um latão para botar lixo ali, o poder público não quer fazer isso. Reclamam da sujeira, mas pô tu não tem um bagulho de... um baúzão de lixo para o cara botar o lixo da pessoa ali, tá ligado? E eu sempre falo, as pessoas que estão ali, elas não querem estar ali.

V.: Claro, ninguém quer pegar chuva para ficar escutando funk.

R.: Isso é por quê? Esse movimento cultural ele tem cara. Uma cara higienizadora, branca, tá ligado? Tu chega assim, às vezes é contratado para tocar, e eu não toco mais nessas casas assim não, graças a deus eu não preciso mais, mas se você for chamado para tocar, você não pode tocar funk, tem que tocar o funk que a pessoa quer, o funk da pessoa da casa, às vezes a culpa não é do DJ, tá ligado? Tipo assim, tem muito DJ que não quer tocar Kevinho, quer tocar outras coisas que tão rolando na rua, mas não pode tocar.

E.C.: E aí perde a cara de vocês né?

R.: Perde a cara da pessoa, principalmente a nossa cara, aí tu vai ver os MCs, só pode tocar MC branco, só MC branco, então a pessoa não quer, quer tocar funk ali real, todo mundo ali se divertindo e é isso.

V.: Acho que é até uma questão de raciocínio lógico, ninguém quer pegar a cerveja, ficar na rua tomando chuva e escutando funk, é uma coisa óbvia, as pessoas estão ali pela necessidade de escutar algo e todo mundo tem direito ao lazer, né?

R.: Exato! E isso é o mais importante.

V.: Porque sabe, eu já escutei isso várias vezes, eu já escutei que tem operação lá no morro, lá no Moca, de parar o funk, e aí? Os caras simplesmente desciam para cá, isso fez com que o Madalena lotasse, fez com que o Madalena tivesse ainda mais proporção, mais corpo. Porque lá tava batendo, aqui já não tava.

R.: Que criasse corpo, o Madalena vem, o movimento Madalena surgiu vou ser bem real, foi quando começou as patricinhas aqui branca frequentar real o bar do Madalena, tá ligado? E elas começaram a se envolver com a galera daqui, sabe? Começaram a se envolver com a galera da rua. E aí ficava um...

V.: Tanto é que se você passa hoje lá na frente da Bro Cave, nunca imaginaria que na frente da Brocave teria um baile, aí tu olha o perfil do pessoal que é da Brocave é o pessoal emo assim tipo bem, sei lá, geração bem XXX Tentation, assim tá ligado? Assim tu vê que são uns emos de apartamento e tão tudo misturado com o pessoal.

R.: É eles querem se envolver.

V.: Tu vê umas minas que nitidamente escutam Taylor Swift o dia inteiro e tá lá no bagulho escutando funk, de dia é Taylor Swift de noite é Poze.

R.: Tu vê o movimento das gurias, dos caras também, né, começaram a se envolver com a galera da rua aqui, começou muito muito muito cara, começou, aí é na frente do Madalena onde rola tudo, a imagem da galera se divertindo ali, era o único ponto que eu olhava e via que a galera tava se divertindo, então vou me divertir também. Nessas de ficar na frente do bagulho começou a pegar pressão.

V.: Aí começou é hoje aí, uma notícia assim se espalha muito rápido, agora já tem movimento no Mada, tem movimento na rua da Bro Cave, tem movimento...

R.: E começar a observar isso, na frente da Bro Cave tá rolando um novo movimento, porque a galera tá tomando bala aqui, então vai para rua de trás, entendeu?

E.C.: E é outro público, né?

V.: É uma mistura muito louca, não consigo dizer o que é aquilo, é bizarro. Dá para fazer um TCC de sociologia, qualquer coisa...

R.: Ali é bizarro, acho que é muito bom a gente começar a enquadrar perfil mesmo, mano começa a enquadrar, uma mina branca de iPhone 7, 8, 9, X, sei lá com uns cara ali que são ali do pé do morro, sabe. Começou isso também, esse fetiche da galera de pegar, porque é um fetiche da galera muito louco.

V.: Mandrake.

R.: É, fetiche social muito louco, começa essas ondazinhas, a galera vai descendo.

V.: Para nois o que é caro, para eles é barato.

R.: Porque o cara para nois é o acesso, para eles é barato.

V.: para eles tomar um litrão de Brahma, às vezes o cara tá apertado, só tem para tomar um litrão, mas para eles é suave, velho. O acesso é super suave, estar tomando um litrãozinho de Brahma, mas tem vezes que porra é foda, chega no fim do mês não tem nem pro litrão. Não digo que essa situação é de meio mundo, mas tu vê que é de uma maioria ali que você fica de cara.

R.: eu vejo que o baile do Madalena que surgiu ali, assim esse movimento assim de né, foi muito isso de vocês estão se divertindo aqui, só que porra, foi a primeira casa que eu fui que me diverti mesmo, sabe de ver e extravasar. Mas não vai por isso não, eu não posso entrar, mas vou ficar na frente disso aqui, entendeu? Ah, Madalena, Madalena. E onde fica o Madalena? Onde já está rolando o fervero, porque é o único lugar que rolava o fervero. Eu acho que é mais isso, é meio irônico isso na real, mas se tornou porque essa é a imagem que foi projetada.

V.: Mas eu acho que na parte Leste assim, não é por produzir, mas acho que é um ponto legal, bem bacana assim, as pessoas vão te receber bem, ninguém vai te olhar de cara feia nem nada não, olha que a gente já produziu, já fizemos no Célula, aqui também, já tocamos na galeria Lama, mas na galeria não consegue por questão de Alvará, mas eles são bem legais, são massa para caramba, mas é um ponto mais atrás né, a parte leste mas é no começo do IFSC, bem legal o povo é massa para caramba, mas sendo bem sincero.

R.: Ah, surgiu esse contraste mesmo, e também tem aquele negócio, né, não dá para tu até certo ponto ser preto, ficou uma moda hoje, todo mundo quer ser preto, mas a parte ruim a gente fica, aí os brancos ficam com a parte boa, quer movimento, quer o bagulho memo, tem que ficar na linha de frente do poder público, foi o que aconteceu com o Madalena bar, quem tava

respondendo pelo Madalena lá, pelo fluxo, era o Madalena bar, junto com o ministério público. Não ter que agora segurar essa marimba aí, não tem o que fazer. porque esse é o ônus, essa é a parada que a gente sempre pegou, o ônus da coisa, sabe. Às vezes tá suave, tá daora o baile, mas sei lá acontece alguma coisa, uma parada, alguma teimosia para cima da gente, para fazer movimento mesmo real e verdadeiro tu paga o preço. E o poder público é o primeiro a te encher o saco.

E.C.: Boto fé.

V.: Paga um preço legal.

R.: Como eu falei, esse é um problema de preto.

E.C.: E aí, pensando nisso, qual vocês acham que é a importância desse espaço para juventude negra? do fluxo ali.

R.: Boa.

V.: Olha, acho que a importância na minha opinião, o Roma vai ter a dele aí. Mas sendo bem sincero a importância é de lazer, acho que essa é a importância, sendo bem sincero é de lazer, das pessoas poderem aproveitar o centro de certa forma porque o centro ele só servia antes para um local de passagem, onde as pessoas geralmente iam para ilha, não que aqui não seja, mas ia para lagoa, pro Campeche, para esses lugares um pouco mais distante mesmo não querendo. Eu vejo muitas pessoas pretas que saem de Biguaçu, e tu sair de Biguaçu para tu ir pro Campeche é chão para caramba, eu acho que é mais esse poder de lazer, poder de aproveitar algo mesmo.

R.: A gente vê o poder da cultura, sabe? A cultura te dá muito acesso. Só que também, o lazer porque todo mundo tem direito ao lazer. Quando tiraram os bailes ali de cima do morro, a galera começou a descer, por exemplo, o baile do Madalena ir para UFSC é jogada política total porque porra a polícia não bate aqui, tá ligado? Só os brancos podem se divertir? Não, a gente também, vale para todo mundo, não vale? Se lá tá dizendo que não bate, então vamos para lá, e a polícia querendo entrar e não ia conseguir entrar, então é tudo isso, quer direito a lazer mesmo porque faz bem, ultimamente o povo tá muito “moído”, muita coisa acontecendo, muita merda acontecendo. Se fizer o recorte racial mesmo, muita desgraça.

Então eu vejo que é lazer, é cultura, é a gente na real, a gente é movido a cultura, o preto é movido a cultura, só que tiram isso da gente, sabe? A gente é movido a cultura, a gente nasceu

para música então isso é a gente. Vejo aqui como um checkpoint muito grande assim, porque se lá em cima não tá rolando então vamo descer aqui.

V.: É onde tu pode colocar a tua música mesmo, sem ninguém encher o teu saco, sabe? Pode estralar o funk ali que tu escuta lá em cima, que tu não pode escutar lá na beira-mar, não pode escutar em alguns outros picos, tu não pode.

E.C.: E não encontra também, né? tanto pela dificuldade no acesso e pelos rolês serem ruins mesmo

V.: É de ser ruim, de ser péssimo. A grande maioria de 10, porque eu sou também um consumidor, não é porque eu e meu irmão somos da produção, a gente costuma sair várias vezes para cá no centro e em outros roles.

R.: A gente tenta fazer no máximo a vinte reais para todo mundo ter acesso porque porra, muito produtor branco diz que a gente poderia fazer a 30, mas não a gente quer que todo mundo tenha acesso ao baile, ao máximo do produto para que cresça uma parada democrática e tal, comece a criar um grande movimento mesmo, por isso a capa do Baile dos Gêmeos não é a gente, eu e meu irmão, é o público. Porque o público faz aquilo ali, sabe? Então é o público que faz o movimento que faz o negócio, agora a gente fazendo ali no Madalena Bar também, a gente batizou de fluxo mesmo o evento que a gente faz lá dentro, a gente faz ali porque é o fluxo, é o fluxo cara onde tudo surge, onde tudo acontece e também dizer assim, olha muita gente entrou no Madalena Bar ali porque é nunca tinha entrado, porque não tinha um DJ que tinha nossa cara, não tinha a música que a gente toca, muito preto que nunca pisou lá cara.

V.: Pô, eu só pisei lá quando eu produzi, antes eu nunca pisei, ficava só na frente.

E.C.: Ficava só no fluxo ali na frente?

R.: É, tipo o cara que já namora uma preta lá, vou lá é legal porque vocês tocam um som maneiro, aí consigo levar minha namorada também aí é maneiro, sabe que como é daora, legal, enfim e isso é maneiro porque cria uma lazer maneiro. O que eu fico muito “pá” é que eu acho que isso tem que acender em toda... é difícil uma galera fazer produção, mas isso tem que acender no coração dessa galera preta também.

V.: Eu concordo.

R.: Não adianta mano, só eu ali entrar lá, ficar só com os brancos se divertindo, isso tem que acender dentro da galera, tem preto que bate palma, tem preto que bate palma. Eu entrei aqui maneiro “nossa, você deveria ficar feliz por ele”, será? Eu tenho minha dúvida, sabe? Eu fico legal, contente, mas mano todos os anos, tua imagem, sabe? Eu acho muito pelo contrário, pode fazer muito mais ali dentro, pode formar muito mais ali dentro. O que que o branco usa? Beleza, ok você está reivindicando um espaço que é dentro, então você deveria fazer o bagulho de graça, na verdade não, vocês que devem para gente, eu não devo nada para minha comunidade, muito pelo contrário, vocês devem o acesso, por isso eu falo para galera “as vezes vocês estão batendo em produtor errado” em pessoas pretas, vocês não deveriam bater no baile dos gêmeos, deveria estar batendo na Guerrilha? *WhataFunk Produções*, tem que bater lá, eu tô tentando fazer o que preto nunca fez aqui nessa ilha, vocês deveriam estar batendo lá, bate na Stage, bate no grupo (não entendi), lá não tem nada, não tem transfree, não tem nada, a gente tá tentando fazer o máximo que a gente pode, e tem uma hora que a gente tá cercado assim, fazer esse show que a gente fez da Tasha e Tracie que a gente fez aqui foi bem complicado, tipo foi legal a energia e pá, mas foi complicado, porque a necessidade da galera curtir e tudo, infelizmente não vou conseguir muita coisa, as minas trans, infelizmente não vou conseguir fazer. A gente também precisa ser inteligente, estruturar o negócio, então se vocês quiserem que crie uma energia maior que isso aqui a gente precisa educar nosso público, cara eu saio, se eu saio uma vez no mês eu junto meu dinheiro e dou rolê aqui.

V.: o que me incomoda é que tem gente que sabe e mesmo assim pega o ego lá em cima e foda-se e aí quando tá legal para eles, tá tudo ok, mas se não está pro maninho, tem gente que sabe e faz.

R.: Faz porque foram educados que existe espaço para uma pessoa só, entendeu? acho engraçado, porque os brancos cada um faz seu rolê.

V.: Tá lotado de produtora branca aí em ascensão.

R.: Mas o preto não tem espaço para nada.

V.: Aí tu acaba querendo ou não em um comparativo de que praticamente não existe, porque por exemplo nunca tem comparação entre guerrilha e *Whata*, mas sempre tem uma comparação entre baile dos gêmeos e baile da Brum ou Kachorrada, sempre tem comparação porque parece que só há espaço para um, mas para eles não há, e eles lidam com algo maior que é atração de show nacional, e isso vem da onde? do público e muitas vezes sendo bem sincero da nossa

própria raça mesmo, acho que é isso que tem que pensar “cara, vocês estão jogando um jogo que não tá certo”, é sistemático o negócio.

R.: A cultura mexe muito com a imagem, é igual os católicos mexer com santo e fazer subverter a parada, a cultura faz isso cara, tem esse poder muito grande, pega a imagem, a cultura pega uma imagem preferida e começa a mexer com outras imagens.

V.: Ou era assim, tinha a Batuk e o Baile dos Gêmeos dois bailes pretos, aí entrava em uma questão para não se contentar, todo mundo ficou “não, os dois são bailes de preto”, a Batuk sempre teve esse intuito de ser baile preto e a gente também entrou com esse intuito, só que a Batuk veio muito antes da gente, não tem nem comparação, então a gente veio depois e o pessoal viu que são bailes de preto, mas o pessoal entra em uma cena que “quem é mais preto?” “qual baile vai mais preto?” E eu acho que é errado isso, vem muito do pessoal que é mais próximo. A gente tem a capacidade de trazer Tasha e Tracie, tem a capacidade de daqui a quatro meses trazer um Baco Exu do Blues, entende? Mas essa capacidade ainda está restrita a um tipo de pessoa que obviamente são pessoas brancas, são produtoras brancas, mas o pessoal tem que perceber isso que quando vem para cá é diferente. Do branco eu não espero nada, se vai gostar do baile ou não vai beleza mano, o baile é para todo mundo, isso a gente não tem regra diferente, pode todo mundo, a gente quer que todo mundo respeite todo mundo, mas eu não espero muita coisa, eu espero que você vá curta, fique à vontade, fique suave, mas essa parada preta que eu acho que às vezes é meio fragmentada, parece que são cacos de vidro que vão quebrando aos poucos.

R.: Já mudamos bastante a cena daqui, a cabeça de muita produção aqui, mas tudo na visão de lucro, né? Porque já arrombamos porta, falamos, xingamos, saímos no soco, como diz a Tracie da Tasha e Tracie “tem coisa que só dá madeirada resolve”, não tem como.

V.: Resolve na madeirada, a diplomacia vai até a quarta conversa.

R.: Na quinta conversa eu sou obrigada a socar sua cara.

V.: Cara não tem jeito, a gente tem mil TCCs sobre negritude, sobretudo, até no Estadão só procurar “Gêmeos 02”, vai aparecer eu e o Rômulo, então tipo a gente tem conhecimento, conhecimento os cara tem.

R.: Essa produção daqui é assim, essa produção daqui a gente chega, fala, conversa, eles dão a mão, mas depois tiram a mão da pessoa, mas eles sempre estão de mãos dadas, estão sempre unidos.

V.: O pessoal aqui que são dos nossos não são assim, não digo a grande maioria, há uma porcentagem que não são assim, estão sempre esperando algum calo seu, pode ser qualquer outro baile, uma coisa que eu não posso ser hipócrita, eu vou ser obrigado jogar aqui é que a Batuk foi um baile muito parceiro nosso, se não fosse pelo Hudson o baile não teria a proporção que tem hoje, muito demais, a gente tinha um tipo de parceria que era muito nossa, tu chega lá no meu baile toca lá e eu toco no seu de boa, tu pode falar quando é tua Batuk, eu posso falar quando é meu baile, mas é impossível tu não achar estranho que nas últimas Batukes não ia as pessoas pretas mais, sendo que era um espaço de lazer destinado para isso, impossível ninguém achar aquilo estranho. É inadmissível! É inadmissível tu ver o Baile dos Pretinhos que tem uma causa muito nobre e não ter pessoas pretas lá, aí tu vê pessoas pretas que estão em qualquer outro pico porque estão ganhando o bagulho de graça. É algo que tem que parar para pensar muito, eu via antes quando eu ia em 2018 ainda, eu tinha acabado de entrar no curso de história lá, o pessoal falava Batuk, Batuk, quando eu fui pela primeira vez “EITA PORRA” nunca tinha visto tanto preto na vida, era socado.

R.: o preto ainda não sabe a força que tem, tem uma galera que não acordou, como é que uma produtora chega no *inbox* de uma pessoa preta e diz que você e seus amigos tem entrada grátis, porra estão querendo lucrar com a sua imagem, pensa uma coisa, tu vai deixar de ir no Baile dos Gêmeos, fortalecer o corre dos caras para ir de graça, tá errado, principalmente pessoas pretas vão minando, não é porque você é exclusivo, aí começa a inflar o ego, na real querer lucrar com tua imagem, sair nas fotos e tu sabe que não vai ser tratado de igual para igual. Eu e meu irmão a gente recebe free para todos os roles que tem aqui e a gente não vai, prefiro pagar vir aqui, tem um festival grande que eu não vou falar o nome aqui de Floripa, a gente recebeu com mais 3 amigos, eu sei que não vou ser bem tratado.

V.: Eu prefiro pagar e entrar em um local que eu vou ser bem tratado.

R.: O cara vai ter lazer, não quero, prefiro ficar no centro, tomando uma gelada. Que é mais democrático ser bem recebido.

V.: Nem se compara um bom recebimento, um lugar que tu vai assim, tu escuta o que você quer escutar, é muito bem recebido num local legal, seguro cara, pô isso não se paga velho é um

preço que tu não sente, tu chega lá diz que eu acho que é por isso que o baile tem essa energia muito louca na real.

R.: Se deixar fica até as 7 da manhã.

V.: Fácil, fácil. E o último até às quatro e pouca da manhã gente para cacete, quando eu olhava pensava “cara isso é quatro horas da manhã?” parecia que era meia noite, eu olhei pro relógio ainda era quatro e meia.

E.C.: Então pensando nisso assim o que esse espaço do fluxo ele significa para vocês agora?

V.: Boa.

E.C.: Enquanto homens negros e afins.

V.: Olha, eu acho que isso significa olha... [silêncio]

R.: Para mim é necessário.

V.: É, também acho que é a necessidade na real. Concordo contigo.

R.: Porque assim. olha, eu acho que a gente não vai conseguir abraçar todos porque é falho, eu tento o máximo que eu posso fazer, mas não consigo. Não consigo. E outros produtores também como surgiram como eu falei o Baile dos Pretinhos, estavam surgindo esse ano que era um baile que só pretos entravam né? Baile dos Pretinhos. Tentou, tentou fazer que meu Deus. Assim ó, tu vê um farelo, sabe? Pisou? Já tá cercado, tá. Então eu acho que é uma necessidade porque infelizmente nem todos vão ser abraçados. Entendeu? que aí vai crescendo as coisas também vão crescendo, a gente não sabe como vai ser a ilha daqui... Eu falei pro Geovani, eu sei o que vai ser vai semana que vem. Mas eu não sei o que vai ser o inverno aqui em Floripa, eu não sei cara.

V.: Muito movimento estranho que tá acontecendo agora.

R.: Movimento imobiliário aqui. Tu não vi algumas casas poderosas fecharem e fecharem? Ou as outras tão mandando independente por aí? Comé que tá criando os bares aqui? eu não sei o que vai ser, né? Por isso que eu concordo contigo é questão de necessidade, viu?

V.: Tá aí a necessidade, tá? A necessidade faz isso, né? Eu acho que é em todo mundo vai ser abraçado, sabe? Porque assim, eu não sei, se não tivesse esse movimentinho ali no Madalena, o que seria que? Sei lá. É, vamos ser sincero cara, o que seria o Centro-Leste? Aí você pode

botar mil fotos, aí tu vê, porra, tinha vários eventos que rolam por aqui e se diz na causa da diversidade, o exemplo que é a 1007 que usa a própria uma causa diversidade, entre aspas, né. Tu vê várias casas aqui ao redor e que usa a questão da diversidade. Mas o povo está na rua. Então eu acho que é questão de necessidades mesmo. E aí se não rola um movimentinho ali, porra, eu não sei.

R.: Aí, aí tem que ver também, eu acho que a questão da dificuldade.

V.: Porque eu não sei, eu vejo isso assim sendo bem sincero. Porque a foi muito da gente andar por aqui e pensar “porra, tá faltando algo aqui”.

R.: Ah, eu sempre olho alguma coisa e penso que se eu tivesse dinheiro eu fazia mais um bagulho aqui.

V.: Olha, acho que tá faltando um negócio legal que a gente possa fazer que também vai dar um retorno assim para gente também tem que pensar que tem que dar um retorno, mas que pô acho que vai agraciar todo mundo aqui cara, acho que tudo vai ser feliz.

R.: É louco porque quando a gente toca, é muito maluco também, eu acho que isso é muito quando a gente tocou no Mada pela primeira vez quando a gente pisa pela primeira vez isso é muito lindo isso é muito importante [...] A gente respeita todo mundo, acha que esse é o diferencial na real, a gente respeita todo mundo, todos os empregados, toda galera que trabalha, a gente sempre cumprimenta todo mundo, todos, todos, todos. Lá no Madalena só a mina trabalha, então a gente faz questão de cumprimentar todas as minas. E aí, tudo bem? E tal, a gente não toca se cumprimentar todo mundo, então acho que é um diferencial muito grande. A gente não faz sete, então, a gente não tem nada, a gente só olha pro público e a gente vai tocando. Então, é isso, é energia mesmo, é a galera mesmo pro caramba. = A gente vê muitas pessoas quebrando muito a cara, eu vi muito isso, na real, é isso que eu fiz isso, né? De quebra, aquele cara com aquele estereótipo, né? Dois cara preto. Porra que pá, mó cara fechado porque a vida faz a gente ser assim. Logo era fechado, os cara entrando aqui no bar. Porra cheio, sei lá mano. Pô, mó galera assim mano, pô a diversidade mil. A mil? a meio, né? Porra exemplo pô, chega uma gay branca olhando para gente assim, tipo [gestos com a mão]. Aí vai lá, toca, faz um som, aí a gay branca “meu deus” a gente abraça ela, e fica “caraca eu não imaginava”. É [pronúncia alongada], eu sei que tu não imaginava, eu sei eu sei que você não imagina, você sabe então a gente quebra muito esses estereótipos, mas assim a gente tem que estudar sempre, sabe, a vida também ensina bastante, então a gente tem que, acho que tem que ver muito isso, sabe? Eu acho

que enfim, eu nunca é, a diáspora me ajuda bastante, no caso, só na eu nunca subestimei conhecimento de ninguém, então independente das coisas assim então eu entro na faculdade professor classista para caramba, racista tudo, mano já cansei de brigar mano não dá, aí como eu falo eu sempre falo eu vou me formar em história, tenho certeza que eu vou formar, um dia eu vou formar em história aí vou fazer acontecer igual o Fanon, vou fazer um puta de um trabalho, um trabalho que ninguém da academia não viu porque só o que a gente já teve acesso nisso daqui, cara, dá um livro muito bom, minha namorada tinha que falar direto, cara, vocês aí, meu amigo, dá muita força. Cara, vou fazer ficar bonito, tudo bem certo, vou ser reprovado. A academia vai negar. Aí daqui a dez anos eu vou falar, pô o cara tava certo O Rômulo falou lá e fala sério. Como ele falou racismo científico.

E.C.: Isso faz parte do epistemicídio do negro na Universidade, e é muito complicado atuar nesse espaço que vocês também são né? Na história, é difícil se sentir bem naquele espaço.

R.: É horrível. Eu acho uma tortura porque na verdade eu acho que eu tenho um problema com a história porque cara eu sou muito crítico, eu falo, eu já falei e sou aplaudido em aula mano todas as coisas que eu já falei, só que eu já fui reprovado na mesma aula que eu fui aplaudido, sabe? Porque tem coisa que eu não concordo, sabe? Eu não concordo mano. E não tem como. Vamos concordar. Sabe? A gente tem que falar sobre nova história, não tem como ficar dez anos, cinquenta anos. A gente tem que começar a debater muita coisa, cara. E tá errado, sabe? para que a gente não crie novos heróis nacionais, assim, errados. Como, ah, o Bolsonaro, as coisas. Então, vocês criaram o Bolsonaro. Os brancos criaram o Bolsonaro. Eu não tenho a nossa força e quantos Bolsonaros os pretos já enfrentaram na vida? Muitos cara.

V.: Agora realmente foi a fase mais coisa, cara que eu acho que a primeira vez que estão enfrentando algo assim. Primeira vez, cara. Já a gente não. Eu acho que isso é um fato, cara, isso é muito fato. E acho que isso causa tanta repulsa, muita coisa, mas a gente enfrenta isso desde sei lá quando era moleque, comemorei que ele saiu do poder demais, mas foi a primeira vez que estão enfrentando.

R.: Só vai continuar? Sabe? Vai vim novas caras de heróis nacionais e se a gente não falar de novas narrativas, Bolsonaro sair, tá tudo certo e agora, porra, vamos crescer a economia, tal e isso basta e tal. Não, não basta não. Temos que criar novas narrativas e a narrativa de eu, meu brother, tamo aqui, você tá aqui, todas essas pessoas estão olhando aqui, entendeu todas as pessoas mais realizadas precisam se adaptar.

V.: os caras ficam pensando claro eu sou super errado mas parar para pensar isso realmente é um brilho de uma de uma uma tese boa porque você para para pensar que é o seguinte recentemente estava no Twitter do “Ah, demita pessoas petistas e tal” dos bolsonaristas. Aí, obviamente isso causou vários recursos. E está certo? Causaram esse tipo de recurso esses vários tipos de notas? Mas só que a gente já sofre isso desde a base, desde, desde que tu é preto e preto e acabou, porque assim as pessoas não te dão emprego porque tu é preto. Então tipo, porra isso sei lá tu já tu já escutou alguém da família da tua mãe falar “oh não consegui um emprego porque o cara me achou porque eu não tinha um modelo perfil do mesmo”. Aí pô, sabe? E realmente acho que é a primeira vez e eu acho que é a primeira vez que eles tão enfrentando isso assim e causa um certo tipo de choque, sabe?

R.: Ah, demais.

V.: É da mesma forma. Eu acho que a questão de análise de contexto e qual a narrativa é mais colocada em pauta primeiro do que o outro e aí essas narrativas tão em mão de poderes e geralmente obviamente são pessoas de pessoas brancas, por exemplo, a gente escuta mais recentemente sobre a questão, vamos dizer da repulsa da ditadura que realmente foi erro, mais que os trezentos e cinquenta anos de escravidão. Realmente foi errado, mas isso é muito mais detalhado?

R.: Sendo que a nossa base é tudo pô mano, é toda porra é toda colonial, tá ligado? A gente quer falar ditadura, a gente tem que falar lá da escravidão.

V.: Por exemplo, na TV tu não vê um tipo de novela de época que é passado e que referente a questão da ditadura? Mas tu vai ver uma novela que é a fachada do império do Dom Pedro Ué, a gente aí tu tem que entender qual lado tu tá. Aí tu vai ver exemplo no Jornal Nacional, vários recursos. Claro que não vai ver, é se tu falar é.

R.: É isso que a gente tá falando é que eu chamo de algo muito [palavra não identificada], né? Até chegar na TV porque existem outras coisas também que contribuem para chegar até lá, então contribui o quê? Então já cansei disso daí muito racismo científico gigante tá? Então é muita enfim alta validação de fala muito grande porque a diáspora quem me deixou aqui, então mano acho acredito muito no processo científico demais no processo porra, mas tem que falar sobre o mais também tem que ter outro olhar sobre esse ângulo sabe? Com quem que cê tá falando? Com quem você tá te direcionando? Sabe? Exemplo mano fico por isso que o homem branco toma posse de indígena quando vai fazer algum trabalho, um trabalho, sei lá,

antropológico, alguma coisa assim. Aqui funciona assim, aqui a gente tá funcionando assim, é assim que funciona. Direcionar a produção. Aí, que a gente vai fazer assim, aqui no nosso meio a gente não faz isso não. Sabe? A gente tem leis, tem regras, ó quer um conhecimento indígena? Então senta aqui na roda de todo mundo, entendeu? Cruza as pernas, pá e vai, vai escutar, vai não vai anotar, tu vai escutar. Entendeu? Então é exatamente isso.

V.: É, já não tem tanta escrita, vai ter que falar guarani, é questão de oratória.

R.: Conhecimento parceiro muito importante e é isso, quanto tempo democracia demora para chegar?

V.: Acho que a gente não acaba tendo esse tipo de conhecimento, não é muito mais aprofundado, agora que tá tendo, mas é muito pelo fato do branco não ter como levar isso como narrativa principal ele, é o indígena que de fato se coloca como principal, se você quer entender, você tem que entrar. Então, parceiro. É, tá fora? Tem essa?

R.: Então, tipo, essas são as narrativas que a gente tem que olhar, também observar bastante, porque, cara, o Brasil é movido pelo contraste, um contraste absurdo. Então, eu vejo isso com a eu vejo isso, bastante oba oba, caramba, fico assim, cara, por isso que vocês estão comemorando? Faz de vocês aí, cara, Bolsonaro saiu para não sei o que, feliz para caramba, vou lá, fiz no papel, votei no Treze. Ah, deu uma hora depois assim, eu fiquei, tá mano, não acabou. Tem muito o que comemorar não. Tem que lutar, tem muita coisa acontecendo. E tem gente que fica mais confortável e aí mais um herói nacional surge. Muita gente achou que depois do Collor ele não ia surgir mais ninguém. E surgiu o pior, talvez. Eu digo pior porque a gente tem muito acesso à informação e mesmo assim fizeram tudo isso. Então ah, acredito que é bem pior, surgiu e não tá para ficar estacionado não, então a gente tem que ver esse momento que a gente tem o Lula tá lá defendendo a democracia e só. Esse é o papel.

E.C.: E a gente sabe que a democracia é muito limitada, né? Principalmente pra gente.

R.: Cara tem gente que não chegou democracia ainda véi, não chegou a democracia, tem gente que não que nunca recebeu um salário mínimo, nunca viu a cor de um salário mínimo.

V.: Eu acho que é isso sei lá meu acho que é por isso que a gente é bastante crítico em várias coisas e aí estava vendo...

R.: Desculpa Geovani, mas sou obrigado a falar que estava vendo lá no Jacarezinho lá do Rio de Janeiro. Acho que é o segundo pior PIB do Rio de Janeiro.

V.: Cara foi aquela que rolou massacre? foi a pior, ou o segundo campo. É o segundo pior.

R.: Lá a pessoa ganha só seiscentos reais, a pessoa não vê a cor, ela nunca viu a cor do salário-mínimo, antes de falar que o salário que a pessoa nunca viu, chegou a democracia lá? Nunca chegou cara? Nunca jamais chegou desde dois mil e oito e até agora a situação não melhorou, comé que é isso? Sabe? Então, tipo assim, cara, absurdo. Por isso que tem preto, principalmente nessas áreas mais afastadas assim e olha, vê o discurso democrático e fica que porra é isso aí meu irmão. Ele não está nem aí, você nunca chamou democracia para ele. Não sabia qual era o sabor da democracia. Então ele está nem aí.

V.: Quando eu fui pro Rio eu nunca me esqueço a gente foi para visitar o Cristo Redentor. Todo mundo faz isso quando vai pro Rio. A gente foi comparar o túquete e a moça ficou “compara aqui, compara aqui o negócio”. Aí a gente perguntou como era lá e ela disse que nunca foi. Falou eu sou carioca e eu nunca fui, não tenho nem ideia, só trabalho aqui, mas nunca. Caraca, a mulher carioca tá há trinta anos lá no Rio. Nunca sequer foi pro Cristo e não porque ela não tinha vontade disso. Ela acha bonito, mas nunca teve acesso a alguma coisa a esse título, porque justamente ela deve ganhar um salário que é abaixo do mínimo. Só para estar ali. Como é que ela vai para lá? Não vê o salário-mínimo que é, o salário-mínimo já tá terrível.

R.: Mas não é uma coisa que a gente tem que sentar ali e bater palma, não é isso, porque a gente sabe que a gente exige mais e a gente faz e faz. Só que a gente também tem que falar quanto tempo a democracia demora para chegar em certos locais. Tem locais que ainda não. Chegou não, chegou democracia em determinados locais e ponto, tem situações que independente do governo Lula, Bolsonaro ainda está a mesma droga, a mesma merda, entendeu? Então, tem é só a gente sair dessa rua.

V.: Gente, isso não é ser centro ou ser esquerda. Cara, isso é questão de ser preto, não tem como falar aqui não. Tem que ser preto. E aí está aí está a questão das pessoas que lutam nas causas diferentes. Querendo ou não a gente acaba se tornando um uma luta, assim dois produtores pretos que fazem o baile aqui e acabam se tornando uma luta. Por mais que a gente não quisesse, não queria que fosse. A gente iria ser conhecido como empreendedor, mas também é conhecido como causa de luta, porra, os dois produtores pretos estão fazendo o bagulho. Cê escuta em alguns casos, principalmente de artistas, cantores. Tá lotado, aos montes. Mas uma coisa que

eu fico pensando principalmente junto com o meu irmão que eu que tipo acho que o baile é uma coisa muito caseira, é caseira mesmo é que é eu e meu irmão, a minha mãe que está sentada, ali o meu pai e até o meu cachorro Téo. então é tão caseiro que são essas pessoas que de fato reúnem e fazem esse mutirão das pessoas que se reúnem e chamam a Tasha e Tracie, são as pessoas que fazem dezenove vezes mais, as pessoas que fazem muitas pessoas fazem lanche.

R.: É pau para tudo.

V.: Aí eu fico, é pau para tudo. Aí eu fico pensando porra. Quem que tá na frente? Claro que tem pessoas que tem grupos muito grandes, principalmente questões sociais pessoas pretas que são absurdamente foda, eu acho muito foda. Mas eu acho que tá na hora de fato das pessoas se conectarem. Sabe? De fato, criar esse tipo de corrente. Se as pessoas olham que o Baile dos gêmeos é um baile preto, é de movimento preto, que tem música preta, que enaltece a questão preta várias outras questões, principalmente a questão da musicalidade o que eu penso no seguinte na minha opinião, a minha humilde e sincera opinião, é que tem que haver exemplo uma corrente também exemplo pô a gente é super aberto a movimentos de estarem junto com a gente também, pautarem isso, de pessoas pretas “ó mano vamos lá bora lá no baile dos cara” e ao mesmo tempo a gente enaltece alguns movimentos lá por exemplo várias vezes quando a gente fazia o baile de dois mil e dezenove a gente já falava do AYA compartilhava paraquele preto lá, pô será que tem um laboratório? Pelo menos era o único que eu conheci, mas que eu trabalhava lá na UDESC era um dos que eu falava “pô mano aí os preços falavam pô será que tem algum tipo de laboratório?” Eu falava mano, tem o AYA. Será que tem algum tipo de movimento que eu posso me juntar mano? Tem a FREJUNA, tem o Minervino, mas há uma corrente ampla, tipo assim, pô, aonde que eu posso realmente curtir, aonde que eu posso sair do movimento, posso estar bem? No baile dos Gêmeos. Eu acho que isso tem que ser feito. E aí a gente vai sentir o tamanho, a força dessa corrente.

R.: É transformação social.

V.: É e acontece é de fato isso, porque tipo assim não adianta tu pode ficar sei lá velho trezentos e sessenta e cinco dias só compartilhando mídia, na luta, metendo o pau, cara tu vai se expressar, tu vai adoecer, tu vai ficar na merda, tu vai ver homem preto sendo pisoteado, sendo espancado, sendo morto, aí beleza, a gente vai lá reivindica mas também a gente tem que respirar porque senão a gente vai morrer.

R.: Ah, é o que acontece aí no morro, criminalidade tá sempre aí, por que tu vai no complexo rola vários tipos de operação e mesmo assim rola baile funk? porque o cara fica porra mano tem pelo menos dar uma respirada. porque senão meu amigo já é, as coisa acontece mesmo todo mundo tem direito a lazer e ir lá dentro.

V.: Mas eu acho que a gente é, mas acho que a gente tem que a gente tem que acreditar de fato nesse tipo de corrente. A gente tem que acreditar em nós mesmos, porque se de fato eu não acreditasse no meu irmão que uma pessoa negra, meu irmão, uma pessoa preta que acreditasse em mim, não estaria acontecendo o que a gente está acontecendo agora. Não estaria me entrevistando. Entendeste? A gente não estaria no Estadão qualquer coisa.

R.: Transformação social, acho que transforma a sua cadeia social. E aí eu acho legal, porque eu sempre tô, sempre tô realmente muito interessado. Tem uma galera branca também que vem querendo entrevistar assim, cara, se eu tiver com humor eu vou, se não tiver com humor não vou. Tchau, tchau. Não tenho tempo. Legal Porque tipo eu acho engraçado é como eu tava falando aí, tem uma produtora lá, Guerrilha profissional, entendeu? Eu acho muito engraçado. Chegou lá a dona Produções lá e ela queria documentar a gente, documentar os bailes pretos assim, pô, maneiro. Legal, bacana. Legal? Fazer vídeo, documentar como se fosse um trabalho antropológico, uma cápsula do tempo para falar que Floripa teve isso aqui. Pô, maneiro. Só que quando a gente socou o parceiro dela, o cara branco que fez racismo com a gente, vê se ela quer documentar o bagulho.

V.: Não quer? Não quer, você entendeu? “É o meu amigo” só que eu soquei a cara do cara branco, soco tranquilo. Esfregaria ele no asfalto, até ele virar preto. Tranquilo. Entendeu por que falta de diálogo não foi, não foi. Fácil não, fácil não, fácil. Cara, que fácil, fácil. Aí, é sempre assim, o preto sempre tem essa característica de né? de raivoso, bruto. Caralho, a gente perdeu, acabou, mano. Deu tempo, maluco. Conversei contigo, uma, três, quatro, cinco vezes, o cara é meu sustento, sabe? Ninguém atrapalha o trabalho de ninguém. Aí vai querer sabotar meu trabalho, aí o pau vai comer, entendeu? Já falei, eu sou assim, eu sou muito papo dado, reto e acabou. Entendeu? Então tipo, mano, não tem, ninguém é criança, todo mundo é adulto, sabe.

R.: E também ninguém é hipócrita aqui, acho que a política é bastante crítica. É, é branco antirracista, é Lula, aí eu falo nem todo mundo que está nessa caminhada progressista é nosso amigo porque nós é preto e acabou, nem faz o L aí pode ir. Oh, tem uma galera que faz o L aí

que eu tenho vontade de ir. Cara, se eu pudesse assim, bota numa sala que eu saia no soco porque não adianta diálogo porque eles são muito racistas. Sabe?

E.C.: E quais são as dificuldades em relação ao racismo dentro da produção cultural?

V.: Bastante, o bastante. Bastante. Cara, é muito difícil, muito difícil porque a nossa voz é sempre invalidada, a gente que é jovem, preto é muito invalidado. Ou é porque é sempre meio que que justificam para não para não querer falar da cor. “Ah, porque vocês são jovens.” Olha, eu sou jovem, faço baile, eu mesmo falo isso pros outras pessoas. Esse baile é o que eu levo para minha casa, aí tu vai dizer que eu não tenho responsabilidade? Ah pelo amor de Deus cara, por que tu está achando que eu sou palhaço?

R.: Você organiza mais de trezentas pessoas. Pois é mano, vai lá mano faz teu aniversário então já é difícil fazer um aniversário, mas vou fazer uma festa todo mês.

V.: Por isso que eu odeio fazer o meu aniversário. Meu aniversário eu não faço.

R.: É a festa que a galera acha que dá trabalho, fechar o Rios já que não? Não. Tá. Tem um bolinho simbólico, mas não passa disso. Não passa. É. Mas enfim é muito difícil é muito. Só que eu acho isso foda porque a gente na verdade é um pouco respaldado pelos artistas pretos que tem no Brasil fora. Quando um artista preto olha para gente, vê a gente. Pô, os caras se maravilharam, os cara ficam maravilhados. Tá, mas aqui no sul é difícil se o cara sair com oito graus de casa, esses homens no verão, aparece produtor aí que nunca apareceu na vida, começa a aparecer dos bueiros, mas enfim, sair com oito graus para lotar o bagulho?

V.: Mas eu, mas eu acho que é tudo assim. É desde essa questão de planejamento, sentar e poder planejar beleza então vamos fazer. Eu falo mano é assim é assim assado faz por mais que claro a gente vai respeitar os outros, cara não tem problema nenhum as vezes eu várias vezes discordo que o Rômulo pensa, Até minha mãe chegar e falar e falar olha o concordo com o Rômulo. Beleza. Então se tu concorda então é dois a um eu vou jogar na de vocês. Mas é suave, isso é muito tranquilo. Mas ao ponto tipo assim de não cogitar a pensar no planejamento de não cogitar a escutar esse tipo de coisa e não cogitar em pensar o porquê que ele tá pensando nisso, em achar que isso em achar que nem pensava por que ele deve ele deve tá pensando nisso, não, cara é delivery, é a coisa mais idiota que eu já escutei na vida. Ah não mano, não é que é idiota. Tipo assim ó, eu consigo ver que o baile por si, por mais que ele se torne uma empresa nesse sentido, né? Mas eu não posso negar que esse baile tem coisas sociais, que se tornou algo social

desde a sua concepção e acaba se tornando até sei lá até enfim e aí quando a gente fala sobre a questão de planejamento, pô se o ingresso for sei lá a cento e vinte reais, pô mano eu acho que dá para congelar o primeiro lote só para pessoa preta, dá para gente fazer algum tipo de coisa. O que acabou acontecendo no show da Tasha e Tracie e foi até legal. Qual que a gente fez o promocional, esgotou em um minuto? Travou o site. Soltamos nosso primeiro lote, esgotou, dois dias já esgotou. Aí fomos para o terceiro lote? Segundo. Foi pro segundo, é, foi pro nacional, primeiro e segundo. Aí no segundo lote tava cinquenta, alguma coisa assim. Cara, tem que ver. Bora, cinquenta por cento. Realmente eu perdi. Eu acho que é sessenta, foi. Enfim, tava sessenta, aí eu pensei, aí eu pensei congela o primeiro, congela só o primeiro que é para pessoas pretas, faz uma lista ali. E aí a gente vai ver o que vai acontecer, né? Aconteceu uma coisa muito engraçada, todas as pessoas pretinhas tinham comparado do primeiro. É? E como eu falo? Todas, eu falo. Tu falava cara lá, já comprei. O primeiro eu já comprei.

R.: Falo, eu falo uma coisa chamada dignidade, porque tem que ter cuidado com essas doações, as produtoras brancas, né? Ah, e doa, doa, não sei quantos ingressos, tal, tal, tem que ter. Porque, cara, assim, ó, dignidade cara, isso é dignidade. Porque cara preto só quer dignidade cara, eu não sou dessas paradas de doação a gente sabe quem que vai pagar depois tá ligado?

V.: E quando eles fazem essa cobrança é bem chato, bem chato, bem chato parece que tá devendo assim ó ah a alma do bagulho sabe? É. Porra porque eu te ajudei quando a gente saiu lá da Caos, a gente a gente saiu de lá tretadíssimo eu quase dei na cara lá do dono e aí enfim a Caos foi a primeira produtora que abriu a gente para margem da discotecagem, o cara lá que é o Isaque lá abriu lá o bagulho lá para nós e aí a gente foi lá e começou a tocar e tal e o pessoal viu que a gente tinha uma musicalidade diferente do que a Caos tinha e que a nossa a nossa figura era legal e começou que a gente saia e tipo assim a gente pensou que a gente só ia ser uma vez, a Caos começou a chamar a gente direto aí eu fiquei pensando pô já estou chamando a gente dois meses eu acho que é melhor a gente cobrar, mas até a gente chegar e cobrar e falar pô acho a gente tá merecendo ganhar uma grana aqui, parece que o cara tá tipo, pô, o favor do cacete, sabe? Parecia que fosse, ah, mano, pô, mas eu te ensinei a tocar.

R.: Esse é o aspecto da doação. É, é. Exatamente. Pô, mas eu te ensinei a tocar. Eu fiz um bagulho lá para tua mãe lá, pai, pô, legal, mano, mas não custa dar um dinheirinho que eu sei que vocês dão pros outros, enfim foi um rolo do caramba, depois ele começou a pagar uma mixaria da porra, mixaria meu, acho que não dava nem três cappuccino para nós, aí chegou no Réveillon da virada do ano de dois mil e dezoito, para dois mil dezenove a gente tocou nesse

réveillon foi lá no The Raiz, a gente fechou um pau do cacete no fim, foi a coisa mais maravilhosa e aí a gente tinha tocado lá e tal ele já tinha combinado dele que ele ia pagar a gente liberou umas entradas para minha mãe e pro pai pelo menos isso ele liberou e a gente sempre a gente sempre toca quando a gente é chamado desde sempre a gente sempre vai tocar no horário mais quente é a maior resposta que tem, é tipo pô quando acabou os fogos todo mundo olhou para gente, no Carnaval de rua o horário mais quente a gente estava a gente estava tocando ou seja se errar ali amigo já era para ti já era para produtora, já era para todo mundo, mas a gente tinha a confiabilidade na gente que a gente ia segurar e a gente fez. Mas na hora de pagar, cadê? Não pagou, e quando a gente descobriu que o valor que ele ia pagar para gente ele ia pagar pro DJ Branco cinco vezes mais, aí a gente ficou puto, eu falei, não, mano. Aí o cara chegou e falou, mano, vocês só vão ganhar isso daqui. Eu falei, não, pô. É o que a gente tinha combinado e tal. Pô, mano, você não deveriam estar ganhando isso aqui. Eu ganhei tanto valor. Falei, não, pode ser. E aí o ápice para mim foi quando eu juntei toda a minha grana que eu tinha eh meu dinheiro que eu ganhava, que eu tocava, a gente juntava a grana, que a gente queria ter nossos equipamentos de discotecagem, não queria tá dependendo de uma casa para poder discotecar. Aí a gente comprou o nosso note, né? E a nossa controladora que até hoje tá lá, anota essa coisa. A gente comprou e a gente chegou no Rancho para tocar e aí quando a gente chegou lá no Rancho para tocar, cara tinha muita gente lá foi a metade da sala do meu curso estavam tudo lá gente para um caralho, todo mundo queria ver a gente tocar aí fui botar o equipamento novo tipo novinho zerinho sei lá começou comparasse hoje agora a tarde fosse testar e aí quando a gente foi botar lá para tocar estava, estava dando ruim e ele queria botar a culpa no nosso equipamento. E aí, meu sangue ferveu. Porra, não vou aguentar um desaforo, já tô sendo desvalorizado aqui e o cara tá desaforando, falando que o nosso equipamento não é o suficiente, vai rolar um monte de coisa, sendo que nos outros já tinha acontecido os outros shows lá no rancho, de vários artistas foda assim, nacionais, de discotecagem, bicho com um baita de um *MacBook* de trinta mil reais com aparelho sei lá de cinquenta mil reais e quando ele botou para tocar não funcionava porque a fiação era muito velha era uma fiação horrível terrível é uma coisa assim que eu não sei explicar de tão horrível que era e o cara tinha dinheiro para consertar ele e não queria consertar porque ele não queria gastar com nada, foi botar a culpa no nosso equipamento. E aí eu falei, não mano, não pode ser isso, deve tá delirando, ele acha que eu vou simplesmente aceitar isso daqui, não vou aceitar. E aí, pô, falei, cara, não pode ser, cara, isso não, pá. E aí o Rômulo falou, ah, o não tá pegando nosso equipamento, vamos no equipamento dele, foi no equipamento dele, o negócio tava emperrado, eu falei, não, mano. Falei, mano, para.

E o negócio do equipamento tá enterrado. Ele tá botando a culpa no meu equipamento, eu só falei para o som agora, que tava socado assim, ó. Um mar de gente. Nós vamos, não, mas porra, tem um som, eu falei, não, tu para essa porra aqui agora. Aí ele parou bem, quem tocar esse som aqui agora, vai ser o cuzão aqui da festa, xinguei mesmo, fala aí o que a gente tá sendo desvalorizado, a gente tem o nosso equipamento aqui e a gente não consegue tocar e não tem o mínimo de dignidade. Eu falei, porra cara, aí para não sei o que e tal, aí ele vem todo galudo, pá achando foda. Quando a gente foi embora, metade do público que tava lá foi embora com a gente. A gente falou e se a gente criar algo da gente vai ser legal? Aí a Flávia falou “pô, vocês já deveriam ter criado faz tempo” e se tornou o baile dos gêmeos, foi uma necessidade, se não fosse o baile a gente não estaria tocando, e um talento desperdiçado, simplesmente ia morrer. Antes de tocar nesse evento foi a primeira vez que eu toquei na Batuk, quando eu vi aquele monte de preto, quando eu vi que eu podia tocar a minha música que era de preto, eu me senti muito bem acolhido. Essa corrente é importante, porque se o Hudson não me chamasse para tocar, provavelmente eu estaria me vendendo para outro tipo de coisa sem necessidade também.

R.: Eu vejo também, isso começou com uma doação, isso é o que uma pessoa preta paga, por isso eu falo cuidado com a doação, cena cultural e tal, as pessoas precisam ter poder de consumo, acho que tem que ter equidade para que as coisas comecem a andar.

V.: Eu volto a dizer sobre essa questão da corrente que eu acho super importante, se a gente não fizer isso o quanto antes, várias produtoras podem morrer, isso é sério, isso vai impactar nos movimentos sociais, vai impactar na FREJUNA e outros movimentos sociais.

R.: Eu também falo desses movimentos para cobrar, a gente é linha de frente, a gente tem que parar para pensar nisso, a gente faz um puta de um trabalho sim, quem chegou e abriu a merda para Whatafunk produções? eu e meu irmão. Quem chegou e abriu a merda para Guerrilha? Eu e meu irmão. Entendeu? Chama o artista para cá, a gente nunca vai ser chamado, a gente não se vendeu. A cultura é uma imagem muito grande porque a cultura é o que mais dá emprego, direta e indiretamente para nossa comunidade, os bailes empregam gente, informal ou não, empregam. Tem a questão do desemprego, mas tem cara que entrega currículo em todo tipo de pico aqui, mas o cara nunca é chamado, mas é chamado pro freela, o baile dos gêmeos tem uma grande chance de não ter esse freela, mas realmente contratar as pessoas. Se a galera soubesse como é meu dia, sou muito tranquilo, fui criado na Coloninha ali, lazer, cadeirinha de paraia sentadinho. Me estresso com essas coisas aí. Começar a pensar nisso, como a música resgata muito e empregabilidade porque às vezes a gente tem domínio disso, cara vamos pensar,

começar a cobrar dessas produtoras brancas. O próprio governo sabe que a cultura é um poder gigante.

V.: Por isso que sabota.

R.: A cultura é algo muito importante porque se não, não teria essas questões de ideologia que querendo ou não estão ligadas à questão cultural, “ah, odeio funk, odeio preto, favelado e funk” tá ligado? a imagem, cortar dali, trazer para cá, é toda uma burocracia para gente entrar no espaço.

V.: Por isso que eu digo, é um desafio muito grande, não é fácil e eu digo isso várias vezes, os outros podem quebrar duas vezes, a gente não pode, a gente quebra duas meu amigo, é infarto fulminante. Os outros fazem isso por *hobby*, Ah, muito, porque tem alguém que tá ali que tem que tem que ter uma família, é herdeiro, enfim, é fato e não são mais fraquinhos isso é um fato que tem alguém ali que tá botando uma mão legal, a gente não. Isso é muito difícil. E ontem eu me senti bastante cansado particularmente porque eu faço dezenove meses isso aqui cara. Dá licença cara. Tem meses que cansa cara? Não é o cansaço do cara pegar no pesado, se cada um, se o pessoal ver isso aqui é levar bebida pro resto do meu amigo é um desafio não é fácil é E é legal é legal porque tu vai ver, pô, as pessoas vão lá, tal, os cantos. Mas ainda assim, pensar em vários é, porra, cara, fulano e tal. Não, cara, eu não acho. Eu acho que é isso.

R.: A cultura também é transformação social também. Esse é o maior embate que Floripa já vivenciou. E é e perdeu isso por causa de ego. Floripa já vivenciou isso porque eu já vi, já vivenciou isso em dois mil e dezoito assim, quando eu volto a falar, eu ia nos rolê tocar quando a gente chamava para tocar, tinha batuque, era só bagulho de preto. Cara, nem os produtos já sabem. Ih, tem Batuk tchau, nem bota esse rolê não. Tem Batuk abraço. Eu não tinha ideia aqui na época, né? Era muito mais jovem. Pô, então foda assim, ó, eu ouvia falar muito bem. Porra, quando eu fui mesmo boto fé é porque eu volto a falar acho que criou uma corrente muito grande na pessoa de vários movimentos lá também, movimentos jovens eram pessoas que eu tinha acabado de entrar lá no curso lá na UDESC, eu via bastante minas pretas andando juntas, eu vi a rapaziada preta andando juntas pô, e aquela as mina prestam tudo lá cara, iam tudo na Batuk assim ó a rodo e depois pararam de ir. Aí tem que falar a questão da acessibilidade? Não. Não é não. Questão de data filhão? Também não. E tem algo ali da nossa comunidade que não tá se encaixando, né? Se fragmentou, cara. Aí vai falar, pô, sentem de proteção, é o curso mesmo, mas o pessoal ali. Pessoal que vai lá. Aqui cara, de bastidores sempre rola.

R.: É legal normal aí começa a ideia fragmentação e principalmente o branco começa a botar ordem do bagulho, botar lenha no bagulho o que é engraçado, eles te brigam para caramba, eu vi muita produtora que brigava com produtora branca e se resolvia, agora a produtora preta briga com a produtora preta eles não vão mais se juntar.

V.: Porra já era.

R.: Isso que eu acho eu comecei a observar de quem está realmente separando isso, né?

V.: Temos que falar além de ah não sei, né? Porque mas acho que a gente tá na hora da gente, a gente coloca sendo usado aqui. Certo? E eu acho que todos os movimentos de frente, todos a gente bater a real as pessoas pararem para pensar cada um que tá aqui achando e falando, cada um que tá aqui falando e dialogando sobre isso, é muito importante. Mas é de extrema importância isso. Tem coisa que é utópica, sei que se eu deixar de comparar no Angeloni, ele não vai deixar de ser bilionário, mas tem coisas que fazem a diferença aqui sim. E o setor cultural é o setor que onde há mais proximidade entre o você tá tomando esse cappuccino com um grande produtor que tá trazendo o Baco pode ter certeza. É o fator mais próximo, você liga muito a ele. Basta você falar algum tipo de coisa que incomode, que é um anseio de uma comunidade que ele já fica um pé atrás. Tu pode quebrar um evento. Pode realmente quebrar um evento.

R.: O acesso a democracia se dá pelo setor cultural, muitas vezes se dá pelo setor cultural.

V.: Mas por exemplo, a gente viu o cara lá do Pão de Açúcar, não foi? que foi espancado? Continuou o bagulho, porque tem coisas que são utópicas nessa questão de mudança. A questão de consumo é tão rápida que as vezes tu não consegue, é uma máquina querendo ou não infelizmente já ganhou é difícil, a não ser que a gente crie uma coisa muito, sei lá, mas o setor cultural não, o setor cultural tá muito rápido cara é uma coisa assim ó é muito bizarro, mas não há uma diferença muito grande entre um cara que tá chamando um cara muito foda pessoa que tá ali sentada e tá tomando café porque ele tá querendo te convencer de fato. E aí se as pessoas vissem o quanto é importante a imagem delas nesse sentido.

R.: Muita gente acha que, muita gente não conhece tanto, a gente faz parte do Baile dos Gêmeos, eu e meu irmão a gente não é dono mesmo. E muita gente por mais que a gente para eu ando sempre tranquilo sei lá cara continua sendo mesmo minha comunidade entendeu? Muita gente acha que, pô mano, ah mano, vocês realmente vão trazer atração nacional? Sim, é a gente,

entendeu? Mas é assim cara, essa é a imagem, o estereótipo, ela é a mudança e ela já vem preparada, muita gente branca não está preparada para ver preto que é empresário dele mesmo, que é produtor dele mesmo, que ele é ele, meu. Eu faço curso, sou produtor, sou DJ, eu faço tudo, tudo. Quer trocar a lâmpada, eu troco a lâmpada a gente foi ensinado a fazer tudo, aprender a fazer tudo, para não depender de um branco. Hoje a produtora independente é meu brother. Não, tem. O resto tudo patrocinado. Tudo alguém molhando. Tudo alguém molhando.

V.: Whatafunk molhando, Guerrilha molhando, isso é um fato e a gente não pode falar, lavagem de dinheiro, tudo, mas só quem pode lavar? O branco? Ah é um preto lava dois reais para ver se não cai na malha fina, cara, tem muita merda aí, tem muita coisa aí.

R.: Tô nem aí cara, pô. Eu tô nem aí tô nem aí, eu acho que assim, é necessário a gente criar o mercado, educar o nosso mercado. E a gente tá aqui para isso, tá ligado? para essa gente de educar o nosso mercado. A gente pode falar sobre outras coisas também. Queria tá falando sobre outras paradas, a não ser de racismo. Poder falar sobre outras paradas. Mas é difícil. Quanto mais, quanto menos pessoas terem acesso, mais a gente vai falar sobre, mais sobre a gente vai falar. Então, é isso. Se eu sou o único produtor preto dentro da cena da grande Florianópolis, eu e meu brother, mais eu vou falar de racismo, então não tem como não falar sobre, e tem alguma coisa errada aqui. eu só não sei como ser público não, só eu vou, meu irmão. Pô, tá errado, mano. Pô, tá muito errado, velho. Tá extremamente errado. Enquanto isso, tão vendendo RAP, tão vendendo funk, tão vendendo tudo. O artista nacional mais bombado aqui, ó. Tá muito errado, tá muito errado.

V.: Cara, extremamente errado.

R.: Parece que eu comecei a falar sobre isso, que é a transformação social. Eu acho que isso é o mais importante. Quem envolve tudo, toda uma cadeia. Quando a gente está dentro da UDESC ali com a galera.

V.: Porque aquele cara aquele preto que é fotógrafo, que sonha em trabalhar em fotografia de eventos e nunca chamaram e quando ele é chamado, tem que mendigar ficar mandando mensagem um pouco porque sem esse se ele alimentar uma produtora preta ele pode ser contratado? Sem precisar de qualquer coisa, quantas vezes a gente já chamou o design preto? Hoje mais a gente agora da Tasha e Tracie. Ai, pelo menos uma credencial que eu posso entrar ali, poder tirar foto. Ah, pelo amor de Deus, né gente? Ah, pelo amor de Deus. Eu acho que é eu acho que é tiração. Vou ficar implorando, pô, eu posso ir lá tocar. Ah pelo amor de eu posso

ir lá dançar e aí só me garante água, acho uma sacanagem que eu acho que já deu né? Acho que foi acho que todo mundo é grande e tem responsabilidade. A pessoa ganha free lá, vive a Disney por quatro horas e no outro dia tá na merda novamente.

R.: Começa a subvalorização. Pô, mas o bicho fez de graça para mim, aí quando vai fazer ele vai cobrar da pessoa preta, mas pro branco você fez de graça. Caiu na afetividade já era.

V.: Isso tá envolvido diretamente com valor de consumo porque isso direciona para onde as pessoas vão no final de semana. Eu não compartilho várias questões de causa preta, mas tô sempre analisando essas correntes, fico olhando no final de semana tal pessoa, o que tá fazendo lá? Tem que se juntar, criar um tipo de corrente.

R.: Tá rolando vários festivais, igual teve um agora, aí é foda, a pessoa preta paga, aconteceu essa semana o Rock in Rio a mina preta foi lá pagou tudo, dois e oitocentos o card ou mil e oitocentos, aí foi no nosso show porque a lista black já é reduzida, a gente queria fazer, mas não dá, chegou a mina lá, não tem problema estar no Rock in Rio, só que aí falar que é pesado pagar quarenta reais no ingresso, é muito caro, porra você pagou mais de cinco dias de festival para uma produtora branca e é pesado pagar quarenta pau para uma produtora negra? que vai alimentar toda uma cadeia aqui.

R.: A gente tem muito um olhar americanizado, paga muito pau pro Jay-Z, Beyoncé e tal, genial, só que a gente também tem pessoas fudas aqui, tem essas figuras aqui também.

V.: Já parou para pensar que o baile pode ser bem além do que uma produtora de eventos? Pode se tornar algo muito maior, agenciamento de carreira de pessoas pretas, já pensou? uma parada muito além, sabe aquele mano que tem a oportunidade de ir na dança, agenciar ele, ele vem no baile, ganha dinheiro e depois pode ir para São Paulo com contato de tal carinha, a gente tem contato massa lá. Pode se tornar algo muito grande, não só o baile, mas o Baile de Quebrada também que tem o Kassan que o bicho é guerreiro.

R.: Tá fazendo um movimento aqui no Centro-Leste legal. E também vê que há uma desvalorização e falei para ele “entra na fila”, é um problema epistemológico, a gente tem que estar preparado para tudo, sempre querendo dialogar e conversar. As pessoas que chamam a gente para TCC, na pandemia foi um monte, tava falando com o Geovani, é garantia de direitos e nosso papo é meio reto porque a gente não tem muito tempo, não sei o que vai ser daqui a sei lá, ano que vem. A gente que é produtor tinha várias previsões assim dois mil e dezenove tinha

estudo. Vai ser assim e estava assim. Dois mil e vinte se não fosse pandemia estava tudo fechado véi.

V.: Dois mil e vinte e um para dois mil e vinte e dois a gente tinha até uma previsão que foi ele. Agora ano que vem a gente tem previsão pro verão. É, isso é clichê, clichê. Só que assim, talvez olha, não sei não. Pessoal, produtor mesmo, independente. Por isso que eu acho que mais vale a gente te ajudar agora. Sendo bem real? Acordar aí. Acordar. Quanto ainda a gente tem tempo? Ou não vai ter mais lugar para que a gente encontre as nossas próprias caras, nossos próprios rostos para curtir. E aí vai ser choraçada para tudo que é lado. Não vai ter Madalena, e a gente vê esse reflexo das eleições. Não, pessoal aqui contente e ir pro hip-hop de raiz, ver branco lá, um abraço.

R.: Aí o setor cultural é o setor que emprega muito preto bastante. Quem tá ali, eu, meu brother, a gente sabe quantos? Quanto? Direto e indiretamente. É o que mais faz transformação social dentro da casa. É o Lula do bagulho. [risos] é o que tem, é o poder. Só que a gente tem que começar a descentralizar esse poder, começar a dividir mais, a partilhar a mais.

V.: É raça, porra, bora dividir o bagulho.

R.: E aí as questões sociais convém, a questão da imagem social, das figuras sociais, tudo bem? Sabe? Então, começar a pensar assim, eu mesmo, ultimamente eu tô cansado. É, pode falar eu sou assim desde quando eu comecei a sair. Mano, isso é um rolê preto bom para caramba. Eu vou no rolê preto, cara. Não tem essa não. para que eu vou ficar em dúvida, mané. para que meu? Meu Deus do céu, fica pensando para que? para que mano? “É porque o meu amiguinho”, ah, pelo amor de Deus. Ah, pelo amor de Deus, vai desculpa mano.

R.: Sua amiga branca vai lá tipo escutar Taylor Swift numa balada, tem problema sério mano, tem problema, se alguém que ver esse TCC pensar “ah, tem problema com a Taylor Swift?” Tenho e eu quero que seja bem registrado eu não eu não gosto, porra, a coisa mais branca que inventaram.

V.: Pô, é muito Disney.

R.: Tem outras parada aí, tem outros artistas, mas preto é preto, é o que comanda, pode não ganhar prêmio algo do ano porque a gente sabe que é o boicote muito grande mas quem faz, quem produz, quem tem a credibilidade, quem tem a ginga, quem tem os passos, quem tem tudo, por isso é o preto, não tem jeito cara, se não fosse eles não teria esse movimento, a moda,

moda, a música vem com a moda, vem com a autoestima, vem tudo véi. Então, a pessoa tem que parar para pensar, vou escutar Taylor Swift ou vou escutar 50 Cent . Ó bem é mais verdadeiro. Ele canta música de amor.

V.: Ele canta de amor, do jeito dele.

R.: de esperança também.

V.: De esperança. E fala para você andar com segurança também?

R.: É verdade, segurança.

V.: Com colete. É segurança?

R.: É. Que que tá segura? Tem que tá sempre esperto, nunca desarmado. Já a Taylor é só sorrir e fique feliz. Seus dias vão melhorar.

R.: Gente preta que nunca viu sua imagem, nunca viu sua autoestima. Isso é sofrer por amor. Mas cê nunca cara. Não teve o carinho coletivo. Entendeu? Isso é sofrer por amor. Que nunca sem nenhum psicólogo e isso é sofrer por amor.

V.: Não tenho nada contra a Taylor, só não escuto. Não, tem muita gente que é fã dela que vai no baile e eu adoro vocês, tá? Vocês são parte do meu coração. Fora de cogitação.

R.: Eu agora tô sabendo o que é amor, agora com vinte e três anos tô sabendo cuidar do meu cabelo, nem sabia cuidar do cabelo, eu não sabia qual creme passar pro meu cabelo. Sabe que tu olhava assim, às vezes tu olhava em casa assim, e tu viu nas casa aí, principalmente por causa das branca e tinha creme, essas coisas, creme de cabelo. Agora que eu tô aprendendo, eu não sabia usar.

E.C.: Me lembrou a música do Baco, Autoestima.

R.: O Baco também é uma coisa muito engraçada porque ele fez esse álbum para ganhar, eu vou fazer estratégia de música, né falar de amor dá muito dinheiro. Brasileiro é corno.

V.: Brasileiro é corno. Brasileiro é corno cara. Se tu fizer um álbum inteiro de *lovesong* já era.

R.: É corno cara, e se tu não é corno você tá de amante, tá num local de amante, tu não tá sabendo. Exatamente. Tu é um corno em terceira pessoa, mas é corno, é corno. Falar de amor na música, dá muito dinheiro.

E.C.: Cabelinho agora vai lançar algum de *lovesong* também.

V.: Vai dar uma grana, vai dar grana.

R.: *Lovesong* dá grana, gente. Quem tá escutando aí, quer fazer o negócio acontecer. E aí se falar de amor porque dá grana porque os brancos se botam como papel principal disso. E o Baco fez essa arapuca para isso. Certa? Ele fez isso. Ele fala disso. Entendeu? Mas se falar de amor. Faz uma coisa, igual Rael, Rael, fazia música Envolvidão, só dava as brancas, tanto é que ficou só conhecido como envolvido. Mas se ele lançasse um álbum de *lovesong* iria ser um Vitão, Emicida fazendo Amarelo falando umas coisas mais frufu, mais pá, mais bonitinho. O álbum Amarelo foi o que teve mais destaque entre todos que ele já fez.

R.: Amor é uma coisa muito branca. Tem assim.

V.: Aí não metendo porrada. Oh espera aí espera aí. É. Ele falando do álbum Amarelo está em tudo que é festival. Só esse álbum agora. Só isso. Contratado. Não é dele, é um é um álbum muito, absolutamente foda, mas é para cantar o álbum Amarelo, não pode cantar outra coisa, hein? Tem que ser Amarelo, se fugir alguma coisa, tem que ser amarelo. Aí tu sabe aí. Entendeu? É isso.

R.: A gente é carente socialmente falando que tiraram nossos direitos e se a gente tivesse com esse resumo disso tudo, a gente tenta resgatar e ao mesmo tempo essa luta de tentar ser personagem novamente porque o racismo ele atualiza sim, tá sempre atualizando. Até muda as cara, mas é tudo igual.

V.: Isso é para provar para vocês.

R.: A gente além de *hypezinho*, a gente tem uma ideia, tem uma concepção, não digo que uma ideologia, mas a gente tem princípios. É. Eu acho que tudo está dentro do Madalena lá, nada está fora tudo que a gente falou também dialoga bastante sobre a raiz.

V.: Eu vou ter um tempo ainda de chegar em vários movimentos e alugar e falar pro pessoal, rapaziada, é o seguinte, vamos falar de cultura aqui. Que o papo é sério. Papo é sério. Ninguém vai falar de cultura. E assim, e vamos ser realista. Nada de questão utópica, tá? Nada de utopia. Não pode chegar assim, ah, todo mundo vai entrar de graça, não é isso, não tô falando disso, onde que a gente tá direcionando o mercado? Que que a gente pode fazer para que, porra se aquele maninho ali que tem o sonho de ser artista, alguma coisa nesse sentido ou que sonha até

tocar, ou que sonha em dançar ou qualquer coisa, envolver com arte como um todo. Não tenha que ficar passando sufoco ou qualquer tipo de humilhação. Pode eu acho que essa conversa tem que ser para mais do que ontem pô? Rapaziada, ó entendeu? E é muito da nossa idade né? Que é o pessoal jovem tem essa emoção, “ah caraca, caralho, porra”, tem as pessoas mais velhas que também tem uma energia que eu acho absurda.

R.: Mas que nem nossa mãe. Porra, minha mãe é absurda.

V.: Ah, tá todos os bailes da nossa mãe.

R.: Energia como ninguém, todos os bailes ela tá, todos quase.

V.: Mas temos que direcionar, temos que de certa forma alertar, eu acho que isso é importante tá gravado isso aqui, mas além da gravação, a gente de fato chegar e conversar.

R.: É porque ninguém tá ali, principalmente a galera preta lá, não tá ali porque quer, galera quer tá no espaço todo mundo quer estar no espaço, ter espaço ao lazer, não quer levar bala de borracha.

V.: Aquele preto que não tem um acesso, um tipo de conhecimento até questão de faculdade de universidade. Cara mais do que a cultura para levar ele até esse caminho da universidade impossível porque ele escuta todos os tipos de música depois.

R.: Cara, o cara que vai num vai lá no centro nosso. Desde o cara que tá aqui no morro aqui da Caixa, até o cara que tá lá Coloninha que escuta o Poze, ele vai lá, escuta o Poze e ao mesmo tempo tem pessoas que tão lá na universidade que também escutam o Poze, ali vai ter o contato com a universidade querendo ou não indiretamente.

V.: Então se a gente direcionar os movimentos que já tão ligado com essa questão social, principalmente a questão racial, acho que a gente consegue criar algo muito grande além do que a gente.

R.: Principalmente nós historiadores, não mexer com a questão cultural, pô. É. Ué, acho que é uma falha gigante, tem uma tem uma linha do centro do resgate histórico a gente não. Eu acho que também é bem complicado. E onde vem a nossa diáspora porque se a faculdade recusa nossa cultura não, e aí que tá a nossa cultura não recusa. Eu falo tudo que eu, tudo que eu aprendo isso fora, eu só tenho os meus conhecimentos pro baile, sabe? E é isso. Comportamento. Que isso cara? Pode fazer várias linhas. Vários processos criativos maneiras,

várias paradas de *design*, tecnologia, historiador era para tá ali do outro lado com o design para fazer um bagulho massa de bagulho histórico, cultural, fácil para caramba. para ficar ali pá. Eu vou fazer isso daqui.

E.C.: E vocês tem mais alguma coisa para falar?

V.: Não, é isso aí, vão no baile. Acho que não tem mais o que falar. Não digo por ser proprietário ao lado do meu irmão. Mas eu acho que é isso gente, eu acho que ontem eu tava parando para pensar que de reconhecer o trabalho. É esforço, é bastante difícil, muito complicado, tá falando dos desafios, já tá mais duas horas falando só sobre isso. Mas eu acho que cara, quando você se esforça bastante, exemplo, tu tá fazendo o teu TCC. Cara, tu pode chegar e falar para você mesmo, é que você é uma historiadora, foda-se. Isso não é falta de humildade tu tá numa etapa do caminho final que poucas pessoas estariam. Ou vão estar aqui na ou vão estar, sabe? Então, eu tenho essa ciência do baile também. Então, cara, vão, cara, vão lá, compareçam, né? Chamem seus amigos, super bem recebidas, as pessoas vão te receber super bem, minha família, todo mundo que tá lá, todo mundo vai receber super absolutamente bem, você vai se sentir em casa com muitas pessoas falam. E eu reconheço que o baile é isso, eu acho que as pessoas gostam quando vão, adoram, dançam e ficam até suar. Pô sentem de fato um pedacinho das suas casas. Eu acho que é isso.

R.: E é bem legal porque quando a gente fez show agora com a gêmeas, a gente fez questão que a nossa mãe subisse no palco e apresentasse a gente.

V.: Foi bem fofinho.

R.: É, eu falei não, tu vai apresentar. Que é em respeito a tudo, né? Toda a ancestralidade. Minha cabeça ficou um demônio velho. Porque veio muito cara quando preto sobe algum palco assim, muita parada fazendo o rolê da pessoa mesmo subindo tanta dimensão, cara vem muita história. É isso, a gente faz por nós, por quem já passou, por quem vai passar. Ou quem já passou ou quem ainda tá, sei lá, a gente tá com todo mundo.

V.: E vamos aproveitar a última esperança para nos unirmos, porque se não unir agora tô falando. Não digo que vai morrer no modo literário.

R.: Apagamento histórico.

V.: Mas vai acontecer. Vai, vai acontecer. Vai acontecer, os produtores não irão estar aqui, muitas coisas vão acontecer, depois só vai haver o que? Lamento. Ai, que queria. Cara, queria. Foi, meu irmão.

R.: Quando foi, já foi para que não se torne pior do que já foi. Isso aqui tá tudo para ser loteado, colocar um bar daqui a pouco aqui, mais outro bar e acabou.

V.: Eu queria, mas na hora que tivesse não queria. Depois eu vou escutar a mesma coisa que eu tive que escutar que foi, infelizmente, que é uma autocrítica forte depois que o Hudson morreu ficam pô que saudade da Batuk, porra tu nem ia. Tá ligado? Só fosse duas vezes. Depois tu não ia porque aquele cara lá ia lá no bagulho, aí tu nem queria mais, tu nem fortaleceu o bagulho. Tá ligado?

R.: Saudade da Batuk, mas o Hudson morreu com a Batuk vazia. Esse foi o que mais pegou meu coração, mas morreu vazia, isso é fato.

V.: E é isso.

R.: É isso.

E.C.: Mas então tá gente, muito obrigada, foi muito bom, máximo respeito pelo trabalho de vocês.